SERVIÇO DA

JECF

A SERVIÇO
DA JECF

COM APROVAÇÃO
ECLESIASTICA

JUVENTDE ESTUDANTIL CATÓLICA FEMININA

SECRETARIADO NACIONAL

ADULTOS
"A SERVIÇO DA JECF"

- o assistente eclesiástico
- a adjunta
- a conselheira

LIVRARIA DOM BOSCO EDITÔRA

um serviço da ação católica brasileira

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Achamos importante reunir, em um só fascículo, alguns estudos relativos ao papel dos Adultos junto ao Movimento de JECF. Êstes trabalhos não foram elaborados de propósito para figurarem nesta publicação. Lançamos mão de quatro contribuições de origens diversas e procuramos oferecer assim um amplo material de estudo para os que, como adultos, estão **«A Serviço da JECF».**

O primeiro trabalho, que devemos a Carmen Maria Crayde, é o resultado de um estudo feito primeiramente na Semana Regional do Extremo-Sul (Santa Maria — 1962) e apresentado depois no IX Conselho Nacional da JECF.

Com relação ao papel do Assistente, achamos oportuno dar a conhecer um trabalho do Pe. Raimundo Caramurú (Assistente Nacional de JAC-JACF) e que foi apresentado no último Congresso Internacional da JAC (Roma — 1962). O trabalho trata, bàsicamente, da função de um Assistente junto a um Movimento de Juventude de A. C. Especializada. Outras publicações existentes e os estudos que, esperamos, se seguirão, completarão o que falta quanto ao aspecto de Assistente de jovens **estudantes.**

Sôbre a Adjunta Religiosa a apresentação é mais completa, e dará subsídios interessantes para os outros adultos que trabalham com JECF. Trata-se dos resultados de experiências vividas pelas Adjuntas do Canadá e que nos chegam através do testemunho de Soeur Gabriel Lalemant, S.G.C., já conhecida da JECF do Brasil através de uma sua obra, publicada (em tradução) pela Editora Vozes : "A Adjunta Religiosa na JECF".

Por último, algumas páginas sôbre o papel da Conselheira. Considerações em tôrno da missão das ex-jecistas que, por algum

tempo, exercem junto ao Movimento o papel de irmãs mais velhas das dirigentes secundaristas, não numa linha pròpriamente de direção, mas de orientação amiga, seja no plano local, diocesano, regional ou nacional.

Vale lembrar que esta publicação supõe ulterior conhecimento de tudo o que existe como estudo a respeito do próprio Movimento Jecista (sua natureza, seus fins, sua estrutura, seus meios de ação).

Que estas páginas consigam ajudar os que têm como missão contribuir para a autenticidade da JECF, tão insistentemente recomendada pela Hierarquia como parte da educação integral da nossa juventude. Esta publicação vem à luz, precisamente no momento em que o Episcopado Brasileiro, através do "Plano de Emergência para a Igreja do Brasil", urge a necessidade dos Movimentos Especializados de A.C. como elementos integrantes do esfôrço de renovação paroquial e educacional, dentro das exigências de uma Pastoral de Conjunto.

Rio, novembro de 1962.

A Equipe Nacional de JECF

O ADULTO NO MOVIMENTO DE JECF

J.E.C. é um movimento de jovens e conta com a colaboração dos adultos. Faremos algumas considerações sôbre a missão de cada um dentro do movimento. Inicialmente falemos sôbre :

I — O PAPEL DE CADA GERAÇÃO

Cada geração ocupa um lugar na história do mundo e deve nela construir a parte que lhe cabe.
No início dos tempos Deus entregou a terra ao homem para que a povoasse e dominasse, tornando-o desta forma colaborador na Sua obra e participante da criação.

No processo de construção do mundo há encontro de gerações, gerações que passam, gerações que vêm surgindo. Em cada época há ao menos três : a dos jovens, a das pessoas maduras e a dos velhos. Caso estas três gerações coincidíssem, a história paralizaria. Cada uma tem uma contribuição que lhe é própria. Entretanto não vivem isoladas e independentes. As gerações antigas transmitem às novas a cultura de que são portadoras. As novas gerações não a recebem passivamente, mas reelaboram dando assim sua contribuição. «Nas sociedades estáticas os jovens permanecem latentes. Educação será transferência de tradição pelos velhos. Relutam em encorajar as potencialidades latentes nos jovens, suas reservas espirituais e vitais são negligenciadas». Por outro lado «não se pode simplesmente atender às reivindicações da comunidade. O êrro dos exaltadores da criança foi o de julgá-la auto-suficiente, sem atender para a reciprocidade dos grupos de idade e a sociedade». É no encontro e no diálogo das gerações que se dá a construção e a renovação do mundo. «O homem é grande em tôdas as etapas do seu desenvolvimento». (Michel Quoist)

II — J.E.C. — MOVIMENTO DE JOVENS

«Juventude é uma afirmação de vida. Juventude é um carinho de Deus».

A J.E.C. trabalha no meio estudantil secundário com jovens que contam em geral entre onze e dezoito anos. Nesta idade a pessoa está construindo a própria personalidade e busca encontrar um lugar no mundo. Vive uma fase de independização progressiva, passando da total dependência da infância à autonomia e responsabilidade da idade adulta.

«O adolescente é uma criatura que, progressivamente, recebe das Mãos de Deus, por intermédio de seus pais (e educadores em geral), o encargo e a responsabilidade de seu corpo, de seu coração e de seu espírito. Cabe a êle desenvolvê-los, dominá-los e tomar-lhes as rédeas. Só assim se tornará adulto». (Michel Quoist)

A jovem adolescente vive muitas vêzes voltada para o futuro e esquece de viver o momento presente. É preciso que «aprenda a ser, desde já, a mulher que quer ser amanhã». (Paula Hoesl).

A Juventude caracteriza-se como fonte de idealismo, alegria, entusiasmo, doação, heroísmo, receptividade, capacidade de amar,

angústia pelo sofrimento, desejo de perfeição e de melhora para o mundo. Isto implica em renovação para a sociedade e para as pessoas que envelhecem.

Juventude Brasileira :

O Brasil é um país subdesenvolvido e como tal possui elevado número de jovens. Em nosso país, 54% da população tem menos de 20 anos, o que traz muitas conseqüências, entre outras :

• A juventude é solicitada muito cêdo ao trabalho e à solução de problemas que seriam dos adultos, resultando daí o perigo de um envelhecimento precoce;

• A educação é insuficiente quantitativa e qualitativamente;

• O Brasil vive fase de transição e a juventude, pelo seu número elevado e pela sua receptividade às idéias novas, terá grande influência nos rumos que a pátria tomar.

A militante de J.E.C.F. além de jovem é estudante católica e feminina. Daí acrescentarem-se novas características :

• **Estudante :** recebe uma formação sistemática e tem mais possobilidades de se educar em tôdas as áreas da personalidade, especialmente no setor intelectual. O estudo lhe dará certo destaque, facilidades e um papel de liderança na vida da comunidade.

No Brasil o estudante é altamente privilegiado, pois apenas 5% dos brasileiros fazem curso médio e 4% da população maior de 20 anos tem êste curso completo. Esta situação aumenta sua responsabilidade na busca da própria formação e na doação aos outros. A cada um será pedido conforme seus talentos e possibilidades.

• **Católica :** Como católica a militante está comprometida com a Igreja pelo Batismo, pertence ao Corpo Místico de Cristo e deve lutar pela construção do Reino de Deus.

Como militante de Ação Católica o membro de J.E.C. participa do apostolado hierárquico num movimento mandatado e tem uma função de vanguarda, isto é, de abrir caminho, de ser pioneiro, de liderar seu ambiente na vivência do cristianismo, na evangelização e «consagração do mundo».

• **Feminina :** Na J.E.C.F. a militante será feminina, buscando cumprir com autenticidade a missão da mulher naquilo que

lhe é próprio como colaboradora do homem em todos os campos da atividade humana. — (Ver programa de J.E.C.F. — 1961 — 4ª fase).

Assim caracterizamos o elemento básico e essencial da J.E.C.F., a jovem, estudante, católica, feminina. O movimento deve surgir dela para seu meio ambiente. A ela cabe planejar, **ver, julgar** e **agir.** Ela tem que sentir o movimento seu. Ela é a militante.

Diante disto tudo...

III — PORQUE ADULTO ?

A J.E.C. necessita do adulto justamente porque é um movimento de jovens e deve pelos jovens ser dirigido.

Por tudo que foi visto acima, sendo o jovem um ser ainda em formação que busca seu lugar no mundo, precisa do adulto como fonte de :

- **segurança :** a adolescência é uma fase de incertezas e insegurança, que se agrava quando a sociedade vive crises e os próprios adultos estão, muitas vêzes, inseguros;

- **orientação :** a inexperiência dificulta freqüentemente ao jecista, as opções e decisões para a sua vida e para o movimento. O adulto ajudará a ver com clareza, indicará o caminho sem, entretanto, decidir por êle;

- **apoio :** para quando o miiltante se sente «solto» e angustiado. Os cristãos serão, muitas vêzes, fonte de contradição e é preciso coragem para viver autênticamente o cristianismo;

- **estímulo :** o jovem é às vêzes inconstante e pode ocorrer que desanime com algum fracasso. O estímulo sempre necessário e benéfico poderá conduzí-lo muito longe;

- **compreensão :** nas faltas, nos desânimos, nos êrros, nos problemas que surgem. Compreensão não significa displicência, tolerância em tudo (o que seria prejudicial), mas orientação firme na verdade e baseada no amor, nas necessidades da pessoa, na sua aceitação como ela é e não como desejaríamos que fôsse;

• **equilíbrio**: o jovem deixa-se arrebatar por grandes idéias, desejaria transformar o mundo numa hora, faz planos muitas vêzes irrealizáveis. O equilíbrio do adulto ponderará tudo isto, sempre que necessário, não deixando, entretanto, de considerar a opinião do militante.

«É discípulo de um louco quem é mestre de si mesmo». A juventude que desabrocha não deve ser despersonalizada, mas não pode também ficar entregue a si mesma. Sua independização deve ser gradativa, progressivamente (como foi dito acima), o adulto estará perto para quando ela não puder andar sòzinha. «...o jardim está todo êle no comêço da primavera, mas nem por isso o jardineiro se deita sob as árvores, sonhando com cestos cheios de frutos e flôres... Não! Êle corta, poda, persegue os insetos, aduba... Êle sonha com o jardim, mas trabalha para realizar o seu sonho».

A diferença é que as flôres não influem no próprio desabrochar e o estudante é o principal artífice da sua formação. O adulto é o jardineiro atento, a fim de despertá-lo e conduzí-lo em seu caminho.

O adulto é também fonte de continuidade para a J.E.C., que, sendo de estudantes, renova-se freqüentemente.

IV — A AUSÊNCIA, OMISSÃO OU FALHA DO ADULTO PODERÁ TRAZER GRAVES CONSEQÜÊNCIAS PARA A J.E.C.:

• O militante desperta para a realidade e para sua responsabilidade de cristão é solicitado por muitas coisas, para a solução de inúmeros problemas (especialmente num país subdesenvolvido como ficou visto). Se não tiver o apoio de um adulto, as exigências grandes demais poderão levá-lo ao desânimo ou a um amadurecimento muito precoce, com o salto sôbre alguma etapa da juventude, que êle não viverá. Isto pode prejudicá-lo muito em sua formação e, algumas vêzes, o levará ao abandono do movimento, o que pode ocasionar um problema de consciência com conseqüências desastrosas.

• Entregue apenas a jovens inexperientes o movimento correrá também o perigo de desviar-se do seu verdadeiro sentido.

V — PAPEL DO ADULTO

Em função das necessidades acima citadas :

O adulto tem na J.E.C. uma função educativa que deve desempenhar considerando as **diferenças individuais**, sem desejar militantes semelhantes entre si, como se saíssem de uma fôrma, e as características da idade. A êle cabe zelar pela formação integral do militante, tanto no plano sobrenatural como humano. O militante deve ser um jovem normal, com uma personalidade harmoniosa, formação de base e vivência do cristianismo. Deve-se desenvolver nos planos físico, intelectual, social, afetivo, religioso, etc. Deve saber viver em família, na escola, entre amigos, em sociedade. Deve preparar-se para ser esposa ou para o estado de vida que abraçar. Enfim, deve desabrochar de uma forma total na linha de sua vocação. Dêste desabrochar o adulto será o zelador, o guardião, o guia.

O militante não pode ser simplesmente «utilizado» pela J.E.C., êle é uma pessoa humana com destino próprio e personalidade a desenvolver que precisam ser respeitados.

Para tudo isto o adulto não deve impor fórmulas ou ditar leis, mas transmitir um espírito, o espírito do evangelho.

As leis seriam dispensáveis se os homens soubessem amar.

«A letra mata, o espírito é que vivifica. O homem que ama ao Senhor, êste é que será salvo».

«Êste povo honra-me com o lábios, mas o seu coração está longe de mim, em vão, pois, me honram, ensinando doutrinas e mandamentos que vem dos homens».

Formar militantes é essencialmente ensinar a amar. Amar aos homens e, através dêles, a Cristo.

Em espiritualidade é preciso respeitar a formação na ação em tudo que tem de espontâneo e demorado. «É um aprendizado bem longo o aprendizado do amor».

Cuide o adulto em ser sensível às necessidades do militante no momento. É preciso que aos poucos êle penetre no verdadeiro sentido das práticas religiosas, desde à oração, à liturgia e à doutrina. Isto implicará no abandono do formalismo religioso, vazio de sentido e de vivência.

Para um militante adolescente que vive num mundo semipaganizado e busca uma quebra da mediocridade, uma religião integrada na vida, as crises religiosas serão naturais e é necessário que o adulto saiba compreendê-las e orientá-las, dentro de uma autêntica visão da espiritualidade leiga.

O adulto tem ainda a função de ver **mais longe.** Descobrir os problemas, saber as soluções, ver adiante aquilo que o militante não foi capaz de ver, sem entretanto dar tudo pronto e sim orientá-lo nas descobertas.

Em tudo o adulto deverá ter sempre presente que não é êle o centro da J.E.C., mas sim o militante. Quem milita no meio estudantil é o jecista, o estudante, ao adulto cabe auxiliar, assistir. É um grande perigo e êrro grave que o adulto se transforme no centro do movimento e os militantes em seus meros auxiliares. Daí a importância para o adulto em fazer uma constante revisão de suas atitudes, a fim de não «bitolar» ou segurar o movimento para si.

VI — CARACTERÍSTICAS QUE DEVE TER O ADULTO PARA TRABALHAR NA J.E.C.:

• **Maturidade:** Não basta ter idade de adulto, é necessário sê-lo realmente, isto é, ter uma personalidade madura e equilibrada. Um adolescente não poderá orientar outros adolescentes.

• **Espírito jovem:** é necessário que seja capaz de sentir e viver a juventude para poder compreendê-la.

«Juventude é um estado de alma, é um tesouro eterno».

• **Espírito de risco:** O adulto deve saber confiar no militante ,saber arriscar e não ficar prêso a um excesso de prudência que prorroga sempre a ação. A custa de ouvir que tem determinada virtude ou defeito o adolescente termina acreditando.

O jovem é bastante sugestionável, é rico em potencialidades, em conseqüência dificilmente deixará de corresponder ao que se espera dêle. É preciso lançá-lo na ação sem mêdo.

«Mais vale que você corra o risco de se sujar um pouco andando, que morrer sentado». (Michel Quoist).

• **Ser consagrado:** A J.E.C. não pode ser para o adulto que com ela trabalha uma coisa «a mais na vida. É indispensável que êle acredite no movimento e seja um entusiasta do mesmo, capaz de se dedicar, de se consagrar. Isto não quer dizer que êle deve trabalhar só em J.E.C., o que dificilmente é possível, mas que saiba vibrar por ela. Entretanto, apesar das dificuldades, devemos lutar para conseguir em nº sempre maior assistentes e

adjuntas que tenham como principal ou única atividade o trabalho de J.E.C., especialmente em equipes diocesanas e regionais.

• **Ser educador :** O que não significa que se portará como professor a dar aulas. Ser educador é plasmar personalidades. Para tanto é necessário um certo conhecimento da psicologia da adolescência e pedagogia.

• **Heroísmo :** Para superar as próprias falhas e saber compreender uma juventude que vive uma realidade diferente da que êle viveu quando tinha esta idade. Será muitas vêzes obrigado a dar o que não recebeu. Além disto será ponto de ligação entre a comunidade dos jovens e a dos adultos e precisará ser mediador em incompreensões e problemas que porventura surgirem.

O trabalho de J.E.C. exigirá sempre doação e renúncia. Sendo um movimento de caráter renovador, não deixará de provocar incompreensão. Entretanto lembremos : «O servo não é maior que seu Senhor. Se perseguiram A Mim, também a vós hão de perseguir. Se observaram a minha palavra, também hão de observar a vossa.

• **Abertura :** por abertura entendemos receptividade, capacidade não só de dar, mas também de receber, espírito de equipe e de diálogo.

O adulto não é em J.E.C. um mestre a ensinar de sua cátedra, mas um membro da equipe que se formará na ação, junto com os militantes. Êle jamais deverá ser auto-suficiente, mas sim humilde e simples, consciente de que sempre há o que aprender e crescer.

• **Visão da realidade :** O adulto não poderá ser um alienado que desconhece a evolução dos acontecimentos. Êle precisa saber como anda o mundo e o Brasil, e ter visão do meio estudantil de nossos dias e de suas exigências. Seria grave se os militantes conhecessem mais essas realidades, que os adultos, desta forma, êstes não poderiam orientá-los.

Caso os militantes ignorem o assunto o adulto deverá despertá-los para que tomem consciência de suas responsabilidades e sua educação os conduza a um compromisso com o momento histórico em que vivem. (Ver Boletim A.C.B. nº 4).

• **Competência :** Para trabalhar com J.E.C. é preciso conhecê-la em particular e a Ação Católica em geral, entender do

sentido do movimento, da técnica e do método, atualizar-se sempre nestes conhecimentos.

• **Dar testemunho :** Isto é, ser militante, viver autênticamente o cristianismo no próprio ambiente (magistério, comunidade religiosa, sacerdócio). A santidade pessoal do adulto, seu crescimento, sua espiritualidade, têm enorme importância para seu trabalho em J.E.C. O testemunho que êle der, marcará profundamente a vida dos jecistas. «Influimos mais pelo que somos do que pelo que dizemos». (   ).

«Assim, como o ramo não pode produzir frutos por si mesmo, se não estiver unido à videira, também vós nada podereis se não permanecerdes em mim». (João XV, 4)

VII — TIPOS DE ADULTOS QUE TRABALHAM EM J.E.C.

O que foi dito acima aplica-se a todos os adultos que trabalham em J.E.C. Há, entretanto, o que é específico de cada um, e vai adiante explicitado, nesta publicação.

Muito importante é que o trabalho dos diversos adultos seja feito em equipe e tenham todos uma única orientação.

Depois do que foi dito, a muitos talvez parecerá difícil trabalhar com J.E.C.J. Entretanto esta tarefa deve ser encarada como um chamado. «Não fostes vós que me elegestes, mas fui Eu quem vos escolhi e constituí para que fosseis e produzísseis frutos, e o vosso fruto permaneça, para que tudo o que em meu nome pedirdes ao Pai, Êle vô-lo conceda» (João - XV - 16).

O que importa realmente é estar disponível a Deus.

«Na casa de Meu Pai há muitas mansões ; e se assim não fôsse Eu vô-lo teria dito, porque vou preparar-vos um lugar. Depois que Eu fôr, e vos tiver preparado um lugar, voltarei de novo e vos tomarei comigo» (João XIV-2-3).

O ASSISTENTE ECLESIÁSTICO

Do Assistente que é chamado a uma atuação em JECF, ao lado de tôda uma riqueza de qualidades humanas que o credenciarão para um trabalho realmente adulto junto ao Movimento, se pede uma vivência profunda de seu Sacerdócio. Muito se poderia dizer a respeito. Contentamo-nos em indicar, para estudo e meditação, o importante documento que, sôbre a «Renovação do Ministério Sacerdotal», resultou da Vª Assembléia Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (cfr. a publicação : «Plano de Emergência» pág. 26).

Sôbre o seu papel específico de «Assistente Eclesiástico» oferecemos as reflexões que se seguem, e que agradecemos ao Pe. Raimundo Caramurú.

O ASSISTENTE:

SEU PAPEL E SUA FORMAÇÃO

Novas dimensões da pastoral do padre Assistente de um Movimento de Juventude de Ação Católica.

Por tôda a parte o mundo experimenta um grande despertar. A civilização conhece hoje mudanças e transformações cada vez mais profundas. Em algumas regiões a evolução se põe em marcha. Outras já se encontram mergulhadas em graves crises, atingidas por um mal estar geral com repercussões mais ou menos profundas.

É necessário que o mundo encontre o caminho de sua evolução, de sua promoção e integração.

Esta realidade dinâmica com suas exigências de promoção e solidariedade humanas e suas incidências sôbre a vida cristã abre para a Igreja novas dimensões pastorais. Torna-se cada vez mais necessário ajudar os leigos a tomar consciência de seu papel original. É necessário educá-los a uma vida de fé adulta, dentro da nova realidade que se coloca, em face das exigências e das novas estruturas a construir.

Nesta perspectiva encaramos o papel do padre Assistente de um movimento de juventude da Ação Católica.

I — O PAPEL DO ASSISTENTE

Nossas reflexões encaram três aspectos fundamentais:

— O Assistente e o Movimento
— O Assistente e os outros padres
— O Assistente e a Hierarquia

1. O Assistente e o Movimento:

Como educador dos militantes, o Assistente exerce junto ao Movimento uma missão de Igreja, e mesmo uma tríplice missão: **profética, pastoral, sacerdotal.**

1.1 — **Missão profética.** A vida e a ação de um movimento dependem da vida e da ação dos militantes. Precisamos dè militantes, plenamente responsáveis pelo seu meio, que pela açào e pelo testemunho, possam realmente ajudar os jovens a realizar seu total desenvolvimento, e a encontrar-se com Cristo em tôda sua vida. O despertar, a formação e animação dêstes militantes colocam para o Assistente tarefas e exigências precisas.

1.1.1. — **Tarefas do Assistente.** Como representante da Hierarquia, o Assistente vela para que o movimento conserve e aprofunde sua linha e sua ação apostólica, fiel à missão oficialmente reconhecida pela Igreja.

É necessário que o Assistente ajude os jovens, pouco a pouco, a descobrir :

— **Sua vocação pessoal,** seu lugar único e insubstituível no plano de Deus, na construção do Reino. É preciso ajudá-los a descobrir os sinais, os apêlos de Deus em cada acontecimento, cada situação concreta de sua vida e de seu meio. O Assistente desperta e forma nestes jovens um constante olhar de fé sôbre as pessoas, suas atividades, seus problemas, suas reações, e sôbre os acontecimentos e situações em que se encontram mergulhados.

— **as dimensões de sua missão apostólica.** É necessário que êles descubram o «Outro», uma pessoa humana, um filho de Deus; alguém que possue também uma vocação pessoal e um lugar único e preciso no Desígnio Divino. O outro é alguém a quem êles devem se dar sobretudo o Cristo pelo testemunho de sua vida. Êste amor é fundamental e deve ser total e universal. É preciso amar a todos como Cristo os ama.

— **as perspectivas de fé, esperança e caridade nas suas atividades e engajamentos.** A ação que éles lançam e realizam deve ser cada vez mais uma resposta generosa e pessoal aos apelos de Deus manifestados em uma pessoa, em uma situação, em um acontecimento. Através das atividades e contatos pessoais, êles farão passar o testemunho, que revelará Cristo aos outros. Nas dificuldades, nas resistências, nos fracassos ,êles procurarão viver o aspecto crucificado da vida cristã, iluminada por uma viva esperança.

— **os autênticos valores das realidades humanas e naturais no Plano de Deus.** Por esta valorização precisa, êles chegarão a engajamentos autênticos na vida e a uma fé adulta.

— **seus engajamentos em um movimento de Ação Católica, movimento de Igreja oficialmente mandatado.** Êste engajamento durante algum tempo determina-lhes seu papel especial no Corpo Místico, e exige dêles uma especial responsabilidade e fidelidade à Hierarquia.

Em todos êstes aspectos o Assistente é fundamentalmente um educador espiritual.

1.1.2 — **Exigências sacerdotais.**

Esta missão profética coloca para o Assistente exigências bem determinadas. Para bem cumpri-la, é-lhe necessário :

a — **Uma renovação constante de sua ciência teológica.** Queremos ressaltar apenas como imprescindível um aprofundamento da :

— Teologia da Igreja, especialmente o mistério da Igreja, teologia do sacerdócio, do laicato e do apostolado dos leigos ;

— Teologia da História e das realidades terrestres;

— Aprofundamento bíblico, sobretudo do mistério da salvação ;

— Aprofundamento das linhas fundamentais de uma espiritualidade do sacerdócio e do laicato; determinando mais exatamente as exigências do desenvolvimento de sua fé, esperança, caridade e virtudes morais nas condições do mundo de hoje;

— História da Igreja, para determinar os pontos chaves da ação de Deus na Igreja através da História.

b — **O testemunho de seu sacerdócio plenamente vivido** no seu aspecto escatológico e na sua presença no mundo, junto ao povo, no meio dos acontecimentos para descobrir os sinais e os apêlos de Deus. É necessário sobretudo o testemunho de uma profunda e apostólica caridade, traduzida em uma intensa vida comunitária.

c — **O respeito, a contemplação e o acompanhamento da ação da graça** e do Espírito Santo nos jovens que se desenvolvem.

d — **Espírito de Igreja** — O Assistente quer construir a Igreja na juventude. Para êle o Movimento não pode ser um feudo, mas um instrumento providencial nesta construção. Êle procurará situá-lo como uma peça plenamente integrada na construção total.

1.2 — **Missão Pastoral.** Os jovens a ajudar, despertar, formar e evangelizar não são jovens abstratos, estandartizados, em série. São jovens concretos, que devem se desenvolver e encontrar o Cristo em plena vida. É em situações concretas e precisas que êstes jovens jogam seu destino eterno. Esta perspectiva reclama do Assistente uma missão pastoral com tarefas bem precisas.

1.2.1 — **Tarefas do Assistente.** Para formar cristãos em plena vida é indispensável que o Assistente se esforce por :

• **Conhecer os jovens.** Como o divino Pastor, êle deve poder dizer : «Eu conheço minhas ovelhas». (Jo. 10, 14). É necessário conhecer os jovens com seu temperamento, psicologia, reações, aspirações, condições de vida familiar, cultural, social, econômica, política, religiosa.

• **Ser conhecido pelos jovens :** que os jovens possam participar de sua amizade e intimidade; possam sentir sua caridade viva e desinteressada, seu equilíbrio de adulto, sua profundeza de alma; possam sentir seus esforços para desenvolver suas qualidades, corrigir seus defeitos, reparar suas faltas, reconhecer e aceitar suas limitações. É necessário criar um clima de verdadeira amizade humana e sobrenatural.

• **Acolher.** Para criar êste clima é necessário uma atitude permanentemente acolhedora. Os jovens normalmente experimentam dificuldades para expressar suas preocupações, problemas, aspirações mais profundas. É necessário que o Assistente **esteja disponível**, saiba dar-lhes tempo, todo o tempo necessário. É preciso que êle seja **simples.** Como S. Paulo, deve fazer-se tudo para todos. Às vêzes é necessário que o Assistente dê os primeiros passos. Para inspirar confiança é necessário que conserve sempre a serenidade, respeite, ame cada um, na singularidade de sua pessoa. Dar a impressão, sobretudo nos contatos pessoais, que êles podem voltar, sempre que queiram.

• **Partir dos centros de interêsse dos jovens.** Expressar um sincero interêsse por tudo que êles dizem e fazem, por tudo que constitue sua vida e suas aspirações mais profundas. Saber escutá-los sem cortar suas opiniões.

• **Fazer os jovens refletir sôbre tôda sua vida.** A partir dos fatos, dos acontecimentos, das situações, das atividades, o Assis-

tente ajudará os jovens a se desenvolver e a realizar integralmente sua vida e sua vocação pessoal. Esta educação deve levá-los a inserir-se na vida da comunidade nos seus diversos planos (local, regional, nacional, internacional), e prepará-los, pouco a pouco aos engajamentos adultos.

• **Confiar nos jovens e ajudá-los a assumir a plena responsabilidade** de sua vida, de suas atividades de seu meio. O Assistente desperta, anima e respeita suas iniciativas; esforça-se por compreender e orientar os passos desajeitados; fá-los refletir sôbre o sentido profundo de sua ação. A plena responsabilidade do jovem deve crescer e se afirmar sempre mais segundo sua maturidade humana e sobrenatural. Às vêzes o Assistente tem um papel supletivo a desempenhar, mas que deve ser um papel realmente supletivo e não definitivo.

• **Construir a partir dos grupos e das afinidades naturais.** Dar atenção sobretudo aos líderes, evitando presunções ou possíves susceptibilidades.

• **Fazer equipe com êles.** É uma condição fundamental de tôda educação. O Assistente deve ser alguém, que no seu papel específico participe intensamente da vida dos jovens. É também um membro da equipe de militantes ou dirigentes, mas deve esforçar-se para não transferir seus problemas pessoais aos jovens e adolescentes, incapazes de superar tal situação.

1.2.2 — **Exigências sacerdotais.** Para realizar esta missão o Assistente deve :

• **Ser adulto** humana e sobrenaturalmente. Deve ser alguém, que na medida do possível realizou a síntese equilibrada de sua personalidade, capaz de observação sagaz, de reflexão e decisão pessoal, de uma fidelidade absoluta à sua consciência.

É-lhe necessário um esfôrço para desenvolver tôdas as suas qualidades humanas e dons sobrenaturais, e para viver profundamente no Espírito Santo. Êste testemunho e êste equilíbrio de vida do Assistente é um dos elementos de educação mais decisivos.

• **Fazer um esfôrço de conhecer, sempre mais profundamente, a realidade** por uma cultura humana, a mais vasta e sólida possível. A observação e a educação são os elementos decisivos

desta cultura, mas o estudo também é indispensável. É necessário que aprofunde seus conhecimentos de psicologia, pedagogia, economia, política, sociologia, educação fundamental, avanços técnicos, técnicas de grupo e de liderança, meios de difusão e comunicação com a massa, etc... e queremos ajuntar ainda conhecimentos mais profundos da Doutrina Social da Igreja.

• **Irradiar uma caridade ardente e apostólica** para chegar a um testemunho autêntico. Esta caridade o levará a uma intensa vida de equipe com os jovens, elemento fundamental para despertar e aprofundar nêles as inquietudes fecundas e indispensáveis.

1.3 — **Missão sacerdotal**

O Assistente exerce ainda junto ao Movimento um papel especìficamente sacerdotal. A educação, o desenvolvimento da fé, esperança e caridade exigem dos jovens :

• **Uma conversão do coração.** O pecado original e os pecados pessoais são obstáculos que os impedem de encontrar-se com Cristo. Os acontecimentos, as situações são não sòmente apêlos e sinais de Deus, mas manifestam também muitas vêzes sinais de pecado.

A conversão do coração, o despojamento interior, a recusa total do pecado são condições indispensáveis de crescimento no Cristo.

Às vêzes os jovens conhecem os caminhos e as verdadeiras exigências de seu desenvolvimento e de sua fé, mas experimentam ao mesmo tempo reais dificuldades de uma adesão total e efetiva. É necessário que o Assistente os ajude não apenas a discernir o caminho, mas também a dar os passos necessários, levando-os a uma decisão pessoal.

• **Uma adesão total ao Cristo vivo na Igreja.** A adesão a Cristo em tôda a vida não é o resultado de um esfôrço humano, mas sobretudo uma ação sobrenatural de Deus, que exige uma resposta pessoal do homem.

O Assistente por sua presença sacerdotal será muitas vêzes o mediador destas graças. Como representante da Hierarquia, êle possui carismas especiais para desempenhar esta mediação. Mui-

tas vêzes uma pequena palavra sacerdotal será instrumento providencial que permitirá tôda uma conversão e interiorização dos dons.

• **Uma comunidade apostólica.** O grupo de militantes forma uma comunidade apostólica, comunidade de Igreja, autenticada pela presença do Assistente, delegado do Bispo. É uma comunidade que possui a inquietude cada vez mais operante de construir a Igreja na juventude. Suas preocupações e sua ação missionária devem orientar-se para a comunidade eucarística e nela encontrar seu termo. A comunidade dos militantes forma o laço orgânico entre a comunidade humana e a comunidade litúrgica. Êste encaminhamento exige uma presença sacerdotal do Assistente.

1.4 — Meios de atuação

Conforme observamos, o Assistente é antes de tudo um educador dos militantes. Êle desperta, anima, faz refletir, aprofunda a ação e a orientação do Movimento, assegura a linha apostólica, firma a doutrina, abre novas perspectivas, santifica, forma à plena responsabilidade e à fé adulta. Estas tarefas são realizadas em uma intensa vida de equipe com os jovens

a. Por todos os meios de que dispõe o movimento : reuniões de militantes atividades, recolhimentos, retiros etc...

b. Pelos contatos pessoais;

c. Nos momentos decisivos da vida dos jovens :

— maior responsabilidade assumida na família, no Movimento, na comunidade;
— início ou escôlha de um curso, conclusão de outro; insucessos;
— contato entre rapazes e moças, noivado;
— morte, doença grave, fracassos, calamidades;
— partida para outro lugar.

Por todos êstes meios e em todos êstes momentos o Assistente ajudará os jovens a um aprofundamento humano e sobrenatural.

2. O Assistente e os outros padres

2.1 Entre si os Assistentes procurarão levar uma intensa vida de equipe. Procurarão ajudar-se mùtuamente a desempenhar

seu papel pelo testemunho, pelos contatos pessoais, pelas reuniões de equipe, pela participação comum nas realizações do Movimento.

2.2 — Com os outros padres, que não são Assistentes, procurarão descobrir e viver a colegialidade de seu sacerdócio. Tomarão consciência da complementariedade de sua missão pastoral, para chegar a um verdadeiro trabalho de Igreja.

3. O Assistente e a hierarquia

Por seu sacerdócio, o Assistente comunga no sacerdócio do Bispo. Junto ao Movimento êle é o representante da Hierarquia que lhe confia esta missão pastoral. É-lhe necessário;

— Uma fidelidade absoluta à orientação do Bispo no cumprimento de sua tarefa. Mas esta fidelidade exige também :

— Uma simplicidade e sinceridade evangélicas. O Assistente envidará todos os esforços para colocar os leigos em contato com o Bispo e tornar uma autêntica realidade o diálogo Hierarquia-Laicato. É necessário que o Bispo esteja ao par de tôda a vida do Movimento da ação dos dirigentes e militantes, da realidade e das dificuldades que êles enfrentam para a evangelização do meio.

Êste diálogo permitirá ao Bispo orientar a pastoral mais objetiva e eficazmente, e permitirá ao Movimento uma ação mais vigorosa em uma fidelidade à Igreja e ao seu meio.

II — O ASSISTENTE E SUA FORMAÇÃO

O papel do padre como Assistente, tal como nós o encaramos, apareceu com a Ação Católica É, por conseguinte, algo de relativamente recente. Faz-se, pois, necessário que os padres sejam formados para esta tarefa.

1. ALGUMAS PERSPECTIVAS

Partimos da realidade de muitos países onde existe um clero pouco numeroso. Nestes países é por vêzes difícil ter Assistentes liberados. A maior parte dos Assistentes exercem também outros ministérios. Éles são em grande parte párocos ou coadjutores e professôres.

Em geral, êstes padres não foram preparados no Seminário para esta tarefa de Assistentes. Há padres que são formidáveis como chefes da comunidade paroquial, mas que experimentam sérias dificuldades como educadores dos militantes leigos. Apontamos algumas entre outras:

• **Um certo individualismo** marca tôda a ação pastoral. Não foram preparados para trabalhar em equipe. A dimensão colegial de seu sacerdócio não foi desenvolvida. É difícil para êles compreender e mais ainda viver a complementaridade de sua ação pastoral. Resistem à orientação da autoridade diocesana, fecham-se a uma cooperação horizontal com os outros sacerdotes, e às diretivas dos movimentos nacionais mandatados.

• **Um certo juridicismo.** O ministério torna-se uma simples função a desempenhar, concentra-se numa administração ritual dos sacramentos, numa concepção unilateral do «ex opere operato». Negligenciam o aspecto fundamental de evangelização.

• **Um certo subjetivismo.** Não estão habituados a um esfôrço real para conhecer objetivamente a realidade. Orientam-se por impressões vagas, idéias preconcebidas, visão subjetiva. Desconhecem a evolução do mundo de hoje ou dela desconfiam.

• **O imediatismo.** Buscam receitas pastorais que dêem resultados imediatos. Centralizam tôda a atividade pastoral, desconhecem o papel autêntico e insubstituível do laicato.

• **As tarefas do ministério são esmagadoras.** As distâncias, o número de cristãos para um só padre, a sobrecarga de uma prática sacramental freqüente, o meio humano e a situação religiosa muito adversa em alguns casos, são condições esmagadoras para muitos padres.

• Esta sobrecarga do ministério é muitas vêzes seguida de **uma falta de planejamento** do trabalho segundo uma hierarquia de valores, segundo objetivos e etapas precisas.

• **A solidão** e o **isolamento** físico, intelectual, humano e espiritual corrói muitas vidas sacerdotais e as torna infecundas.

• **Uma deficiente formação humana,** com desprêzo dos valores humanos e realidades naturais, uma insistência unilateral no

aspecto escatológico do sacerdócio, impedem muitos sacerdotes de assegurar uma autêntica presença sacerdotal ao mundo que devem salvar.

2. ALGUNS PASSOS NA FORMAÇÃO DE ASSISTENTES

A formação de um Assistente é tarefa inteiramente educativa e sobrenatural. Ela exige tôda uma pedagogia. Queremos apenas chamar atenção para alguns pontos importantes a assegurar :

• **Criar um clima de amizade e de confiança.** É necessário ser simples e cordial, evitando a posição de um mestre que ensina, para tornar-se um amigo sincero que presta serviços. Ser amigo não apenas nos trabalhos do Movimento, mas em tôda a vida humana e sacerdotal.

• **Partir das situações concretas em que se encontra cada padre.** Realizar o trabalho levando em conta a mentalidade do padre, o temperamento, a maturidade, as experiências e as realizações pastorais. É preciso levar em conta a realidade da comunidade humana e paroquial em que o padre desenvolve também seu ministério, procurando conhecer esta realidade, compreendê-la e procurar ajudar o padre a partir desta base.

• **Levar os padres à observação, à reflexão, e ao aprofundamento.** Dentro dêste objetivo é importante que êles se habituem ao inquérito, à pesquisa, aprendam a escutar as pessoas, adquiram o hábito da observação constante, reflitam pastoralmente sôbre os fatos, os problemas, as situações. Esta descoberta e esta consciência mais profunda da realidade objetiva proporcionarão os elementos indispensáveis de uma renovação.

• **Fazer sentir a necessidade de um trabalho em equipe com os outros padres e com os leigos.** Quanto mais penetrarem a realidade, êles se darão conta das dimensões pastorais mais largas, mais complexas, às quais êles não podem responder sòzinhos. A partir desta descoberta será possível iniciar todo um trabalho de equipe, e aprofundar todo um sentido de Igreja e da colegialidade do sacerdócio.

• **Ajudar a descobrir o papel da Ação Católica Especializada no conjunto da pastoral.** Esta visão de conjunto é necessária para todos os assistentes, mas especialmente para aquêles que não são párocos.

3. MEIOS A EMPREGAR

Entre os meios queremos apenas ressaltar :

• **Os contatos pessoais.** Êstes contatos podem desenvolver e tornar mais fecundas as trocas de experiências entre Assistentes. Durante as visitas, as reuniões do clero, e em muitas outras ocasiões é preciso intensificar êstes contatos verdadeiramente sacerdotais.

• **A correspondência pode também estabelecer relações muito vivas e estreitas entre os Assistentes.** Sobretudo num país onde as distâncias dificultam os contatos pessoais, a correspondência pode desempenhar um papel considerável. Ela permanece sempre um verdadeiro contato.

• **Participação em encontros e em outras atividades do Movimento.** O clima de um encontro bem orientado, o testemunho vivo dos dirigentes e militantes podem provocar nos padres o primeiro choque, ou fazer descobrir mais profundamente as exigências dos leigos e o seu papel de Assistente.

• **Encontros especializados para Assistentes,** nos diferentes níveis segundo as necessidades, possibilidades e conveniências. Para êstes encontros é preciso fixar objetivos claros e precisos, o tipo de participantes para garantir uma certa homogeneidade, e um programa muito adaptado. Além disso, é necessário a presença de alguns Assistentes mais experimentados, capazes de dar um testemunho decisivo e garantir a animação e a sêde de aprofundamento.

É importante também assegurar a participação de dirigentes leigos, que apresentem seus pontos de vista e dêem seu testemunho.

• **Equipes de assistentes.** Os Assistentes, muitas vêzes, experimentam a necessidade de se encontrarem mais freqüentemente para intensificar suas trocas de experiências e aprofundar sua ação apostólica e sua espiritualidade. Como resposta a esta necessidade podem se organizar equipes de Assistentes. Os Assistentes de uma mesma zona ou de uma mesma diocese encontram-se para fazer uma revisão de seu trabalho, às vêzes revisão de vida, um aprofundamento espiritual e doutrinal, uma troca de seus pontos de vista e planos de ação em comum.

• **Equipes sacerdotais.** Cada Assistente na sua zona se esforçará para realizar um trabalho de equipe com os outros padres da zona, dentro das perspectivas que antes esboçamos. À medida que a equipe avança e se firma, é todo um trabalho de renovação pastoral de uma zona que se torna possível.

Esta renovação pode dar ao Bispo os elementos necessários e as experiências que permitem encarar, iniciar e estruturar uma pastoral de conjunto para tôda a Diocese.

Todo êste trabalho deve levar em conta a realidade e a orientação da Diocese. O Bispo deve ser colocado ao par de tudo que se faz.

• **Publicações.** É muito importante que os Assistentes recebam e leiam as publicações do Movimento. É um meio indispensável para que êles se possam colocar em dia, seguir a marcha do Movimento e ajudar os militantes no seu aprofundamento.

Um boletim para os Assistentes ou para o clero em geral pode prestar um grande serviço. Pode permitir uma larga troca de experiências e de pontos de vista. Pode apresentar elementos de estudo, informações precisas, orientação para o trabalho do Movimento e para o papel do Assistente, tôda uma abertura pastoral.

Pode-se também fazer publicar artigos especializados para Assistentes nas revistas do clero.

4. OS LEIGOS FORMAM O ASSISTENTE

Os leigos desempenham um papel decisivo na formação de Assistentes. É necessário que êles :

• **Ajudem o Assistente a conhecer e compreender a realidade** na qual vivem os jovens. Êles podem levá-lo a uma reflexão sôbre esta realidade e sôbre as exigências pastorais que dela decorrem.

• **Coloquem-no ao par de tôda a vida do Movimento :** as situações descobertas, os planos, as realizações, os fracassos, o trabalho de cada militante etc... É necessário refletir com êle sôbre a vida do Movimento e a orientação a dar.

• **Esforcem-se por compreender** suas qualidades, limitações e defeitos. É preciso encará-lo como homem, mas como homem de Igreja, evitando as censuras negativas e buscando os meios de ajudá-lo positivamente.

Discretamente ajudá-lo-ão a descobrir o que os militantes e jovens esperam dêle e o apoio que êle, como Assistente precisa dar-lhes.

• **Dêem um autêntico testemunho.** Os padres não resistem ao testemunho de um leigo verdadeiramente apostólico. Êste testemunho será para êles uma nova luz, um forte encorajamento para desenvolver suas energias sacerdotais. Em geral os padres têm necessidade do testemunho dos leigos para aprofundar seu sacerdócio. Em muitos casos êste testemunho é o instrumento providencial de maior eficácia na formação dos Assistentes.

5. OS SEMINARISTAS, ASSISTENTES DE AMANHÃ

É preciso preparar os seminaristas para suas futuras tarefas de Assistente. Com o acôrdo do Bispo e da direção do Seminário podemos desempenhar um papel importante nesta formação. Assinalamos sòmente alguns pontos ;

5.1 — Pontos fundamentais.

Na formação dos seminaristas poderíamos retomar todos os pontos antes apresentados como exigências sacerdotais do Assistente, adaptando-os à vida e ao tempo do Seminário.

• **Formação intelectual.** Nos estudos previstos para o programa de Seminário, aprofundar no estudo da teologia e das ciências humanas, os mesmos aspectos que antes havíamos assinalado como fundamentais para os Assistentes.

• **Formação humana.** É necessário que os Seminários formem não apenas intelectuais, mas principalmente homens. É necessário dar aos seminaristas uma formação integral.

Não basta que êles recebam conhecimentos teóricos. É necessário ajudá-los a descobrir e a viver o exato valor das realidades humanas e naturais.

• **Formação espiritual.** Queremos insistir sôbre um aprofundamento do sacerdócio e da vida da Igreja, traduzida em uma intensa vida comunitária. É necessário que o Seminário se torne, cada vez mais, uma comunidade viva.

• **Formação pastoral.** Êles devem adquirir conhecimentos mais largos e completos sôbre o Movimento, sua doutrina, sua pedagogia, seus métodos. Pouco a pouco também dar-se-lhes-á uma visão de conjunto da pastoral. Segundo as possibilidades e as conveniências êles podem seguir, durante algum tempo, um grupo de militantes como vice-assistentes.

5.2 — **Meios a empregar.** É preciso proporcionar aos seminaristas ;

• Visitas dos Assistentes e Dirigentes aos Seminários para transmitir-lhes a vida e as experiências do Movimento, e ajudá-los no trabalho de pesquisa e de aprofundamento.

• Participação dos seminaristas em encontros e atividades do Movimento, sempre que possível.

• Correspondência com os Assistentes, com dirigentes, militantes e outros seminaristas.

• Dias de estudo e encontros especializados para seminaristas.

5.3 — **Equipes de A.C. nos Seminários.** É o meio mais decisivo. O objetivo destas equipes é dar a seus participantes uma formação mais intensa para as tarefas de Assistente em cada um dos setores especializados.

Estas equipes apresentarão aspectos diferentes em cada Seminário, porque elas serão construídas a partir de tôda a vida do Seminário, e serão conduzidas de acôrdo com a direção do mesmo. Assinalamos dois tipos principais de equipe ;

a. Quando tôda a vida do Seminário está baseada nesta formação, tal como nós a havíamos esboçado, a equipe de A.C. se organiza mais em função de uma formação pastoral mais imediata.

b. Quando o Seminário, por motivos diversos, não chega a dar êstes pontos fundamentais de formação, a equipe neste caso desempenha um papel complementar, de formação intelectual, humana e espiritual. Êste papel será desempenhado com muita discreção e humildade. É preciso evitar, a todo o custo, que a equipe forme um grupo fechado, ou de gente «snob». É preciso ser muito discreto, participar intensamente de tôda a vida do Se-

minário, para dar um testemunho de maturidade, de espírito apostólico, de caridade autêntica. Os membros da equipe fazem no Seminário um autêntico trabalho de militante. Devem contribuir positivamente para que o Seminário todo se torne cada vez mais uma comunidade viva.

Em ambos os casos é de grande utilidade que um padre do Seminário acompanhe a equipe como Assistente. Sobretudo no aspecto pastoral esta presença sacerdotal é decisiva. O padre, porém deixará à equipe tôda a capacidade de iniciativa, levando-a a assumir a plena responsabilidade.

Pode-se aproveitar sobretudo as férias para aprofundar e alargar mais decisivamente a formação pastoral.

Esboçamos apenas as linhas fundamentais de uma experiência. Não é possível, no quadro desta exposição, apresentar maiores detalhes.

CONCLUSÃO

Queremos apenas reforçar a importância decisiva para nossos Movimentos de precisar objetivamente o papel do Assistente e intensificar sua formação. O Assistente não dirige o Movimento, mas é sua alma (Pio XI).

A vitalidade de cada Movimento depende muito daquilo que forem seus Assistentes.

A ADJUNTA RELIGIOSA NA JECF

Este trabalho se deve à Ir. Gabriel Lalemant, S.G.C. As Irmãs do Noviciado das Dominicanas do SSmo. Rosário (Uberaba — Minas) fizeram a tradução. Um grupo de Adjuntas e Dirigentes da JECF do Brasil procurou fazer uma adaptação do texto, tendo em vista não sòmente as questões de terminologia, como as experiências vividas pelo Movimento jecista no Brasil. Ao oferecer estas páginas às Adjuntas, o Secretariado Nacional da JECF deseja que elas sejam o ponto de partida de aprofundados estudos e de experiências novas que, esperamos, nos sejam comunicadas.

O presente estudo obedece à preocupação de examinar, especialmente, três pontos :

- A Adjunta e sua nomeação;
- A Adjunta e a Equipe;
- A Adjunta e a Militante.

I — A ADJUNTA E SUA NOMEAÇÃO

É mister pensar-se sèriamente no problema nomeação da Adjunta, por causa das imprecisões que comporta e dos problemas que suscita, tanto no plano das Comunidades quanto no do Movimento. Trata-se de saber, em primeiro lugar a quem pertence fazer essa nomeação que introduz uma religiosa — uma leiga apresenta menos complicações — numa obra da Igreja definida como «colaboração do laicato no apostolado hierárquico».

Além disto, a tarefa que espera a escolhida é muito complexa e exige qualidades que ela deve já possuir ou logo procurar adquirir: o testemunho da vida e a irradiação espiritual são indispensáveis quando se trata de adolescentes nas quais a identificação tem um papel que não se pode ignorar.

Assim, esta primeira parte procura responder duas grandes interrogações :

1. Quem deve fazer a nomeação?
2. Quem deve ser nomeada?

Queiram perdoar a ausência de um estilo estritamente jurídico que necessàriamente se tornaria frio. Preferimos entrar num diálogo fraterno — que não exclui a franqueza de uma sinceridade absoluta — que exporá claramente as exigências de uma obra da qual dependem em grande parte a marcha da Igreja no nosso país, e a salvação de uma adolescência tão profundamente ameaçada em nossos dias.

1 — QUEM DEVE FAZER A NOMEAÇÃO

+ Estado da questão

A Ação Católica especializada, que comporta um mandato para os militantes, tem também suas exigências a respeito das Adjuntas. Como ela se define : «colaboração do laicato ao apostolado hierárquico», segue-se lògicamente que laicato e hierarquia devem ser consultados ou ao menos devem delegar poderes quando se trata de nomear oficialmente um membro em sua orga-

nização, sobretudo quando êste membro é chamado a desempenhar um papel importante. O Assistente diocesano ou local, segundo o caso, devem participar, senão pessoalmente, ao menos virtualmente numa tal nomeação.

No caso de uma Adjunta leiga, a situação parece bastante clara e o mecanismo muito mais simples. Na maioria das vêzes é a pedido do Assistente que a diretora da escola organiza uma seção. Se a iniciativa vem dela, porque tornou-se consciente das necessidades das jovens, ela deve consultar o Assistente, que se tornará êle mesmo Assistente colegial ou delegará um outro ou ao menos dará sua aprovação. Em ambos os casos, naturalmente, os dois elementos fundamentais são respeitados: laicato e hierarquia.

A situação complica-se quando se trata de uma religiosa Adjunta que, embora permanecendo leiga, já que não é sacerdote, comprometeu-se por votos nesta porção particular do laicato que são as **consagradas.** Não se trata de discutir neste artigo o valor das vocações em si, — Pio XII fê-lo maravilhosamente em sua encíclica «De Virginitate» — mas trata-se de encarar a situação de frente e de se conformar aos fatos tais quais se apresentam. O mandato da Ação Católica é dado ao laicato pela Hierarquia. A religiosa vive à margem de um, e nunca fará parte de outro. Seu mandato apostólico é presentemente objeto de pesquisas interessantes e poder-se-ia consultar com proveito dois volumes da Coleção: «Problèmes de la religieuse d'aujord'hui» — (editions du Cerf): «L'Apostolat» (janvier 1957) e «Le rôle de la religieuse dans l'Eglise» — (mars, 1960). — A religiosa tem pois um estatuto particular que necessita uma conduta particular quando se trata de integrá-la no movimento da Ação Católica, por uma nomeação em boa e devida forma.

+ Obra de colaboração

Vejamos pois claramente a situação. As Superioras religiosas distribuem as obediências no interior da Comunidade e isso é certo, já que são elas que têm autoridade legítima na ocorrência. Mas quando se trata de nomear a Adjunta colegial e com maior razão, a Adjunta diocesana, há condições para serem cumpridas que são mais do que simples formalidades e que se afirmam de mais a mais mesmo no nível das Comunidades. O volume **Apostolat** da série, fora do comércio, dos «Problèmes de la Religieuse d'aujourd'Hui». (Editions du Cerf 1957) consagra o sexto capítulo ao estudo canônico do mandato da religiosa ativa.

É pois um fato reconhecido e muito lógico que numa nomeação, pondo em causa o laicato e a hierarquia, as duas partes sejam consultadas. Nessa ótica, a nomeação da Adjunta local tornase pois uma obra de «colaboração» entre o Assistente local e a Superiora local; a da Adjunta diocesana entre o Assistente diocesano e a Superiora maior provincial ou geral, segundo as circunstâncias.

Esta «colaboração» precisa de matizes e de consultas. Não é fácil estabelecer quadros rígidos por causa da situação complexa segundo as dioceses, e segundo as Congregações. Algumas dioceses têm comissões diocesanas e outras não as têm. Esta comissão diocesana trabalha eficazmente em certos lugares, enquanto noutros ela não tem nenhuma ação organizadora. Mais, algumas congregações nomeiam responsáveis na Congregação que trabalham estritamente na J.E.C. enquanto outras congregações concedem a êstes responsáveis uma certa voz consultativa quando se trata de nomeação das Adjuntas. Assim se ordenam todos os degraus da responsabilidade pelo próprio fato das possibilidades de ação. Em tais condições, apresentaremos sòmente algumas considerações essenciais deixando o contingente à compreensão e a disponibilidade das pessoas em causa.

A Adjunta local deve ser nomeada pelo Assistente e pela Superiora que deverão levar em conta o grau de aceitação da secção em relação à candidata e a opinião da responsável da Comunidade ou da Adjunta diocesana.

Essas últimas conhecem ou devem conhecer as exigências do movimento, o estado da secção e sua opinião poderá evitar nomeações lastimáveis que retardam a marcha da J.E.C. quando elas não a paralizam totalmente. Pode acontecer que o Assistente delegue totalmente seus poderes à Superiora ou à diretora da Escola. Compete então a esta, estudar a situação e escolher, em seu pessoal, a religiosa que achar mais apta para desempenhar esta função considerando sempre as necessidades da secção e a opinião da Adjunta diocesana.

No caso de uma Adjunta diocesana, o assistente diocesano dirige-se às Superioras maiores, depois de ter por sua vez, consultado a federação e os outros membros da Equipe diocesana. Se é importante que a Equipe seja completa, é ainda mais necessário que a vida de equipe nela seja possível.

É para notar que uma tal «colaboração» está se manifestando de mais a mais tanto no plano local, como no diocesano. Isto é sinal de que se aceita, tomar a sério o Movimento, que nêle se

descobre : uma fórmula de formação apostólica, respondendo de uma maneira adequada às necessidades dos tempos e dos jovens. É assim que se consentirá em «sacrificar» à obra, educadores de grande valor que lhe darão sua fisionomia autêntica e lhe farão alcançar sua plena eficácia.

+ Razões de uma tal colaboração

Isto pode parecer novo, talvez um pouco revolucionário, que a nomeação da Adjunta seja uma obra de colaboração, às razões puramente jurídicas, podem se acrescentar razões psicológicas sérias. O Assistente tem talvez objeções à nomeação de tal religiosa em questão que escapam talvez à observação do Assistente e fluência sôbre as alunas, seja por causa da orientação de seu espírito ou de sua espiritualidade : aspectos que não são sempre percebidos, com facilidade, no interior da Comunidade. De outro lado, a Superiora conhece alguns traços da personalidade da religiosa em questão que escapam talvez à observação do Assistente e que tornarão seu trabalho de irradiação e de cooperação difícil com suas co-irmãs. Mais ainda, a Superiora pode ter em vista para esta religiosa um outro ofício que a guardará no serviço da Igreja, mas num outro setor. Enfim, seria desejável que a própria religiosa seja consultada e seu horário de trabalho estudado a fim de não impor uma sobrecarga que deprime a pessoa e jogue o descrédito sôbre a própria obra. Enfim, pode acontecer, também que interêsses diferentes entrem em conflito. Em tal ocorrência é necessário saber delimitar onde se encontram o bem autêntico dos jovens e o serviço da Igreja, depois interpretar a situação segundo uma sã hierarquia de valores.

+ Objeções e respostas

Ver-se-á, talvez, neste modo de agir uma exceção, à disciplina religiosa que quer que a Superiora seja a única depositária da autoridade. Talvez, mesmo, chegar-se-á a recear uma certa onda de independência nas religiosas que receberam uma obediência à margem dos quadros comunitários. Para responder a um tal receio, consideremos dois aspectos da questão.

Notemos, em primeiro lugar, que a obediência recebida não é «a margem de» ... pois que a Superiora «colaborou», o que significa mais do que uma simples consulta ou aprovação. A nomeação tornou-se uma obra de equipe, em que todos os responsáveis tiveram ocasião de emitir sua opinião.

Mas, certamente, a relgiosa em questão terá licenças que algumas chamarão «privilégios» : viagens para dias de estudo, encontros interessantes, recolhimentos, livros de consulta específica, até certas dispensas para que as reuniões possam ter lugar a horas que convêm às jovens e durante bastante tempo para permitir um trabalho eficaz. A Adjunta que tem alguma experiência sabe o que tais «privilégios» significam. Êles trazem, de certo, o desenvolvimento pessoal e evolução espiritual, mas êles produzem também atrapalhações, fadigas, preocupações apostólicas e, às vêzes, incompreensões que é sempre difícil de suportar. Se tais privilégios se tornam para a Adjunta uma ocasião de se desligar de seu meio comunitário, ou uma fonte de compensações, mais ou menos duvidosas, pelos sacrifícios que lhe pediram seus votos, é claro que tal religiosa não tem a maturidade requerida para se ocupar de alunas grandes e ainda menos para ter, a seu cargo uma obra extra-curricular... e aí não é só a J.E.C. que está em causa. É preciso pensar também nas diretoras das associações de ex-alunas, e de obras apostólicas, nas assistentes sociais, nas encarregadas das associações de Pais e Mestres, dos círculos pedagógicos, das comissões especializadas, etc. O pequeno opúsculo «Ecole et Sainteté» de Calmel (Editions de l'Ecole, Paris, 1957) faz um estudo interessante dos problemas que podem surgir de tais situações e as conclusões, às quais êles chegam, valem a pena ser meditadas longamente. Em muitos casos o mundo espera da religiosa mais do que uma dedicação escondida. Êle exige sua presença efetiva no real do século XX e seu testemunho de consagrada em relação a valores que ela deve ter ultrapassado, para dêles destacar o sentido juntamente trancendental e eterno

2 — QUEM DEVE SER NOMEADA ?

+ Situação de fato

Será que se dá a êste aspecto da questão a importância que se deve? Não acontece muitas vêzes que o papel da Adjunta é confiado quase automàticamente à titular de tal ou tal ano? para tal ou tal setor? Quando se fêz a nomeação da titular em questão, pensou-se que ela acumularia os dois cargos?

Deve-se admitir que, de mais a mais, as Superioras maiores ou locais e as diretoras de escolas procuram dar à J.E.C. Adjuntas que estarão à altura de seu mandato Mas não se improvisa a Adjunta. As professôras religiosas ou leigas têm o dever de evoluir na linha de sua profissão e isto faz parte de sua responsabi-

lidade pessoal. Não basta **ter feito** o Escolasticado ou a Escola Normal para ser marcada «Educadora». A exortação de uma Superiora, o conselho de uma diretora não agem ex opere operato. Temos nós também que lutar contra a lei da inércia e da espera — por tão cômoda que seja e tomar em mão a nossa alma para fazê-la desabrochar sob o sopro do Espírito, através da tarefa que nos é determinada. A cultura da inteligência e a formação do coração são obras pessoais e de longo fôlego. Há um trabalho de formação ou de reforma de si que nos incumbe ao longo de nossa vida ... o dia em que nossa inteligência não se cultivar mais, em que o coração não se aplicar mais à obra, é tempo de deixar o ensino. Nós perdemos então o senso do «movimento», o senso da «vida», diriam os filósofos.

Vejamos pois, juntas, as exigências pessoais de um tal mandato, tanto para esclarecer aquêles e aquelas que são responsáveis pelas nomeações, quanto para estabelecer um tipo ideal para as que estão, já, nas primeiras linhas da ação.

+ Uma educadora «refinada»

Um diretor de Escola Normal, diante de quem se explicava o que se espera de uma Adjunta de J.E.C., resumiu assim seu pensamento : **«Mas é de uma educadora refinada que precisam».** E por que não ? Quando se vêm as qualificações e as especializações exigidas em nossos dias para a difusão do saber humano, não se teria o direito de pedir às encarregadas da formação apostólica dos dirigentes, dos líderes de uma instituição, qualidades intelectuais, sociais e espirituais que ultrapassem um pouco a média ? Se se escolhe com cuidado uma regente de turma, uma mestra de disciplina, uma responsável dos jogos, com mais razão a que terá a cargo personalidades ao mesmo tempo fortes e exigentes que são ou devem ser — as militantes. Queixa-se de apatia, do torpor das alunas ! Será que procuramos saber em que consistem suas atividades extra-escolares ? Um pequeno inquérito dêste gênero poderia nos reservar surprêsas. A hora não é certamente para «moralização» — nós a empregamos demais — mas para o exame pessoal. Por que nossas estudantes estão tão pouco presentes a seu meio escolar e tão desejosas de deixar a escola ? Há muitos fatores extra-escolares que podem explicar uma tal situação. Mas a consideração dêsses fatores não criariam em nós o que se poderia chamar uma falsa «boa consciência»? Esquecemos de estudar o ambiente de nossas casas de educação. Religiosas e leigas, internatos ou externatos. Temos mêdo de encarar o real : a lucidez —

é tão dura de suportar! Muitas vêzes não temos a humildade de admitir nossas lacunas e porisso mesmo fazemos pouco para remediar a situação. E depois, deve-se ousar dizer que se encontra em algumas educadoras um temor, inconsciente talvez, mas real do «tipo chave», «da adolescente líder»? É uma personalidade forte que entra em conflito com a nossa que tem talvez exigências às quais nos é difícil responder. É então um mêdo de perder sua «autoridade», segundo a expressão recebida em meios educadores. Então lá onde deveria haver colaboração fraterna e profunda amizade, encontra-se uma luta surda, ou uma indiferença que espera sua hora para tomar compensações, que não são sempre sadias.

Os adolescentes e as adolescentes põem freqüentemente reais problemas à sociedade. O ambiente escolar é muitas vêzes impessoal para não dizer artificial. Os movimentos de jovens, que se explicam pela psicologia, tornam-se um fato característico da civilização atual. Se esta propensão da juventude contemporânea fôr ignorada ou perseguida nas escolas, os jovens arranjar-se-ão para pôr em pé «gangs» a seu modo e a experiência prova que, social e espìritualmente, não é sempre um sucesso.

Os movimentos de adolescentes precisam, pois, de uma assistência adulta que ampare sua insegurança e que assegure uma espécie de estabilidade e isto sem ingerências indiscretas nem substituições indevidas. É preciso deixar às jovens suas responsabilidades reais, dosadas, é certo, segundo sua idade e seu grau de desenvolvimento. Quem precisa se encarregar de tais movimentos? Quem assistirá à Equipe para que ela dê o rendimento que se tem o direito de esperar? para que haja verdadeiramente «formação do indivíduo» e «promoção do meio», num clima onde tudo será instaurado no Cristo... onde haverá verdadeiramente socialização (ao mesmo tempo) natural e espiritual?

É preciso simplesmente, uma educadora autêntica...

- que se submeta às exigências do «ex-ducere»...
- que respeite a personalidade das jovens...
- que tenha um julgamento reto...
- que esteja a par dos métodos modernos de trabalho;
- que aceite o trabalho e a vida em equipe;
- que não tenha mêdo dos valores temporais;
- que tenha solucionado, pelo menos sumàriamente, seus próprios problemas de personalidade;
- que conheça o Movimento, suas técnicas e seu programa, e **sobretudo** : que ame as jovens.

Tomemos brevemente cada um dêstes pontos.

+ **Que se submeta às exigências do «ex-ducere»**

O «ex-ducere» é um conduzir fora de si que desenvolve nos estudantes o dinamismo, êste amor de esfôrço que lhes faz tomar em mão, gradualmente, sua própria formação intelectual e religiosa. Não se deve guardá-los sempre em tutela mas aceitar o risco da formação pela ação. Se a sã pedagogia escolar insiste sôbre a colaboração do aluno na obra de sua educação, com maior razão deve fazê-lo a pedagogia do Movimento. Notemos, entretanto, uma diferença profunda entre duas pedagogias atualmente em vigor, no meio.

Na escola é o professor que está em primeiro plano, como distribuidor dos conhecimentos. Tudo está organizado em função desta concepção. Horário, regulamento escolar, métodos de trabalho, muitas vêzes visam mais fazer adquirir um diploma do que educar autênticamente o adolescente. Abusa-se mesmo, em certos casos, do «magister dixit» e tira-se à estudante a faculdade de se expressar. As classes numerosas, as exigências dos programas podem explicar, em parte, uma tal situação que tantos educadores deploram sem poder remediá-la totalmente. Felizmente, com os métodos ditos ativos, com o trabalho em equipes, o ensino tende a se personalizar e a atingir assim mais profundamente o sujeito.

Na equipe da J.E.C. a situação é inteiramente diferente. A Adjunta deve se esquecer de que ela é «professora» para se tornar uma animadora, um ponto de apoio, aquela que, segundo a etimologia da palavra, está perto. A miiltante é verdadeiramente o centro de ação. É ela que deve realizar o **«ver - julgar - agir»** num trabalho de conjunto e numa opção pessoal. É sôbre ela que repousa, mais ou menos completamente segundo os setores e o grau de engajamento, a formação individual e a promoção do meio. Esta responsabilidade compreendida, aceita e vivida fá-la-á evoluir natural e sobrenaturalmente para um «status» de adulto, não sòmente físico mas também psicológico e religioso.

O «ex-ducere» tem para a Adjunta exigências de esquecimento de si, de espera paciente e de trabalho obscuro, cuja amplidão só a experiência concreta pode fazer suspeitar. Por outro lado, o desabrochar das jovens personalidades, as reservas de iniciativa que transbordam, os gestos de generosidade que surgem são efeitos de uma educação esclarecida, devendo por isso exigir sacrifício e renúncia das que foram instrumentos destas evoluções.

+ Que respeite a personalidade das jovens :

Quando a J.E.C. entra em ação — da 1ª série em diante — as estudantes são «pre» ou neo-adolescentes e isso continua até à grande adolescência. O Movimento e suas técnicas são pensados em função desta idade estratégica que evolui, aliás, ràpidamente. A aluna concluinte do 2º ciclo, a estudante de 15 anos, em pleno curso secundário e aquela de 12 anos, que sai do curso primário, têm reações intelectuais, sociais, e religiosas bem diferentes.

Mas, qualquer que seja a idade cronológica da adolescente, ela faz questão de ser conhecida como pessoa e de ser tratada como tal. Lembremo-nos do encantamento de Bernardete, à vista da bela Senhora de Massabielle, que a tratava por Sra. e lhe dizia «poderia fazer o favor»... enquanto a pobre pastôra asmática era muitas vêzes simplesmente tolerada pelos seus (cf. Bernadette, de Marcelle Auclair).

As de 12 a 15 anos e dos 15 aos 18 têm necessidade, como tôdas as outras, de ser objeto desta compreensão da qual Pio XII faz uma tão magistral descrição num texto muitas vêzes citado '(Discurso às religiosas professôras — 13 de setembro, 1951). Respeito a uma jovem personalidade, que se abre sôbre a vida como uma borboleta sai de sua crisálida, dizemos em linguagem poética. Mas ainda é preciso sair da órbita da «literatura» e nos engajar no concreto da vida. Procurar com a adolescente o plano de Deus sôbre a vida, descobrir com ela a modalidade própria da sua alma e a orientação a dar a seus esforços, tanto para formação pessoal como para o bem do meio, sustentar mais do que paralizar, engajar mais do que abafar, construir mais do que destruir, aceitando as lentidões, os ensaios, até os fracassos que são muitas vêzes trampolins para magníficas vitórias : eis o que pede o respeito à personalidade das jovens.

+ Que tenha um julgamento reto :

Muitas pessoas se queixam de sua memória, mas bem poucas de seu julgamento, assegura um moralista francês. Como é difícil àquele, que é vítima disso, admitir êsse vício da inteligência para o qual não se pode quase nada. Por conseguinte, quantos êrros faz cometer, êrros que o responsável nem mesmo suspeita e do qual êle será o primeiro a se surpreender, se lhe fazemos notar.

O julgamento — esta operação da inteligência que se deve exercer com retidão, objetividade e segundo a natureza verda-

deira dos têrmos colocados em questão é de necessidade absoluta para tôdas as educadoras e, mais especialmente, para a Adjunta. A justiça decorre daí, lògicamente, e sabe-se o quanto os jovens são sensíveis a êste valor. Como dar segurança e equilíbrio a sêres que os procuram, se êstes que estão encarregados de ajudá-los não fazem senão atrapalhar a escala dos valores e misturar os conceitos? E no dia em que a adolescente perceber que a Adjunta tem pouco ou nenhum julgamento — e isso pode acontecer mais cêdo do que se quer a corrente de simpatia é cortada, a confiança desaparece e o trabalho de influência acabou-se. A situação se revela mais desastrosa no caso de um Movimento de jovens, que em uma classe regular que, a rigor, pode-se contentar de fazer absorver uma certa soma de conhecimentos ou de fazer adquirir tal hábito de trabalho. O Movimento quer ensinar a viver a vida com sua inteligência, sua vontade e sua alma e isso a dirigentes, a líderes de grupos.

+ Que esteja a par dos métodos modernos

Aqui, é certo, as «exigências variam segundo os setores aos quais estamos aplicados». Se não é necessário que uma Adjunta das de 12 anos possua a fundo um mecanismo de pesquisa científica, um tal conhecimento serviria muito a quem trabalha no nível colegial.

Se analisarmos nossa maneira de tomar parte numa reunião, seja comunitária, seja pedagógica, tomamos consciência que muitas vêzes sapateamos no lugar em vez de adiantar uma questão, o pormenor abafa o conjunto; o desejo do que «deveria ser» substitui-se «ao que é», as «personalidades» substituem a discussão lógica, os argumentos de autoridade ou «ad hominem» toma o lugar de pensamento pessoal.

Precisaríamos, pois, de noções e sobretudo de experiência vital a respeito do debate, do forum, do «painel» da procura em equipe, da discussão relâmpago : todos métodos dos quais se faz grande uso, em nosso mundo moderno. Treinar-nos-emos, assim, num certo rigor científico, numa lógica mais rigorosa, num desapêgo de nós mesmas, e no respeito dos outros. Seremos, certamente, os primeiros beneficiados de uma tal formação e seremos capazes de ajudar, mais eficazmente, nossas alunas a entender seu meio. Elas poderão melhor se integrar no mundo adulto porque serão iniciadas em seus métodos de trabalho e terão desenvolvido, através dêstes métodos, o espírito comunitário e o sentido do outro : valores de primeira importância para uma alma de militante cristã.

+ Que aceite o trabalho e a vida em equipe

Ainda uma fórmula de trabalho que é, ao mesmo tempo, um enriquecimento e uma ascese mas que escapa a muitas educadoras. A Semana Nacional de Educação do Canadá fêz disso seu tema em 1960... mas até onde se levará sua aplicação em nossas discussões de grupos e em nossos métodos pedagógicos? A formação individualista que recebemos, o ambiente moderno do «cada um por si» aceitam dificilmente o trabalho autêntico de equipe... porque a equipe não é uma justaposição de indivíduos confiados a um chefe ou subjugados por um espírito forte que é muitas vêzes melhor falador que bom empreendedor!

O trabalho e a vida em equipe têm leis internas que é preciso aceitar, viver, se se quer fazer uma experiência verdadeiramente autêntica, e «ipso facto», valiosa. O Padre Caffarel coligiu-as em «Le jeu d'equipe», uma separata da revista «L'anneau d'Or», que as Fraternidades de Charles de Foucauld distribuem fàcilmente. São : «conhecer e se fazer conhecer, dar e receber, tomar conta dos outros e saber deixar os outros tomar conta da gente». Como se vê, é uma integração de personalidades por um conhecimento, um enriquecimento e um apoio mútuos ; tarefa que exige sinceridade, simplicidade, e humildade — tudo aureolado de uma grande amizade.

A Adjunta, que quer realmente viver seu engajamento deve aceitar fazer a experiência do trabalho e da vida em equipe. Para a religiosa, a vida comum oferecerá múltiplas ocasiões para se exercer na vida em equipe.

A Adjunta leiga poderá encontrar ocasiões semelhantes nas associações das quais faz parte ou ainda nos contactos com o corpo docente da escola. O aprendizado será, talvez, longo e difícil, penoso mesmo, para certas personalidades mais intransigentes. O «Jogo» aí vale a pena : é já viver dêste espírito de caridade e de partilha do qual o Cristo veio abrir o sulco nesta maravilhosa vida de equipe que Êle, o Deus Homem, aceitou viver com os 12 pescadores da Galileia.

+ Que não tenha mêdo dos valores temporais

Esta exigência para a personalidade da Adjunta surpreenderá talvez alguns espíritos, mas ela se torna cada vez mais urgente, à medida que os princípios da espiritualidade do laicato se precisam melhor, se determinam. Durante muito tempo teve-se uma «reação de fuga», senão de desprêzo, com relação a certos valores de

ordem temporal. O dinheiro, o amor humano, a independência foram fortemente desacreditados nos espíritos. Se a religiosa a êles renuncia, pelos votos, ela deve fazê-lo mais por um gesto de superação do que por um de evasão. Lá onde, para ela, há Redenção por «privação» haverá para o leigo Redenção por «assunção». Êle estudará o valor transcendental e eterno dêstes valores temporais e nêles se engajará resolutamente, para aí levar, seu testemunho de cristão.

É pois aqui que o trabalho da Adjunta religiosa difere, ao máximo, da Adjunta leiga. Esta última deverá dar um testemunho de presença e a primeira um testemunho de renúncia, mas as duas devem situar em sua verdadeira ótica, tais quais são vistas por Deus Criador e Redentor, os valores temporais que fazem o objeto de nossos programas de ação. Donde a necessidade de um estudo profundo e de uma mudança de direção, se fôr preciso, para não dar aos jovens uma espiritualidade, diluída, é certo, de religiosa vivendo à margem do mundo, mas para formar um laicato verdadeiramente adulto num cristianismo plenamente vivido.

+ Que ela tenha solucionado, pelo menos sumàriamente, seus problemas de personalidade...

Hoje, um pouco por tôda parte, e a propósito de tudo, fala-se de infantilismo, de adolescência prolongada e de imaturidade. Sem querer dissertar longamente sôbre as palavras e sôbre os fatos, que nos seja permitido, entretanto, assinalar uma situação bastante lastimável.

Adolescentes, na idade portanto, da instabilidade e da identificação, são muitas vêzes confiadas a certas educadoras que as ultrapassam em insegurança e irritabilidade. Em luta contra os problemas, de ordem sentimental ou religiosa, que as submergem totalmente, estas pseudo-adultas fazem infelizes «projeções» de suas próprias teorias, que nem sempre são marcadas pela sã filosofia, ou a teologia. E a vida religiosa não tem o monopólio de tais casos!

Desgostos de um celibato que as circunstâncias impuseram, falsa avaliação do amor humano, rejeição de tôda autoridade com amargura ou agressividade, autoritarismo e materialismo inoportuno, insensibilidade querida e calculada... e que mais! Tantos sintomas de uma personalidade não realizada, até mesmo em via de regressão. Tais situações se encontram raramente em estado puro, mas quem negará a possibilidade de encontrar alguns aspectos em nosso pessoal ensinante atual? E quais as conseqüên-

cias para as adolescentes que percebem os valores da vida, muito mais através de um testemunho que por um raciocínio, por mais lógico que êle seja?

É um dever para tôda educadora ter os olhos abertos sôbre tais desvios, aceitar encarar-se francamente, não se crer imunizada contra certos deslizes que a fadiga, o constrangimento, ou simplesmente o estado físico podiam favorecer. O ponto capital para ter sempre em vista é que uma mulher sendo um ser de acolhimento e de dom realizar-se-á plenamente num serviço desinteressado. Uma vida de caridade autêntica, no plano horizontal e vertical, é ainda melhor meio para solucionar todos os problemas.

+ Que tenha desenvolvido uma espiritualidade adulta...

Éste problema é conexo com o que foi tratado precedentemente. A adolescência, que tudo submete a um julgamento de valor, está muitas vêzes numa crise de fé e muitas vêzes torturada por exigências morais, que o despertar sentimental lhe torna pesadas. Disto não se deve surpreender, menos ainda escandalizar-se, nem mesmo fazer um drama. A Adjunta deverá ter, mais do que intuições religiosas, sólidos conhecimentos teológicos, que ela saberá fazer descobrir, fazer aceitar e não impor. Ela mesma deverá ser um testemunho de vida cristã integral, com um senso preciso da hierarquia dos valores em matéria de piedade. O gôsto de um estilo simples, despojado, onde Deus é verdadeiramente o centro de nossas capelas como de nossas vidas, a apreciação dos salmos como meio de expressão de nossa oração, o senso universal que liberta do «eu» para engajar em o «nós» comunitário, em os «outros» mais simplesmente : tantos aspectos de uma espiritualidade adulta que descobre gradualmente o plano de Deus sôbre nossas vidas : uma história de amor no centro da qual se eleva uma cruz — um mundo ao qual pertencemos, em marcha para a Parusia. E a mensagem a transmitir em tôda sua amplidão e com tôdas as suas exigências, as militantes, que nos são confiadas. É então que o aspecto «cristocêntrico, eclesial e comunitário» da espiritualidade da J.E.C. se revela com tôda sua fôrça de formação pessoal e evangelizadora.

Ainda é preciso ter descoberto por si mesma esta mensagem e tê-la longamente meditado. Donde a necessidade — e a falta muito profundamente sentida — para a Adjunta, de leituras substanciais, de orações perseverantes, de «tempos fortes» consagra-

dos à reflexão e a um trabalho em comum com outras almas engajadas na mesma aventura de Redenção.

+ Que conheça o Movimento : seus princípios, suas técnicas e seu Programa...

Lamentáveis erros são cometidos, muitas vêzes, nos começos de uma secção simplesmente porque se ignoram os critérios da Ação Católica Especializada, as exigências de uma «ação» total ou as leis fundamentais da equipe.

Duvida-se então da espiritualidade do Movimento e de sua eficácia junto à adolescência. Julgamentos apressados são formulados por observadores do exterior e a obra do bem é comprometida por anos, às vêzes !

Não se improvisa uma Adjunta. Uma prudência elementar reclama conhecimentos : uma sã lealdade não permite que se apliquem suas «receitas» pessoais de formação apostólica sob o manto do Movimento. Isso não exclui, todavia, sãs iniciativas que certamente terão seu lugar, se soubermos integrá-las na própria marcha do Movimento, se elas respeitam os objetivos dêle e se guardam a orientação fundamental.

O Programa também precisa de estudo e reflexão. Além do conhecimento do próprio tema, exige um conhecimento exato do meio onde se encontram as militantes para sentir os problemas mais cruciantes e a êles levar soluções adequadas, sôbre o plano natural e sobrenatural : os dois sendo para considerar.

Êste aspecto da questão será mais longamente elaborado na segunda parte do presente opúsculo, intitulado : A Adjunta e a secção.

+ E, sobretudo, que ame as jovens...

Sôbre êste último precisar-se-ia escrecer um volume... e nele se encontraria a síntese de tudo o que foi dito anteriormente!

O amor dos jovens é o grande segrêdo do sucesso. Um amor verdadeiro, juntamente coletivo e pessoal, que ultrapasse o estágio universal e impessoal ligado a um vago «pelo amor do bom Deus». É preciso saber atingir não a adolescente, em geral, mas Joana, Vera ou Regina, que prepara um exame de química, que tem raiva de um «não» muito legítimo que sua mãe teve de lhe dizer, ou que ouve distraìdamente porque sonha com os cabelos ondulados de Sérgio ou com o conjunto que a festa de Páscoa lhe trará. Seus problemas não nos aborrecem, seus erros, até suas

quedas, não nos escandalizam e nós estamos sempre em estado de disponibilidade para elas. Isso não significa que os persigamos ou com nosso zêlo indiscreto ou com nossa vigilância inquieta. Aliás, as jovens percebem logo o valor dos sentimentos que nos impelem. Elas fazem distinção entre o desejo de um presente, a busca de um elogio, a vaidade de uma pequena côrte... e a dedicação verdadeiramente desinteressada! E se elas não o percebem presentemente, a experiência fa-los-á descobrir um dia. Receiemos os julgamentos que farão sôbre nós nossas almas e nossas militantes quando tiverem trinta anos!

Se, como acontece muitas vêzes, a adolescente tem uma certa fixação sôbre a nossa pessoa, compete-nos servir de trampolim para fazê-la voltar ao serviço de seu meio, de sua família e de Cristo. Será, então, para nós, a hora da purificação pessoal pela sublimação, a hora de meditar e de viver a palavra de João Batista a respeito do Cristo : «É preciso que êle cresça e que eu diminua»! (João, 3/30).

CONCLUSÃO

Crêr-se-á talvez que a primeira parte superou de muito os limites, antes prefixados. Ter-se-á, talvez a impressão de uma crítica de certas reações de educadores. Uma primeira pergunta jorra espontâneamente : «Pode-se negar a existência de tais situações em nossas escolas»? e uma segunda segue naturalmente : «Será que somos bastante adultos; a obra na qual estamos engajados terá bastante vitalidade para que ousemos dizer a verdade?» É a verdade que nos libertará, como diz São João em sua primeira Epístola.

Achar-se-á talvez que o tipo da Adjunta é um pouco idealista! Ao contrário, não foi uma acumulação de exigência que se apresentou mas muitas qualidades conexas que se integram umas nas outras, que se seguem e se interpenetram para formar uma personalidade. O homem é sempre um vir a ser... a mulher também! Devemos sempre tender para a realização do nosso ser, senão é o envelhecimento e a morte.

É bom pois, repensar nas exigências de base que nos impõe a obra confiada por Deus : será um estimulante para uma marcha para a frente, mais firme, para um dom de si mais total.

O Cristo permanece o grande protótipo de nossas relações humanas. Depois da Encarnação, para se tornar um de nós, é a Redenção para poder nos conduzir a seu Pai, regenerados em seu

Sangue : tudo isso num grande gesto de amor, a tal ponto que para o Pai, o Cristo não é mais único, mas Êle é «nós com Êle».

Por nossa vez devemos fazer gestos semelhantes em relação às jovens que procuraremos entender a ponto de nos tornar quase uma delas. É nossa vez de resgatá-las, por nosso esfôrço cotidiano e por nossa oração constante, até mesmo por nosso sofrimento, se preciso... É nossa vez de poder também, num grande gesto de amor apresentá-las ao Pai no «Cristo Conosco».

II — A ADJUNTA E A SECÇÃO

Todos os movimentos de jovens ou adultos têm suas «unidades» de organização, cuja reunião forma um conjunto estruturado e hierárquico segundo as leis internas que lhes são próprias a fim de atingir assim o lugar, a região, a nação, até mesmo o internacional. As Bandeirantes têm suas «Companhias»; a Legião de Maria, seus «presídios»; o Comunismo, suas «células»; a Maçonaria, suas «lojas»; e a J.E.C., suas «secções». Cada uma destas unidades tem seu modo de recrutamento e seus métodos de trabalho — condicionado pelo fim que ela se propõe e pela idade dos elementos que a compõem. É precisamente êste modo de recrutamento e esta pedagogia que darão à unidade» em questão uma fisionomia particular, uma espécie de individualidade que se deve necessàriamente respeitar, se se quiser fazer obra autêntica.

Seria muito interessante fazer um estudo comparativo dos diversos movimentos, mencionados acima. Um tal trabalho nos levaria longe do fim ao qual nos propuzemos e ultrapassaria de muito nossa competência e nossa informação. Contentemo-nos por voltar à «secção da J.E.C. e esforcemo-nos por delimitar resumidamente o que é uma secção, como ela se recruta, o que se espera dela, traçando ràpidamente o papel específico que é concedido à Adjunta.

O trabalho revela-se bastante complexo porque a J.E.C. recruta seus membros, como bem se supõe, no meio da população estudantil. Assim, comecemos precisando primeiramente certos postulados aos quais já nos referimos, mas que devem ser claramente definidos, se se quer perceber exatamente a situação na qual a J.E.C. age presentemente.

TRÊS POSTULADOS PARA MEDITAR:

+ A J.E.C. e a Adolescência

A JEC dirige-se a tôdas as estudantes a partir da 1ª série ginasial inclusive. A maior parte de seu pessoal está em plena adolescência A educadora advertida sabe que não é fácil, senão impossível, limitar a êste grau o desenvolvimento humano, «quadros psicológicos» que fixariam fronteiras marcadas, entre os grupos das jovens, segundo sua idade cronológica. A evolução física, intelectual, sentimental e religiosa faz-se em ritmos muito diferentes segundo os indivíduos e, no mesmo indivíduo, ela varia segundo os aspectos de sua personalidade Os dados científicos ensinam — e a experiência pessoal o confirma — que nêste último caso, mesmo se existe uma certa inter-relação entre o físico e o psicológico, o intelectual e o religioso, não há entretanto concomitância ou, se se prefere, desenvolvimento em estrito paralelismo.

De outro lado, a evolução é rápida... e a distância é grande entre a pré-adolescente de 12 anos, e a aluna do 2º ciclo de 18 e 19 anos, mais ou menos. A J.E.C. procura permanecer próxima do meio e se adaptar às necessidades dos mebros aos quais ela se dirige. Freqüentes revisões sôbre seus boletins e sôbre o trabalho das secções lhe têm feito presentir a necessidade de dividir a população estudantil em diferentes setores.

+ A J.E.C. e o meio estudantil

A J.E.C. recruta-se no meio da população estudantil, quer dizer, um grupo do qual os elementos são ainda mais ou menos — e muito mais que menos — dependentes dos adultos, no ponto de vista financeiro e no ponto de vista da organização cotidiana de sua vida. Seu «status» social não é habitualmente pensado senão em função de seu futuro. A família e a escola são instituições que, em certos casos, são maravilhosamente adaptadas às necessidades dos jovens... mas é preciso admitir que, em outros casos, infelizmente muito numerosos, elas são impregnadas de autoritarismo exagerado ou apoiadas por uma hierarquia de valores muito discutível. Se de um lado a J.E.C. tem um mandato de ajudar a escola e a família na formação apostólica dos estudantes — elemento essencial da educação, afirmava Sua Santidade Pio XII, ainda Cardeal Pacelli — de outro lado ela não tem o direito de falsear valores e de oprimir «as personalidades». Certamente ela não quer levar para a revolta elementos que o são bas-

tante, pla própria tendência da adolescência, mas ela deve permanecer fiel aos princípios de uma pedagogia sã e aberta. É um problema conscientemente percebido pelos responsáveis da J.E.C. e cuja solução pede a colaboração lúcida e zelosa dos Educadores. «Educação obra de equipe» meditamos na Semana Nacional de Educação — 1960. Educação, obra de compreensão» sublinhava Sua Santidade Pio XII em seu memorável discurso às religiosas educadoras (13 de setembro de 1951). «Educação, obra de amor», ousamos acrescentar.

+ J.E.C. e a A.C. Especializada

A J.E.C. faz parte da A.C. Especializada, a título de iniciação para as mais jovens e a título autêntico para as outras mais velhas. Ela é bem a igreja — laicato e hierarquia trabalhando em cooperação no meio estudantil! Assim «ser J.E.C. é fazer A.C. especializada, e fazer A.C., especializada ou não, não significa como se ouve de lábios, que deveriam ser mais informados, «rezar em particular ou com as alunas por uma boa causa, fazer um gesto pessoal em relação às missões ou uma obra de caridade». São atos bons que se devem encontrar em tôda vida de militantes mandatados ou de simples cristãos... Mas isso não é fazer A.C., apesar da boa consciência que se procura ter na ocorrência. A A.C. exige necessàriamente uma organização mandatada pelo Bispo da diocese. Ela supõe, pois, uma unidade de ação segundo a expressão de Sua Santidade João XXIII em seu discurso à A.C. italiana, em 10 de janeiro de 1960. Ela é também muito diferente do que se chama ordinàriamente «obras» e poder-se-á consultar a respeito um documento preparado por Sua Excelência Monsenhor Mimmer, bispo de Tornai, e publicado por «Laicat et Mission».

A J.E.C. é um movimento sòlidamente organizado no plano diocesano, nacional, mesmo internacional. Ela tem seu mandato das autoridades hierárquicas e comporta modalidades de vida internas e princípios de base. Êstes : formação do indivíduo e promoção do meio mantêm o militante num contacto constante com seu meio social, familiar e escolar e numa amizade sincera com o Cristo, que êle encontra no Evangelho, nos sacramentos, e também no «próximo». Sua vida interna implica o «ver-julgar-agir» e o trabalho em equipe. Um programa aprovado pela hierarquia, métodos pedagógicos sempre em estado de procura, outros tantos elementos que alimentam e sustentam uma ação, ao mesmo tempo autêntica e eficaz, para «instaurar tôdas as coisas no Cristo», como formulava Pio X.

Estão aí caracteres fundamentais de uma A.C.E. verdadeira, sem o que, malgrado tôdas as realizações interessantes, consoladoras e espirituais que se possam obter, não há esta realidade que se chama A.C. Especializada. Esta pode ser uma ação religiosa, social, apostólica, mas não «ação católica», no sentido em que a Igreja a definiu claramente. Não se trata de desacreditar tal ou tal obra, ainda menos de lhes negar um valor autêntico... mas muito simplesmente de chamar as coisas pelo seu nome. É uma questão de vocabulário a fim de nos compreendermos melhor!

1 — O QUE É UMA SECÇÃO

+ Sua Composição :

A secção, como se pôde ver na introdução, é a «unidade» de organização, a «célula» de base do movimento. Ela não corresponde necessàriamente a uma escola mas antes a um grupo de militantes do mesmo setor, dedidido a tomar conta de tal porção da população estudantil.

De fato, a secção reúne os chefes de equipe no que se chama comité local. Ela comporta o assistente, guardião dos valores espirituais e responsável pela evolução da equipe assim como a Adjunta encarregada de fornecer a segurança às adolescentes e de assistí-las em seu trabalho, assistência que não significa nem ingerência, nem substituição! A secção compreende também de maneira mais longínqua os membros das equipes.

Ela tem também a constante preocupação de tôda a população estudantil da qual é responsável. Como se vê, a secção fala tantas vêzes em Ação Católica.

+ Os níveis de trabalho

A fim de atingir as adolescentes de uma maneira vital, nos diferentes estágios de sua evolução, a JEC apresenta vários níveis de trabalho :

- O setor de Primeiros anos faz transição entre o Primário e a JEC. Inicia as miiltantes pré-adolescentes e neo-adolescentes no trabalho em equipe nos princípios de base do Movimento.

- Outro setor agrupa as militantes e os membros das 3as. e 4as. séries, quando elas são jovens cronològicamente e psicològicamente.

- Outro setor é ainda constituído pelas miiltantes do 2º ciclo.

Como se vê, pode acontecer que militantes ou dirigentes de equipes que normalmente deveriam ser incluídas em tal setor encontrem-se antes em um outro setor. Compete ao Assistente e a Adjunta julgar a situação em relação ao movimento, se fôr possível. Seria talvez bom no setor» de Dirigentes consultar as militantes da secção que podem ajudar a tomar uma decisão verdadeiramente judiciosa, seja que elas aceitem de dar o esfôrço exigido seja que tomem consciência de que o meio não é apto para assimilar o que o movimento apresenta através de seus programas, boletins, e publicações em geral.

Notar-se-á talvez uma preocupação constante de homogenizar os grupos. — É porque se procura evitar um domínio total e prolongado de um grupo de alunas com respeito a um grupo mais jovem. Duas razões militam em favor de uma tal maneira de agir. Se pode ser bom, ocasionalmente que alunas mais velhas se ocupem das mais jovens, é preciso também evitar o perigo de um «maternalismo» prolongado que pode fàcilmente tornar-se uma evasão do próprio meio, onde os problemas exigem esforços pessoais de solução, para se refugiar num meio mais jovem, onde se pode representar o papel de heroína e gozar das compensações nem sempre psicològicamente sãs. Além disto as adolescentes são personalidades em formação. Sua evolução social, sentimental e religiosa só se fará na medida em que elas estiverem vitalmente engajadas no meio que é o seu com os problemas que aí se apresentam, com os esforços de solução que se impõem. É sòmente assim que elas se encaminharão para uma verdadeira maturidade.

+ Grave tentação

Assinalemos primeiro uma grave tentação que atinge muitas educadoras. Permitam que a formulemos talvez «brutalmente» a fim de fazer subir ao nível da consciência, as conseqüências de sua atuação... porque em si, é «uma tentação de bem» que tem aspectos interessantes. A J.E.C. é uma tão bela organização, suas publicações apresentam aspectos tão verdadeiros da vida das jovens, que seria preciso que a escola tôda fizesse experiência dela...» E depois, as autoridades diocesanas, Nosso Santo Padre o Papa falam tanto da A.C. que tôdas as nossas alunas deveriam fazer parte dela! «Devemos concordar de boa vontade! Por outro lado devemos permanecer lúcidos. Vamos aos fatos. Conhece-se o caso, e é autêntico, de professôres que «apresentam» o «Programa» em plena aula. Pode-se perguntar o que restava às militantes como trabalho no meio e o que advinha do movimento e mesmo

de tôda a A.C. quando o professor era mais ou menos aceito pelos alunos... sobretudo quando se sabe que na adolescência os valores chegam à estudante muito mais através de uma pessoa que através de um raciocínio!

Além disto pode-se também deplorar, em certos casos, uma espécie de «institucionalização» da J.E.C. Está tão à vontade na escola que tem aí suas reuniões de equipes na hora mesma do currículo escolar. Em certos casos, a decisão é arbitrária: as classes estão divididas em quatro ou cinco equipes, segundo o número de alunas... muitas vêzes pela votação das alunas, às vêzes por uma decisão da Adjunta ou da responsável. Queira-se ou não, ela será confiada a tal chefe de equipe... dever-se-á estudar o programa, sem o que, ir-se-á, depressa para a lista negra da escola como «mau espírito» ou como «espírito forte». Em outros casos a situação é mais aberta, mas, em nada mais recomendável. A aluna terá de escolher entre a equipe da J.E.C. e tal equipe de folclore, de desenho, de artes, de canto e isso desde o comêço do ano, sem alguma possibilidade de recrutamento nos meses que se seguem. E que dizer das militantes que serão cumuladas de responsabilidades, ou que se eliminará muito simplesmente das outras organizações da escola porque elas têm bastante «com a sua Ação Católica»!

Que querem...? é preciso um meio organizado, disciplinado, enquadrado, se se quer chegar a um certo sucesso no fim do ano! Seria interessante examinar a palavra «sucesso», sob tôdas as suas facetas, para determinar o autêntico e o ordinário. Objetar-se-á, talvez, que são casos pouco numerosos... O melhor que se possa dizer é que êles não são isolados, existem presentemente, num certo número de exemplares!

+ Movimento de Líderes ou de Massa

A J.E.C., aspecto estudantil da A.C. especializada, é, ao mesmo tempo, movimento de líderes e de massa. Precisemos nosso pensamento... A J.E.C. procura descobrir os líderes do meio e engajá-los num trabalho que comporta duas dimensões, é verdade, mas duas dimensões tão intimamente ligadas entre si, que estão numa dependência contínua, que elas formam, segundo a expressão consagrada pela retórica, «um círculo vicioso». A militante da A.C. forma-se pela ação, isto é, trabalhando para o progresso de seu meio... e, por outro lado, seu meio não progredirá senão na medida em que ela evoluir pessoalmente. Assim, Clara, moça dinâmica e esclarecida, percebe (e nço é proibido

ajudá-la a ver claro) que as jovens de sua classe só têm motivos fracos para ir à escola : a idade que não permite deixá-la, a obtenção de tal certificado que valerá um emprêgo bem remunerado, a submissão contrariada à vontade claramente expressa dos pais. Ela própria se pergunta então seus motivos pessoais. Duas dimensões em seu «ver» e em seu «julgar» : ela e as outras! Tudo não consiste para Clara em redescobrir para ela mesma, o sentido profundo de seu curso. Se ela é verdadeiramente militante, quererá engajar outras estudantes, suas amigas, na mesma descoberta... mesmo se precisa encontrar um meio de movimentar tôda a classe, o que será possível se outras «claras» se encontrarem na equipe jecista. Percebe-se o quanto esta ajuda, esta «ascensão em equipe» pode ter um valor verdadeiramente irradiante no meio. Esta procura feita no plano da amizade mais uma denominação para caridade fraterna, sem o que ela é vazia de sua autenticidade — deve ser guiada por uma Adjunta e por um Assistente, ambos adultos, respeitadores do ritmo das almas. Enfim, é uma procura que resultará em sentido de vida, de Deus e da Igreja — ao menos no contexto espiritual que podem assimilar jovens de 12, 14, 16 ou 18 anos.

É pois evidente que a secção deve reunir os chefes do meio, os líderes que têm uma influência contínua e um prestígio pessoal. O «julgamento reto» é indispensável : a orientação apostólica depende dêle e a própria A.C. está em jôgo. Não se tem o direito de confiar um mandato de militante a um espírito errôneo cujas falhas de julgamento podem comprometer a ação. Além disso, a experiência ensina-nos que os valores autênticos do meio não são sempre as alunas que falam mais alto. Há uma margem entre o «bom falador» e o «bom fazedor»... Saibamos distinguir também, entre os alunos, a diferença entre a aceitação de um verdadeiro prestígio e a admiração devida a um «fogo de palha». A expressão inglêsa sublinha claramente estas diferentes nuanças pelo emprêgo judicioso dos têrmos : «boss», «leader» e «fan».

+ A procura dos líderes

Mas quem descobrirá êsses tipos-chaves? É evidente que o ôlho exercitado de uma educadora psicóloga e imparcial, o de um assistente «próximo das jovens» podem ser de grande auxílio. Todavia, consideremos duas coisas : A J.E.C. é um movimento de leigos... e os leigos, tenham êles 12, 15, ou 18 anos, têm sua palavra a dizer na organização : é uma lei interna da A.C. especializada. Mas ainda saibamos reconhecer com tôda humildade — sobretudo nós as religiosas que somos em parte separadas do

«mundo» que bem freqüentemente as alunas conhecem seu meio melhor do que nós mesmas. A atmosfera artificial de nossas salas de aula sobretudo nos casos das grandes aglomerações — a fôrça de adaptação que têm certas alunas para desempenhar o papel que elas sabem nos ser simpático, enquanto permanecem naturais com suas companheiras, podem falsear nosso julgamento. E depois, confessemo-lo, há todos êsses critérios tradicionais da mocinha «piedosa, bem educada, estudiosa e obediente» que permanecem inquebráveis ainda em certos espíritos. Acontece, muitas vêzes, que uma tal conduta só serve para ocultar uma evasão da responsabilidade, uma certa maleabilidade apática, uma falta de segurança, aspectos êstes da personalidade que não se combinam com o tipo «militante» que, implica num senso de responsabilidade de iniciativa numa realização pessoal, tanto quanto a idade o permite.

Para a descoberta dêsses «tipos chaves», distinguimos o grupo que começa ou «re-começa» do que está em pleno desenvolvimento; distingamos também as mais jovens das mais velhas. Onde o grupo está começando, é evidente que a Adjunta e o Assistente ajudarão a nuclear «a primeira» ou duas ou três «primeiras militantes». Mas êles deverão depois trabalhar em equipe com êstes elementos nucleados porque é essencial que êles estejam engajados na procura dos outros tipos que têm influência, a fim de que «a equipe» torne-se verdadeiramente um grupo de amigos. Assim, se o Assistente e a Adjunta tiverem que nuclear os primeiros elementos, é preciso confiar tanto quanto possível a estas militantes a procura de outras alunas que são consideradas elementos de irradiação. Competirá também a estas militantes introduzir êstes novos membros na equipe e é a aceitação do Assistente que confere o mandato.

No caso de um «núcleo de 1os. anos», o Assistente e a Adjunta têm muito mais a fazer na escôlha e na procura dos líderes, mas precisaria, entretanto, ter como palavra de ordem : «o menos possível» sem por isso impor às jovens de 12 ou 13 anos tarefas que em certos casos podem ultrapassar seu desenvolvimento. Ainda mais, seria conveniente, mesmo oportuno, conversar com a Mestra de Classe a respeito da escôlha de uma nova líder, sobretudo para que se possa esperar a compreensão do Movimento por parte desta professôra, assegurando-se dêste modo, uma verdadeira colaboração com o pessoal ensinante. A Adjunta, entretanto, não deve se deixar dominar pelos outros professôres. Deve conservar sua liberdade de ação, respeitando a autoridade, o estado das pessoas que a cercam, e também as leis internas que regem um movimento da Igreja.

+ Recrutamento dos líderes

Quanto ao recrutamento dos membros da equipe, êle comporta certas modalidades. A liberdade impõe-se em todos os níveis de trabalho. Se a J.E.C. tem seu lugar normal em tôda escola, onde se quer fazer formação apostólica, é claro que ela não faz parte das matérias obrigatórias para a obtenção de um diploma acadêmico ou de um certificado de boa conduta. Dirige-se às «boas vontades» e é melhor duas militantes resolvidas que 10 que não vão para a frente ou atrazam a marcha do movimento. Com as de «Primeiros anos», acontece que à primeira vista a classe tôda queira trabalhar, sobretudo se o espírito é bom e se a Adjunta é aceita. Crescendo, as alunas estão apegadas à sua independência e muitas vêzes algumas recalcitram contra todo gesto de autoridade, recusando, «ipso facto», tudo o que se lhe quiser impor. O fato será ainda mais real no nível das equipes de trabalho quando a equipe responde menos a uma necessidade psicológica que a uma ascese de trabalho. Terse-á talvez o desgôsto de ver certos tipos viver, à margem do movimento enquanto se quereria tanto poder contá-las entre as militantes. O respeito das pessoas e do plano de Deus pede que se aceite essa situação, mas isso não quer dizer que se deva ficar na inação. Mesmo se o têrmo tomou um sentido um pouco pejorativo, por causa do abuso que se tem feito, resta que o apostolado individual permanece... que a «conquista» pode ter seu lugar. Precisamos pois estar à escuta das almas e pedir a graça do discernimento : é o dom do Conselho que o Espírito Santo depositou em nós no dia de nossa Crisma. Nossa oração poderia também solicitar a prudência que é mais um «agir» segundo normas, que um «refúgio» cômodo e estéril.

Esta liberdade de se engajar ou não, na J.E.C., vai mais longe. O novo membro da equipe não deve ser imposto a tal ou tal dirigente de equipe... A êle também não se deve impor tal ou tal membro de equipe. Há uma margem de escôlha que deve ser salvaguardada, de uma e de outra parte, de maneira que a amizade possa reinar no grupo. Quaisquer que sejam as organizações e reorganizações, os membros têm direito de exprimir sua opinião... e a tarefa será bastante simplificada se, como se deve, a militante é encarregada de recrutar ela mesma sua equipe. Ela tem influência, goza pois de um certo prestígio junto de algumas alunas. A ela compete pois encontrar as estudantes, formar sua equipe, discernir nela os tipos que se revelam de maneira a assegurar o revezamento. Evitar-se-ão pois as assembléias de propaganda intensiva nas quais as alunas são chamadas para dar seu

nome após uma exposição brilhante onde foi feito um apêlo entusiasta à sua generosidade... ou à sua consciência de cristã.

Como se vê, a J.E.C. não preconiza um alistamento de tôda a escola. Procura sobretudo inserir nela equipes irradiantes e convencidas que têm suficiente sôpro apostólico para se engajar numa ação positiva com relação a problemas que elas descobriram em seu meio e para os quais encontram soluções cristãs.

3 — O QUE SE ESPERA DA SECÇÃO

Onde a J.E.C. está organizada espera-se muito dela: o saneamento do espírito da escola, disciplina fielmente observada, vida de trabalho escolar mais intenso, formação intensiva de apóstolas, florescimento de vocações religiosas, e sacerdotais. **É muito** para um só Movimento apostólico que se apresenta ao mesmo tempo que a crise da adolescência e que recebe dela tôdas as repercussões, quando êle não se torna o «bode expiatório».

+ Interrogações

Assinalemos primeiramente algumas interrogações para incitar uma séria reflexão pessoal. Não se exige muito do Movimento? Não se tem, em certos meios, confiado à J.E.C. a solução de certos problemas estritamente disciplinares que embaraçavam a diretora e que deveriam ter sido estudados na Reunião dos Professôres e não serem deixados à responsabilidade do Comitê Local? Não se punham, assim, sôbre os ombros dos estudantes do setor, fardos que a administração não podia mais carregar? Não é em nome desta disciplina onipotente que se recusam ainda hoje — os casos tornam-se felizmente mais raros — períodos de trabalho em equipe ou que favorecem uma ajuda mútua escolar, uma certa liberdade de ação que ajuda a vida de oração autêntica? Os internatos poderiam fazer magníficas experiências que ajudariam na criação de um clima de amizade, arejando o regime, muitas vêzes bastante fechado de certos internatos. Pensou-se verdadeiramente nisso? Além disto, a J.E.C. só tem, muitas vêzes, à sua disposição, a hora de reunião do Comité Local, e a da equipe de militantes, ambas bem cronometradas, uma vez por semana, e isto quando não há ocupações «mais importantes»! As responsáveis não muitas vêzes espalhadas, perdidas nas classes numerosas, ou colocadas em cursos cujo titular aceita difìcilmente «emprestar» suas alunas. De outro lado, a disciplina não

permite nenhum encontro fortúito. A própria Adjunta está, muitas vêzes, longe das militantes e se vê confiar um núcleo que reúne 10 ou 12 dirigentes de equipe. Queira-se ou não, a reunião toma o aspecto de uma aula... e a J.E.C. não existe senão de nome ou não influi senão superficialmente em algumas almas de têmpera. A escola centralizada apresenta problemas reais, angustiantes mesmo, àqueles e àquelas que se ocupam de movimentos de jovens que se enraízam no meio escolar, mas cuja irradiação deve ultrapassar os seus quadros.

Um outro ponto vulnerável, é que se conta muitas vêzes com a J.E.C. para tomar a cargo as múltiplas semanas que se organizam a todos os propósitos : incêndio, missões, Natal dos Pobres, Presidiários, Banco da Providência, assistência às malocas, favelas, segurança de trânsito, polidês... e que mais? Cada uma apresenta, certamente, aspectos interessantes e culturais, se nos damos ao trabalho de pensar nelas sèriamente... mas a multiplicidade torna a situação difícil.

Assim formulava um professor, espirituosamente : «A hora chega em que não poderemos ensinar senão em tempos livres».

Acrescentemos a isso que numerosos movimentos vêm solicitar as energias dos estudantes. As organizações adultas têm quase tôdas suas partes «mais jovens» que se recrutam no meio estudantil. As escolas que querem estar na «ordem do dia» são fàcilmente sobrecarregadas. E tudo isso não é sempre hierarquizado, nem isento de rivalidades, tanto entre os professôres quanto entre os alunos. Cada um tem seu movimento para promover usando às vêzes pressões intempestivas. Possa o apêlo à unificação das fôrças que formulava S. S. João XXIII, em sua mensagem sôbre a Ação Católica italiana (Documentação católica, 7, fevereiro, 1960) ser ouvido e aceito por todos para se tornar uma esplêndida realidade!

Alguns acham também que a J.E.C. é lenta para produzir apóstolas autênticas. É preciso pensar que o senso apostólico enxerta-se na natureza do indivíduo que, na adolescência sofre às vêzes a insegurança e instabilidade, sem contar com as outras perturbações de ordem física e psicológica, com suas repercusões na ordem moral.

Precisaria poder responder adequadamente à questão : «Que é uma militante ou jecista de 15 ou 18 anos»? Os critérios não são fáceis de se formular, sobretudo quando se considera o meio social e familiar em que as jovens evoluem... onde elas «vivem vitalmente» enquanto tantas vêzes, nos bancos escolares, elas não fazem senão «esperar que acabem»!

Enfim, fala-se às vêzes que a J.E.C. não produz, bastante, vocações religiosas ou sacerdotais. É preciso admitir em primeiro lugar que isso não é seu papel inicial. Tem por fim despertar a consciência cristã face ao meio de vida, suscitar um desejo de reforma pessoal e de dom de si ao meio. É a aprendizagem do amor oblativo! Ela quer pois produzir militantes autênticas, fiéis à sua vocação de «cristãs». Que um dia a militante escôlha um estado de vida que exigirá o ultrapassar dos valores temporais e a integração numa família religiosa, isto depende da graça de Deus e da opção pessoal, e não da JECF!

Notemos, entretanto, que inquéritos sérios feitos nos seminários e nos noviciados provaram que o movimento fêz e faz ainda sua grande parte no recrutamento das vocações, e na formação de personalidades adultas que serão de grande utilidade à família religiosa que os recebeu.

+ Condições de base

Voltemos agora à questão inicial : «Que devemos esperar de um núcleo de J.E.C.? Que é necessário para que êle seja verdadeiramente eficaz? ... Que se pode esperar de militantes que procuram sua própria unidade enquanto trabalham a serviço do próximo?»

Diz-se da A.C. que deve ser «fermento na massa». Sim, certamente. E isso se aplica à militante em seu núcleo e em seu meio. Que a militante seja «fermento», isso implica primeiramente que ela seja «lider» no sentido que assinalamos antes, isto é uma moça de primeiro plano que não tenha mêdo de sacrificar-se pelo movimento. Se a J.E.C. só se abre às «boas moças» que se fazem notar por uma conduta impecável mas que, de outro lado, não têm nenhum dinamismo (uma militante normal poderia reunir os dois) ela não será fermento! E se, uma vez escolhidas as militantes, elas serão guardadas em estufas, para uma sólida formação pessoal anterior a tôda ação, e que as separa do meio, o dia em que elas quiserem agir, elas não estarão mais na massa... porque a massa não as quererá mais. A massa considerá-las-á como «as preferidas das Irmãs», as moças que passaram meses a fazer pequenas «combinações» e que vêm agora procurar nos jogar nos seus negócios» (autêntico). É pois urgente que o método de formação pela ação seja bem aplicado se se quer verdadeiramente conseguir de uma militante sua influência e seu prestígio no meio.

Notemos também que o movimento precisa de uma certa liberdade de ação, da possibilidade de realizar, ao menos em parte,

o «agir» do programa que está em estreita ligação com o problema estudado. Tantas reuniões resultam ainda hoje, em alguns núcleos, em «guardar o silêncio nos corredores», «levantar» quando o professor entra, vender tal ou qual brochura, quando o «ver» e o «julgar» fizeram ver a influência das canções ou a nossa inércia em face da televisão e do rádio.

+ Contribuição da militante

E agora, o que devemos esperar da militante, e, depois, do Movimento?

Quando a militante é verdadeiramente militante, pode-se esperar dela um esfôrço real para realizar seu ser humano e cristão e isso no contexto familiar, escolar, social e paroquial. Eis a resposta ao dom magnífico da vida que Deus lhe fêz... É também um gesto de justiça para com o Cristo, do qual quer se tornar a colaboradora nesta obra de Redenção. Traduzir-se-á pela aquisição da competência. Entre as mais novas, o desejo é pôr mais alegria... verdadeira alegría, em todo lugar... As maiores entenderão fàcilmente que esta alegria não pode ser vivida senão num clima de estado de graça, de justiça, de caridade.

Das militantes não se esperará uma saída de seu meio, mas um engajamento nesse meio para nele viver todos os valôres cristãos de seu ofício. A perspectiva que tem do trabalho a cumprir, e da pobreza dos meios de que dispõe, far-se-á ver a necessidade da oração e dos sacramentos, de uma reforma pessoal e da aquisição de certas virtudes. A procura das soluções cristãs fa-la-á encontrar o Cristo no Evangelho... e naqueles que amaram e serviram sua Igreja. A militante deve colaborar totalmente no trabalho de conjunto da equipe. Mas, além dêste apostolado coletivo, há também o que ousamos chamar de apostolado pessoal. Trata-se de ter os olhos fixos no conjunto de meio... mas também sôbre as pessoas que o compõem. Não se deve entretanto despersonalizar a J.E.C., insistindo demais no fato que é um movimento de equipe ou de massa. Pode mesmo acontecer que a militante deva tomar conta momentâneamente de tal companheira que precisa verdadeiramente ser ajudada em seu coração ou em sua alma.

Isto se torna um gesto pessoal, é certo..., mas ainda é preciso que seja feito!

Não esqueçamos sobretudo de que a militante permanece humana e **adolescente** com tudo o que isto pode significar de instabilidade e de fraqueza. Saibamos entender uma fraqueza e sustentar um esfôrço. É verdade que as publicações não fornecem

todos os pormenores de uma tal ação mas é preciso contar com o Assistente e com a Adjunta para abrir as perspectivas e para orientar a jovem militante para uma verdadeira espiritualidade apostólica, para uma caridade bem entendida em relação ao indivíduo e ao grupo.

+ Contribuição da equipe

Quanto ao que se pode esperar de uma equipe isso depende da idade das militantes, de seu grande adiantamento escolar e dos quadros institucionais que as cercam.

Que as de primeiros anos sejam alegres e francas, que introduzam na escola a ajuda mútua no trabalho, animação no jôgo, sinceridade na oração : tudo isso no espírito de amizade com o Cristo, e o próximo, não se pode pedir mais.

À medida que as militantes crescem, pode-se exigir mais das pessoas e da equipe. Nos últimos anos de ginásio e sobretudo no «colegial», dever-se-á poder distinguir uma orientação, pois as militantes são ainda jovens em formação, para reações conscientes e autênticamente cristãs diante de tudo o que a vida oferece, à sua personalidade feminina. Esta orientação deverá chegar a um esfôrço generoso e perseverante para irradiar esta espiritualidade do real, baseada na transcendência divina. Não se deve esquecer que a A.C. não tem por missão preconizar tal ou tal devoção, mas «cristianizar» o temporal. Tudo o que toca ao humano, interessa à J.E.C., e isto, para dêle extrair o sentido profundo e divino. Sua espiritualidade é distinta dos exercícios de piedade, que ela não deixa todavia de lado. O Evangelho, a liturgia, os sacramentos devem inserir-se na vida da equipe de um modo vital e profundo e dever-se-ia esperar da militante um engajamento que se prolongará depois de sua saída do ginásio, sobretudo do Colégio, no contexto de sua paróquia.

+ Fermento que leveda

A militante... a equipe serão pois o fermento na massa... Mas o fermento leveda... êle faz crescer... êle traz um elemento novo e dinâmico! Não se deverá pois admirar se a equipe entra algumas vêzes em efervescência,... se ela se afasta dos caminhos batidos para estar à escuta da vida, tal qual o presente a constrói. A renovação litúrgica, os novos movimentos de pensamento, as novas técnicas de difusão, os novos métodos de trabalho, os padrões novos de cultura intelectual e espiritual interessam profun-

damente à adolescente e, com maior razão, à militante que deve permanecer contìnuamente em contacto com o mundo em marcha. Estas jovens não são, como nós condicionadas pelo passado. Vivendo totalmente no presente elas nos parecem um pouco revolucionárias em certos dias. É então que precisaria reler diante de Deus o discurso de S.S. Pio XII às religiosas educadoras, datado de 13 de setembro de 1951, assim como a alocução magistral que êle fêz dirigindo-se às religiosas Adjuntas das Associações da Juventude Feminina da Ação Católica, a 3 de janeiro de 1958. Poderemos, então, meditar a manífica definição que êle dá da «compreensão», atitude de base que deve informar tôda a pedagogia de uma verdadeira educadora assim como o programa de ação que êle preconiza aos nossos institutos de educação feminina para pôr a serviço da Igreja e do mundo «estudantes de vanguarda, formadas e ativas, ousadas e prontas, que arrastem atrás delas o maior número possível de companheiras para as batalhas pacíficas, para o advento e a difusão do reino de Cristo sôbre a terra».

+ Meios de ação

Esperamos que a equipe aja... que seja um fermento que faça levedar a massa... mas quais serão seus meios de ação? De um lado êles podem ser muito limitados sobretudo nas mais jovens, se se considera o quanto a população estudantil está cercada pelos quadros escolares, familiares e sociais. De outro lado êles podem ser ricos de formação pessoal e de irradiação se se pensa no espírito de iniciativa da adolescência no seu desejo de saber, e também nesta propensão psicológica de querer se encontrar entre iguais para «Discutir seus negócios». Precisará sem dúvida de um adulto responsável e «aceito» — é indispensável — para ajudar as adolescentes a se realizarem a si mesmas e a construir o meio em que será bom viver como estudantes cristãs; conscientes de seu papel na sociedade e na Igreja.

Assinalamos sòmente os instrumentos de trabalho que a J.E.C., põe à disposição das equipes nos diferentes setores. Boletins, bilhetes, publicações especiais, correspondência, etc. sem esquecer o Programa que orienta o trabalho e com todo o respeito que lhes é devido — O Assistente e a Adjunta.

CONCLUSÃO

Assinalemos, à guisa de conclusão, um aspecto do papel estratégico da Adjunta na secção. Indispensável no movimento, a Adjunta deve se fazer sempre mais discreta segundo a idade

das militantes e seu grau de responsabilidade e isso simplesmente, serenamente, sem se crer frustrada em seus direitos ou diminuída em sua personalidade.

A Adjunta deve ter noções, ao menos elementares, da psicologia das adolescentes e ela deve saber em que consiste o fenômeno de identificação que influencia tão profundamente nesta idade... e um pouco mais tarde também! Sem querer entrar em explicações que todo o mundo conhece, lembremos simplesmente de que as jovens à procura de um «herói» fixam suas aspirações sôbre a Adjunta bem «aceita». Inconscientemente, é certo, elas são tão ávidas de independência e originalidade nesta idade, quanto copiam as reações, adotam os esquemas de pensamento, abraçam as opiniões, vão mesmo até imitar os gestos e a letra daquela que, presentemente, concretisa para elas um ideal.

A Adjunta que está no próprio centro da vida das adolescentes, pelo Movimento, deve tomar conhecimento do poder de sua ação e da influência de tôda sua personalidade. Há pois perigo para ela, sobretudo se lhe falta maturidade, de explorar inconscientemente, ela também, as almas que lhe são confiadas, de orientá-las para devoção ou valôres que ela tem a peito, sem que estas devoções e êsses valôres estejam em correlação com a jovem personalidade que está em causa. Uma educadora, verdadeiramente lúcida sôbre seu papel junto às adolescentes, conhece a vertigem em certos dias diante da responsabilidade que pesa sôbre elas. Mais do que nunca ela sente a necessidade, não sòmente de um esquecimento pessoal, mas também de uma oração fervorosa.

Só o Espírito Santo é o grande agente de santificação. É Êle que esclarece as inteligências e anima as vontades. Um duplo movimento impõe-se pois à Adjunta : primeiramente não se substituir ao Espírito Santo, mas ser dócil à sua ação, a fim de se tornar verdadeiramente uma mão e um coração que conduzem ao Cristo. Depois, respeitar a obra do Espírito Santo nas militantes que êle nos confia e crer em seu mandato de apóstolos na obra da Redenção. Docilidade, espírito de fé : êste foi o clima da alma de Nossa Senhora na hora de seu «FIAT».

---

3 — A ADJUNTA E A MILITANTE :

Formação da militante : angústia das Adjuntas, item que aparece na agenda de todos os dias de estudo, aspiração que freqüenta tôdas as almas religiosas ou leigas, diante de sua responsabilidade de educadoras apostólicas, diante de Deus e da Igreja.

Numerosos artigos, até mesmo opúsculos e volumes, foram escritos sôbre o assunto. Todos os movimentos apresentam princípios de base e esboçam métodos de aproximação, pois o problema de formação militante não é monopólio da juventude, ainda menos, da J.E.C.

Tentaremos, por nossa vez, a aventura de elaborar uma «mensagem» dirigida às Adjuntas da J.E.C.? Traremos, fazendo isso, uma verdadeira contribuição ou atrapalharemos ainda mais o fêcho de nossas incertezas em questão? Parece mesmo que um esfôrço deve ser tentado. Começaremos, pois, pela definição dos têrmos e apresentaremos, em seguida, o que a J.E.C. oferece às suas militantes para sua formação pessoal e para sua evolução na equipe, sublinhando sobretudo o papel da Adjunta no meio educador e estudantil e na secção pròpriamente dita.

1. DEFINIÇÃO DOS TÊRMOS

Definir têrmos é certamente voltar às idéias já expressas e expor-se a repetições. Por outro lado, os três elementos em causa: militante, Adjunta e formação, os dois primeiros introduzindo as duas pessoas que se encontram e a terceira expondo o gênero de relações que quer estabelecer entre as duas pessoas. É, pois, importante que os conceitos sejam bem claros, se não se quiser expor a erros lamentáveis, ou pelo menos, à desagradáveis enganos.

+ Militante :

A militante é, como o indica a expressão, aquela que milita, que age, que vê uma obra por fazer e que se entrega a ela de todo coração... e com todo seu talento também. A etimologia latina introduz a idéia de combate, de luta, de conquista: palavras bastante deturpadas já, mas que designam entretanto valôres essenciais a todo espírito verdadeiramente militante.

Infelizmente, muitas vêzes, encontram-se «boas pessoas» da «boa sociedade» encarregadas de equipes dos movimentos de jovens ... das «menos jovens», que não têm êste dinamismo, êste prestígio, esta influência que deve existir, ao menos de modo embrionário, naquelas e naqueles que consideramos como tipos chaves do meio. Que as fôrças vivas sejam ainda pouco ou nada canalizadas, que a personalidade seja ainda tôda inculta, que a angústia do meio não tenha sido ainda despertada, isso não altera em nada as qualidades intrínsecas de «líderes», que se devem

encontrar primeiramente no fundo da pessoa, antes de querer levá-la a encontrar uma «forma» que fará dela um verdadeiro valor. Se se deve ter mais exigências para com as maiores, do que para com as mais novas, quando se trata do rendimento efetivo e do esfôrço perseverante, até as mais novas devem apresentar, como as mais velhas, as características de uma personalidade forte e ativa, uma propensão para se tornar verdadeiramente «responsável».

Se se recorda do que foi dito, anteriormente, sôbre o assunto, é claro que antes de pensar em formar uma militante, é preciso que ela seja uma militante em potência, um líder susceptível de formação, com uma inteligência ao menos média, com um julgamento reto, uma dedicação sempre pronta... e isso é muito lógico.

+ Adjunta

A Adjunta é uma adulta, religiosa ou leiga, a quem se confia a responsabilidade de uma secção, em graus muito diferentes segundo a idade das militantes e segundo seu grau de formação, ou de engajamento. Ela deve garantir, primeiramente, a segurança e a estabilidade necessária não sòmente à boa marcha do movimento, mas também, e sobretudo, ao equilíbrio psicológico das jovens que fazem parte dêles. Sua tarefa não repete a do Assistente, mas a prepara e a completa. Sua personalidade de mulher aproxima-a das moças. Permite-lhe preparar a estrada para a ação do padre e continuá-la em encontros menos formais. A Adjunta pode, pois, trabalhar mais fàcilmente sôbre o plano da amizade e do intercâmbio, sobretudo com as mais velhas. Com as mais jovens ela servirá sobretudo de objeto de identificação. É uma responsabilidade a mais e ela é grave, porque implica para a Adjunta num profundo valor e numa sinceridade absoluta. As adolescentes têm uma perspicácia psicológica tremenda que as faz discernir depressa a aparência da autenticidade. Elas esperam e com razão, que o testemunho de vida venha se unir à competência e à compreensão, sem o que tôda influência apostólica será neutralizada. Isto impõe exigências pesadas e sérias conseqüências às Adjuntas, tanto leigas quanto religiosas. Estas renunciaram a muitos valores temporais e certos aspectos de sua vida são regulamentados por votos e vivem no interior dos conventos. A situação não é a mesma para a Adjunta leiga. As jovens terão os olhos fixados sôbre seu engajamento cristão nos valores temporais, sôbre seu comportamento fora da escola ou na secção. De todo modo, religiosa ou leiga, é tôda a pessoa da Adjunta que está em jôgo...

são tôdas as suas fôrças vivas que são mobilizadas para êste trabalho de ajuda.

+ **Formação :**

Formação... formar... dar forma : tantas expressões que fazem refletir, por causa das modalidades que elas apresentam segundo se aplicam ao escultor, cujo cinzel e buril falham uma estátua no bloco de mármore... segundo também se aplicam ao Criador, que dá uma «forma» à matéria inerte para dela fazer um sêr vivo ou ainda, ao padre que, guardadas as proporções, «informa» por suas palavras, o gesto que êle executa, o qual, pela união da matéria com a forma torna-se um Sacramento.

«Dar uma forma» a uma matéria inerte difere e muito, de «dar uma forma» a uma matéria viva que traz, já em si, todo um dinamismo interior. E quando esta matéria viva é um ser humano que, à sua atividade pessoal, acrescenta a «liberdade» e quando êste ser humano é já um adolescente, como é o caso na J.E.C.; acontece pois que o têrmo «formação» toma um sentido, ao mesmo tempo, particular e restrito.

A verdadeira formação não consiste pois em querer esculpir — ainda menos criar — mas em se servir da vida, já em operação no ser, para fazer jorrar do próprio interior da pessoa o dinamismo necessário para pô-la em obra na construção do seu «vir-a-ser». Convém à própria pessoa esculpir! À educadora, à Adjunta, convém apresentar luzes à inteligência, motivos à vontade. À educadora, à Adjunta convém ver com o indivíduo o fim a alcançar, para realizar plenamente seu ser e procurar com êle os meios para aí chegar seguramente. É possível que um tal raciocínio vá de encontro a certas teorias que fazem da educação um treino, um constragimento arbitrário sôbre personalidades, para levá-las a tal fim bem preciso e por meios bem delimitados. É preciso guardar-se do autoritarismo, de uma influência intempestiva, que se podem exercer por um tempo, mas que quebrarão os recursos interiores da pessoa assim tratada, ou revoltá-la-ão um dia, totalmente, contra êsses educadores.

Se o exterior deve fornecer ambiente e meios de formação, é do interior que devem vir as reações conscientes, as opções de base, o engajamento pessoal do ser racional, do cristão adulto.

2. J.E.C. ELEMENTO DE FORMAÇÃO APOSTÓLICA

O objetivo visado pela J.E.C., em sua obra de formação, é apresentar à estudante um «estilo de vida» que combina perfeita-

mente com seu estado de adolescente cristã, católica, militante, membro de uma família, de um escola, de uma paróquia, de uma Igreja.

Não se trata pois de desenvolver primeiramente os seus talentos artísticos, ou seu senso social, ou seu humanismo cristão, ou a vida de graça que seu Batismo e sua incorporação no Corpo Místico lhe valeram, mas de lhe fornecer os meios de desenvolver tudo isso, a fim de se tornar uma militante autêntica, capaz de trabalhar eficazmente em sua formação pessoal e na promoção de seu meio.

É muito importante saber que o ideal da J.E.C. é formar mentalidades cristãs, construir um «estilo de vida» estudantil. Compreendemos então, mais fàcilmente, porque ela se interessa por tudo o que pode assegurar o desenvolvimento humano, seja físico, intelectual, psicológico moral ou religioso. Ela quer certamente «militantes» mas ela se lembra de que «a graça não destrói a natureza». Esta graça dá ao ser a vida nova; fornece-lhe um organismo espiritual que lhe permite viver da fé, virtude teologal que ultrapassa os limites de nosso ser finito.

A J.E.C. percebe a necessidade de um encontro pessoal com o Cristo pela meditação, pelo Evangelho, pela Eucaristia e pela Confissão. Ela não se esquece também da fôrça de persuasão que tem a competência e o testemunho de vida. Enfim ela conhece o valor redentor e de «construção do Reino» que são a oração pessoal e comunitária, o sacrifício livremente procurado e aceito, o dom de si ao meio, os Sacramentos e sobretudo a Missa.

Para ajudá-la em uma tarefa tão gigantesca, a J.E.C. conta, certamente, com seus Boletins, com os Programas e outras publicações a fim de torná-los assimiláveis por jovens inteligências. Ela conta, também, com as exigências espirituais que implica a própria mística do movimento e suas idéias fôrças. Ela conta sobretudo com a Adjunta e o Assistente que vivem em contacto imediato com as militantes e que podem variar e adaptar a mensagem segundo as circunstâncias. A técnica, por mais avançada que seja, ainda não conseguiu realizar um cérebro eletrônico com produtos apostólicos. Não se deve pois crer na formação automática das militantes, pelo emprêgo de tal ou tal meio, de tal ou tal estratégia. Põe-se, algumas vêzes, tôda a confiança em tal devoção particular, em tal gesto bem preciso, no tacto psicológico, ou no mandato de educadora. Esquecemo-nos então de que as jovens são bem diferentes umas das outras, que elas são dotadas de uma liberdade, a respeito da qual elas mantêm um culto pro-

fundo e uma susceptibilidade à flor da pele. Esquecemo-nos sobretudo de que «tudo é graça» e que «se um semeia, outro rega, é Deus que faz crescer». É pois preciso respeito às pessoas e respeito ao plano de Deus, mas sem regligenciar as palavras e os atos que cremos dever dizer ou fazer, segundo as situações. Seria interpretar muito mal esta noção de respeito, identificá-la a uma simples observação simpática e compreensiva das personalidades em evolução.

A adolescência, é verdade, educa-se mais através de uma irradiação vital, um «adsum» autêntico, que por diretivas de autoridade ou por raciocínios abstratos e subtís. Diretivas e raciocínios são todavia necessários, e será a irradiação vital de uma «presença que fará aceitar as diretivas, que animarão os raciocínios. Esta «presença» terá como missão fundamental orientar a militante para uma formação integral, suscitar junto dela outras «presenças», tanto no plano natural como no sobrenatural, e enfim ajudá-la a se servir, segundo seu ritmo de alma, dos meios de ação que lhe fornece o movimento.

3 — PRESENÇA DA ADJUNTA

+ Um estilo de vida

A J.E.C. é um «estilo de vida», dissemos. Disso resulta, pois, que a missão da Adjunta ultrapassa o quadro das reuniões e torna-se por sua vez «estilo de vida». — É todo o ser que deve ser influenciado, em tôda sua vida, para tôda uma vida. A Adjunta não dará verdadeiramente senão o que ela vive ou procura viver autênticamente.

Deve ser ela mesma «chefe de fila», a primeira na ascensão, se quer que as militantes aceitem verdadeiramente a subida que ela propõe. Apresentar e fazer aceitar uma tal ascensão é uma obra complexa e a tentativa de descrever em detalhes um tal procedimento apresenta grandes dificuldades. Os fatôres que entram em linha de conta são numerosos, dependem em grande parte das personalidades que estão em causa, de sua formação anterior e de sua reação diante do sobrenatural. Sobretudo, há êste elemento imponderável que existe em tôda parte, onde o divino está presente e atuante.

+ Formação integral da militante

Um dos aspectos essenciais do papel da Adjunta é promover a evolução apostólica da militante, mas não se deve pensar, que

só o espiritual, como sabemos, é enxertado sôbre a natureza, e quanto mais esta natureza fôr dócil e receptiva, rica de possibilidades humanas, mais o enxêrto vingará. A militante forma-se para si mesma e para seu meio. Precisará, pois, adquirir êste equilíbrio físico, esta disciplina de vida pessoal cuja necessidade e exigências ela deverá descobrir e aceitar, sem o que ela conservará por muito tempo, até muito tempo demais, a instabilidade de sua adolescência. As qualidades humanas, até mesmo pròpriamente femininas de amabilidade alegre, de distinção nas maneiras, de linguagem simples e correta podem parecer secundárias à primeira vista, mas a experiência prova que elas ajudam ou atrapalham um primeiro contacto tantas vêzes pesado de conseqüências espirituais. Mais ainda, a evolução psicológica condiciona a maturidade das relações com Deus e com o próximo; o senso social permite viver a vida de equipe, conhecer o meio, trabalhar nêle eficazmente, fazendo contudo a transferência sôbre um outro plano : o da grande realidade do Corpo Místico. Senso da responsabilidade de base tanto mais indispensáveis para desenvolver, quanto são essenciais a todo engajamento espiritual autêntico, como tôda verdadeira evolução para um estado adulto. Os valôres humanos têm pois suas repercussões no mundo das almas e importa que a Adjunta tenha consciência dêles e esteja convicta, afetiva e efetivamente.

A adolescente que se revela tipo chave de seu meio não possui certamente todos êsses valores. Êstes estão ainda sem cultura e muitas vêzes mesmo, sòmente em estado de potência,... mas é bom, para nós, considerar a obra a realizar a fim de levar-lhe nossa pequena contribuição, com zêlo apostólico, é certo, mas também com inteligência e jeito. É uma obra de longo fôlego, certamente, a formação de uma militante e se estende durante a pequena e a grande adolescência, quando não durante tôda a vida. A Adjunta não está só para desempenhar essa missão : a família e a escola estão também engajadas neste trabalho de educação. Mas, o que é preciso considerar, é que a Adjunta tem, além de suas possibilidades de professôra, aquelas que lhe fornecem um Movimento de jovens da A.C. Especializada, que introduz a militante numa obra de Igreja, lhe revela o papel magnífico que ela deve aí desempenhar, lhe fornece os meios para realizá-lo e a engaja num dom pleno ao Cristo e a seus irmãos, os homens. Tornar-se-á gradualmente consciente, é claro, e segundo as possibilidades de sua alma de 12, 15 ou 18 anos. À Adjunta cabe a tarefa delicada e estratégica de dosar os conhecimentos a apresentar, os esforços a propor, os contactos a fazer e isso com tacto

e prudência, mas também com uma sã ousadia e com uma confiança absoluta no Espírito Santo, que é Êle o verdadeiro artífice da santificação das almas e o primeiro responsável pelos êxitos apostólicos.

4 — PRESENÇAS QUE ELA DEVE SUSCITAR NO PLANO SOBRENATURAL

O Cristo e Nossa Senhora devem se tornar pessoalmente presentes na vida das militantes. Se êles permanecem simples conceitos, por tão raciocinados que sejam, o espírito apostólico não terá êste dinamismo que sustenta a ação e a vida espiritual necessária aos leigos e às religiosas, será muito simplesmente vazia de sentido.

+ O Cristo

O Cristo é fonte de graça e protótipo de apostolado. Que êle aja por si mesmo, pela Igreja que é seu prolongamento ou por seus «gestos» que são os Sacramentos, é sempre Êle que é ao mesmo tempo o centro, o «alfa» e o «ômega» de nossa ação. É sua imagem que é preciso reproduzir em cada um de nós a fim de que o Pai encontre em nós um traço de semelhança com seu Filho. Isso é construir o Reino em nós... Mas é preciso também construí-lo ao redor de nós, edificando, aqui na terra, uma cidade habitável pelos filhos de Deus, não esquecendo todavia que o têrmo, a última mansão, é a Casa do Pai, a Jerusalém Celeste! Desde o grande dia da Redenção, o Cristo não está mais só! Tornou-se a cabeça do Corpo Místico. Aceitar e amar Cristo, é também aceitar e amar nossos irmãos, os homens, membros do Corpo Místico do qual fazemos parte e em cuja salvação estamos vitalmente engajados. Aceitar e amar o Cristo é também aceitar e amar a Igreja que se nos apresenta sob dois aspectos : «Assembléia de fiéis» onde encontramos de novo o Corpo Místico e «Conjunto de meios que o Senhor dispôs para levar os homens à comunhão com Êle, isto é, fé, sacramentos, hierarquia». (cf. Yves Congar, Jalons pour une théologie du laicat, chap. II, pg. 46 e sg.).

É tôda esta sublime realidade que deve ser tornada perceptível às militantes, se se quiser que elas encontrem seu verdadeiro lugar, primeiro na vida cristã, depois nesta colaboração do laicato com o Apostolado da Hierarquia que é a A.C. Ainda é preciso que esta sublime realidade seja percebida pelas luzes da fé e vivida segundo as exigências que ela implica. Noções teológicas e místicas são indispensáveis à adjunta, mas há também a experiên-

cia pessoal de uma piedade adulta com relação ao Cristo e de uma doação plena à sua Igreja.

+ Nossa Senhora : Adjunta Maravilhosa

A Virgem Maria, rainha dos Apóstolos, consentiu em colaborar no resgate da humanidade quando pronunciou seu FIAT que a instituiu «primeira militante». Se sua missão parece singularmente obscura, não se ignora todavia que é por ela que o Cristo quis vir até nós e sempre a encontramos quando se trata de dar a vida : em Belém ao Cristo Homem, no Calvário ao Cristo Místico. Da Sexta-feira Santa à Páscoa, ela guardou sòzinha o depósito da fé, Ela foi a Igreja nesses dias de trevas. Encontramo-la em seguida no Cenáculo, confortando com sua oração e sua confiança, os apóstolos que esperavam o Paráclito. Percebe-se bem que, retirada em casa de João, o Bem Amado, Nossa Senhora foi «Adjunta maravilhosa da equipe apostólica, a Presença irradiante que continuou a dar o Cristo, explicitando seu pensamento que ela havia tão bem entendido, interpretando seus desejos que permaneciam a trama de sua vida.

Ainda é preciso apresentar a Virgem Maria sob um aspecto verdadeiro que ultrapassa muito as devoções das coroas de papel prateado e dos cânticos muitas vêzes marcados de um romantismo de mau valor. Um tal infantilismo cansa às adolescentes ou se lhes agrada, presentemente, quem sabe se um dia — aquêle em que elas verão claro — não as afastará da Mulher, ao mesmo tempo forte como Judith e atraente como Ester, da qual elas têm tanta necessidade para realizar sua formação pessoal e para exercer seu mandato no meio. Um franco retôrno à Bíblia, noções históricas autênticas extraídas de William ou de um Daniel Rops, uma maturidade pessoal na recitação do Rosário e do Ofício, uma sã mariologia na celebração de suas festas : tantos meios para desenvolver esta piedade, ao mesmo tempo forte e esclarecida, mas também ternamente filial que deve marcar nossas relações com nossa Mãe e Soberana, Co-Redentora do gênero humano e Medianeira de tôdas as graças.

5 — PRESENÇAS QUE ELA DEVE SUSCITAR NO PLANO NATURAL

A Adjunta não deve ser constrangida pelo seu meio, em seu trabalho junto às jovens, ela não deve também de outro lado, criar o exclusivismo, reação demasiadamente feminina. Uma sã

largueza de espírito, a procura constante do bem da militante e o respeito às almas, ajudá-la-ão a dar o lugar que pertence, muitas vêzes, de direito a outras pessoas que vivem no meio e que seriam aptas a dar uma notável contribuição ao desabrochar natural e sobrenatural das militantes.

+ O ASSISTENTE

O Assistente é o primeiro responsável pela formação espiritual das militantes. É a êle que compete a apresentação da mensagem evangélica. É também dever dêle ocupar-se do programa religioso, dos recolhimentos, das linhas sobrenaturais de solução no caso do programa de ação.

Êle é aquêle que irradia os valores pròpriamente espirituais, aquêle que dá Deus. Na formação de base seu lugar situa-se sobretudo, no nível do «julgar». Infelizmente acontece que o Assistente seja pouco ou nada disponível por causa de uma sobrecarga de tarefas pastorais e às vêzes também por causa de uma certa dificuldade ou de uma falta de interêsse para trabalhar junto às moças. Sem se imiscuir no domínio da consciência, a Adjunta deve suprí-lo, ao menos no que concerne ao programa religioso e à espiritualidade do programa de ação e até mesmo na «direção apostólica» que como se sabe, difere muito da «direção espiritual».

No caso de um Assistente disponível, ela colaborará, com êle leal e desinteressadamente. Deve conversar francamente com êle a respeito da evolução das militantes e, de outro lado, deve aceitar que, por sua vez, êle permaneça discreto com ela. Êle tem o segrêdo profissional e sacramental a guardar. Mais, sua psicologia masculina o faz talvez procurar uma síntese enquanto nós estamos ainda interessadas pelos pormenores. De todo modo, a formação apostólica profunda das militantes é fortemente condicionada por essa estreita colaboração entre a Adjunta e o Assistente que dará estabilidade e segurança às jovens personalidades, tão abaladas pelas flutuações da adolescência. Enfim, uma respeitosa deferência, que não esclui uma atividade alegre e que não significa também uma obsequiosidade quase servil, dará o tom das relações que devem existir entre o Assistente e as militantes. Sem destruir o ambiente de confiança, que deve reinar no coração da secção, é bom que as militantes saibam discernir sempre o homem de Deus, no Assistente que está a seu serviço.

É mesmo do dever da Adjunta orientar as militantes para um contacto pessoal com o Assistente ... ou ao menos para com o

sacerdote que saberá ajudá-las. Se um problema surgir na vida pessoal ou apostólica da militante, é fácil para a Adjunta tomar uma posição de reserva e aconselhar uma entrevista, sem nunca impô-la, pois as adolescentes, sobretudo as mais novas, não são habituadas a encontrar o sacerdote e preferem dirigir-se a um sacerdote desconhecido, no caso de uma dificuldade pessoal. De todo modo, discretamente, com muito respeito pela liberdade das almas, as Adjuntas devem fazer descobrir às militantes a necessidade de uma sã abertura d'alma, em relação ao sacerdote que é mais do que uma máquina de absolvição... pois é também um juiz, um médico, um pai.

+ As Dirigentes

Sabemos o quanto as militantes têm os olhos fixados sôbre as Dirigentes Diocesanas, Regionais e Nacionais. Para certas adolescentes elas fazem verdadeiramente figura de heroínas, sobretudo nos acampamentos e visitas de secções.

Por isso devem-se tornar possíveis êsses encontros, tanto no plano do movimento quanto no plano da amizade, sobretudo se se nota que tal ou tal dirigente exerce uma influência verdadeiramente salutar. É, pois, preciso fazer confiança às responsáveis diocesanas, regionais e nacionais e aceitar o papel que nos parecerá talvez de segundo plano. São leigas vivendo no mesmo ambiente que nossas alunas, engajadas no mesmo contexto de vida. Têm certamente uma mensagem específica a dar e seu mandato confere-lhes uma graça que lhes é própria. De outra parte, êsses contactos com as militantes manterão seu engajamento e lhes permitirão evoluir para uma maior disponibilidade, sempre mais apostólica. Ver tudo o que se diz, mais adiante, sôbre «Conselheira».

Ainda mais, seria bom que intercâmbios se fizessem a respeito das jovens entre a Adjunta e a Equipe de Direção, e isso sob o cunho da mais estrita discreção de uma parte e de outra. As alunas são tão diferentes em seu comportamento na escola, na equipe e em plena natureza. Os dias de estudos (diocesanos, regionais e nacionais) e os acampamentos de formação tornar-se-ão então um esfôrço combinado para fazer evoluir certos tipos, com os quais se pode contar verdadeiramente, para engajar outros que uma responsabilidade confiada ou uma marca de atenção, podem fazer com que se revelem. Aqui ainda êste esfôrço comum assegurará estabilidade e segurança às adolescentes, à procura de uma personalidade feminina ao mesmo tempo exemplar e apostólica.

Enfim, encontros com dirigentes de outros movimentos : J.A.C., J.O.C., J.I.C. revelarão às militantes a existência de outros meios de vida e de outras doações.

Êles ajudá-las-ão a descobrir a dimensão da paróquia, da diocese, tão importante na vida da Igreja, e tão estratégica para assegurar o revezamento na equipe ou para suscitar um engajamento subseqüente nos Movimentos de Adultos de Ação Católica.

+ As Educadoras

A Adjunta não é, certamente, a única educadora com que a militante se acha em contacto imediato. Conforme esta seja interna ou externa, encontrará a diretora da escola, as regentes, as professôras de piano ou canto, as mestras de classe, até mesmo a Adjunta ou a professôra do ano precedente. Se, de um lado, não é bom que a militante passe seu tempo a ir contar seus mínimos problemas a todo mundo — uma introspecção doentia poderia resultar disso — é bom entretanto saber a quem dirigí-la no caso, pois é bem possível, que ela não tenha confiança na Adjunta o que pode muito bem acontecer, por causa de uma incompatibilidade de caracteres ou de um conhecimento mútuo insuficiente. Na ocorrência, a Adjunta deve aceitar que a militante procure ajuda perto de uma outra pessoa que a animará na dificuldade presente. O próprio fato de fechar os olhos sôbre a situação, de favorecer mesmo alguns encontros basta muitas vêzes para despertar a confiança. Como quer que seja, a Adjunta não se impõe à militante, esta deve se sentir perfeitamente livre de confiar suas preocupações pessoais a quem lhe aprouver e isto sem se arriscar a observações desagradáveis, sobretudo sem provocar algumas manifestações de despeito.

Além disso, o conjunto das educadoras pode ajudar poderosamente para criar esta atmosfera de alegria e de espírito de serviço, tão necessária à evolução normal de uma adolescente. Algumas aceitarão mesmo colaborar, animando suas alunas para que aceitem responsabilidades em relação a tôda escola, inscrevendo no horário de seus cursos, noções de base, como Corpo Místico, para uma melhor compreensão da espiritualidade da J.E.C. ou permitindo experimentar em aula, certos métodos ativos de trabalho.

Ao mesmo tempo que se tornam colaboradoras preciosas numa obra de Igreja, elas se tornam testemunhas de solidariedade para com a Adjunta, que em certos dias precisa de apoio e de encorajamento na árdua tarefa que lhe é confiada.

A Adjunta tem certamente muito o que fazer junto do corpo docente, tanto para informá-lo como para estruturar sua colaboração.

+ Os Pais

A família, sabemos, tem um papel insubstituível na formação da criança. Todavia, chegada à adolescência, pode ser que a militante tenha sua crise de libertação em relação a seus pais. Certas adolescentes virão à equipe justamente por causa de um problema de família, de uma situação da qual procuram evadir-se, por uma atividade que as afastará um pouco de casa. É porque, se é normal e mesmo aconselhável que o pai e a mãe estejam a par da vida de sua filha, não deve haver ingerência de sua parte. A Adjunta deve conhecer bem o meio familiar antes de arriscar um pedido de colaboração. Se a militante chega a saber que existe uma espécie de coalisão «Pais-Adjunta», isso pode bastar para lhe fazer rejeitar totalmente o movimento, com tudo o que êle comporta. Seria então aumentar a rutura, e a adolescente seria privada dêste trabalho discreto, mas autêntico, que deve fazer a J.E.C. : orientar gradualmente a militante para um estado adulto e conservá-la unida a sua família, pelos laços de um amor afetivo e de um filial devotamento. A Adjunta pode todavia trabalhar discretamente para facilitar essa união. No caso de um problema concernente aos mistérios da vida, é normal que a primeira reação seja aconselhar uma conversa com a mãe. Se ela não é aceita, como acontece muitas vêzes, é possível, sobretudo com as mais velhas, fazer redescobrir o conceito «maternidade» com tudo o que êle implica. O recurso ao pai não deve ser esquecido também, porque êle pode trazer um complemento de formação que está longe de ser negligenciável. Conversas surgidas nos círculos podem resultar numa descoberta e numa compreensão mútuas. Mais ainda, êste dom ao meio, êste «colocar meus talentos a serviço dos outros» devem ser vividos na família, como na escola e na rua. A segurança que oferece um lar unido marca profundamente, senão para a vida, uma adolescente que a experimentou, mesmo se, nesta hora de crise, ela a apreciou de uma maneira discutível. À Adjunta compete pois salvaguardar, com tato e compreensão, as relações «Pais-Adolescentes» que podem anuviar-se por um tempo mas que reaparecerão em plena luz, com um afeto mais sincero, no dia em que a adolescente se tornar adulta por sua vez.

+ O Meio e as Militantes

Um fator de evolução, muitas vêzes negligenciado e entretanto na linha da psicologia da adolescente, é a influência das outras militantes e do meio. Não é todavia citando certas estudantes como «modelos» que a Adjunta chegará a seu fim; poderia mesmo suscitar de um lado a vaidade, e do outro o ciúme. Parece que o melhor método seja o de colocar as militantes num estado de serviço, de ajuda mútua e de solidariedade, umas para com as outras. Numa amizade franca, certos intercâmbios talvez terão lugar, e determinarão uma evolução interessante no grupo, mas não se deve forçar tais experiências. O fenômeno de interiorização, ainda começando nas mais jovens, torna difíceis, senão impossíveis, tais intercâmbios. Mas, o que é preciso utilizar é esta amizade, que é uma ajuda poderosa na educação sentimental das militantes.

Os projetos que elas elaboram juntas, a vida de equipe que experimentam, êste dom de si mesmas que fazem alegremente a seu meio : tantas ajudas preciosas na construção de uma personalidade feminina, que se prepara de um modo são para se encontrar com o outro sexo ou que faz as primeiras experiências dêsse encontro, que se prepara sobretudo a viver o amor oblativo, o único que convém à adulta, e, com maior razão, à adulta cristã.

É preciso também assinalar estas experiências pessoais que a Adjunta pode e deve fazer viver por certas militantes, fornecendo-lhes a ocasião de uma conversa com uma militante mais evoluída ou ainda fazendo-lhes descobrir, em seu meio, tal estudante que está num momento difícil e que precisaria ser ajudada. É um apostolado personalizado, que não se deve negligenciar sob pretexto de trabalhar no meio. O perigo de erigí-lo em sistema seria desenvolver um maternalismo de mau gôsto ou de engajar as jovens numa procura de «alunas problemas», o que poderia se tornar, pelo menos, indiscreto. As militantes descobrirão, então, uma série de casos cujos acúmulo e conteúdo acabarão por exceder, sobretudo entre as mais jovens, sua resistência psicológica. Poderiam mesmo tornar-se céticas ou desiludidas diante da vida, enquanto é preciso guardar-lhes seu entusiasmo e sua alegria de viver. Resta todavia que a mulher será sempre movida mais fàcilmente pela condição de um sêr vivo, que pela situação de conjunto e por exposições de princípios. É preciso pois, para a militante em evolução, tomadas de contacto com o real, aquêle que elas podem encarar, e ocasiões de dispensar gestos bem precisos com respeito a pessoas concretas, experimentar a maternidade

espiritual por uma ajuda efetiva, seja física, intelectual, psicológica ou moral, tudo envolvido de discreção e de caridade fraterna.

É pois, **por, com** e **em** meio que a militante pode evoluir mais naturalmente... é aí que ela encontrará o motivo mais poderoso, ao mesmo tempo que a alavanca mais dinâmica, de um engajamento profundo e cristão sobretudo se se tem o cuidado de lhe fazer descobrir as correlações no plano das almas e da Redenção.

6 — A ADJUNTA E CERTOS MEIOS DE AÇÃO

Além de suscitar junto às adolescentes, presenças, ao mesmo tempo irradiantes e aceitas, a Adjunta deve também exercer uma ação pessoal, através de certos meios que lhe fornece o Movimento. É assim que ela deverá não só aplicar o Programa de ação, mais ainda, fazer conhecer as «idéias-fôrças» do Movimento a fim de que elas sejam integradas na vida, dar o histórico do Movimento, o fim ao qual êle se propõe e os princípios que o regem. Se se quer engajar jovens em obra, sobretudo jovens em plena adolescência, é preciso poder contar com seu entusiasmo e isso não será possível senão na medida em que elas forem devidamente informadas sôbre o assunto do organismo que requer seu serviço, que elas possam encontrar nêle temas de identificação. Há valores certamente que devem ser experimentados para explicar-lhes a fôrça formadora ou libertadora, há atitudes de alma que não se adquirem senão dispensando gestos, mas há também ações sôbre as quais deve-se ter noções claras e precisas. As duas grandes faculdades, inteligência e vontade, não devem ser mobilizadas se se quer o ato seja humano?

+ O espírito que deve animar seu trabalho

Uma palavra sôbre o espírito que deve animar a Adjunta, neste trabalho junto às militantes. Se a J.E.C. não deve se tornar para ela uma obsessão, a evolução das militantes e a promoção do meio serão todavia o objeto de suas constantes preocupações. Ela estará, sem cessar, atenta aos problemas que podem surgir, tanto nos adultos como entre as estudantes, sabendo o quanto estas últimas são sensíveis ao ambiente familiar, social ou religioso no qual elas vivem. A «bossa nova» do cinema, os últimos «sucessos» literários, o comportamento, «a moda» devem ser conhecidos das educadoras, sobretudo daquelas que trabalham no nível secundário e colegial. Ela deverá saber também quais são as fôrças vivas do ser que podem ser mobilizadas para educar a militante cristã. Há orientações muito discutíveis que se introduzem,

às vêzes, nesta obra de formação. Insiste-se muito, até demais, para jovens alunas sôbre o elemento «responsabilidade» que acaba por revoltar os espíritos ou quebrar os entusiasmos. Em outros casos, humilhada de ter sido explorada em seu coração. Há mesmo, algumas vêzes, em certas militantes, o mêdo de chantagem, mais ou menos reconhecido, mais ou menos consciente, que parece vir mais de um ambiente do que de comportamentos precisos da parte da Adjunta «mêdo de não ser apreciada pelo corpo docente, mêdo de não ter as notas desejadas no fim do ano, mêdo de estar na lista negra da escola».

São fatos que, felizmente, não são generalizados mas que também são hipotéticos. Como a Adjunta poderá remediar tais perigos? Não é tornando-se preocupada e nervosa que poderá verdadeiramente cumprir sua obra. Um desejo bastante veemente e muitas vêzes muito humano de alcançar «bons êxitos», com sua equipe de militantes, pode levar a Adjunta a empregar meios de segunda e mesmo de terceira categoria. Acontece que se exerce então uma vigilância desagradável sôbre os fatos e gestos da militante, mesmo sôbre os que exprimem suas relações pessoais com seu Deus; acontece que se insiste para obter dela tal dedicação, que ela não está apta a dispensar, nem psicològicamente, nem espiritualmente. Os motivos que se invocam provêm muito mais de uma decepção mal dissimulada, do que de uma convicção interior.

Não, a Adjunta deve ser calma e serena em seu contacto com as militantes. Ela deve viver e irradiar a alegria, o entusiasmo, uma serena confiança: tantas jovens almas estão desiludidas, feridas (momentâneamente, esperemos), pela situação mundial, pela literatura do desespêro e do absurdo, e da livre sexualidade que circula no país. A Adjunta deve confiar nas jovens, estar convencida de que a Graça está agindo nas almas e que, mesmo se as militantes mostram uma outra modalidade de personalidade que a que conhecemos até agora, permanece verdadeira que é a estas almas que o Cristo confiou seu mandato. E a elas Êle escolheu como «humanidades de acréscimo». É preciso pois paciência na espera, desapêgo de si mesmo, e do desejo de ver os resultados tangíveis de nosso trabalho, fé absoluta, na ação do Cristo e de seu Espírito.

É neste espírito de disponibilidade alegre que a Adjunta encontrará as militantes seja na reunião, seja fora da reunião. Êste testemunho de vida será ainda a fonte mais fecunda de uma formação autêntica para almas apaixonadas pelo ideal e à procura de segurança.

A Reunião

A reunião permanece o eixo central ao redor do qual gravita a JECF. É aí, em equipe, que o Comitê Local vê... julga... age, em função de um problema cujo aspecto geral é fornecido pelo Programa do ano, baseado, êle também, numa problemática sèriamente estudada por um grupo de responsáveis. Resta fazer adaptação local, o que supõe um conhecimento bastante aprofundado do meio, o cotejo com o Evangelho e a doutrina da Igreja, e o emprêgo de meios de remediar a situação, tanto no ponto de vista individual, como coletivo. Tais operações implicam numa certa capacidade de observação, numa certa familiaridade com os princípios evangélicos que alimentam a reflexão, um certo poder de organização para concretizar a ação... e a palavra «certo» oscila segundo os indivíduos, sobretudo quando estão numa idade tão instável, quanto a da adolescência.

A aluna que foi aceita como militante tinha já trabalhado numa equipe, deve ter dado provas de iniciativa e de influência! Uma primeira seleção foi pois efetuada. Cabe agora à Adjunta saber um pouco a que grau de evolução natural e espiritual cada uma das militantes chegou, e ver o que poderia ser necessário ou útil para fazer progredir cada uma : uma responsabilidade a mais, um livro para ler, um encontro a fazer... uma ação metódica, sistemática, não teria muito êxito, mesmo se fôsse possível. É melhor confiar nas exigências do andamento do Movimento, e também do ritmo da vida, pois a JECF quer justamente propor um estilo de vida estudantil e cristã e como o fará melhor senão permanecendo próxima da vida, tal qual é vivida, cotidianamente, pelas adolescentes? A resposta que o Movimento preconiza parece algumas vêzes longe do problema entrevisto... é porque êle não quer ficar na superfície, mas ir edificar no próprio centro da personalidade, estruturas espirituais que lhe servirão, em seguida, de orientações estáveis.

Preparação

Lògicamente uma reunião se prepara, se vive e deve continuar num «agir», se ela quer ser verdadeiramente eficaz. Vejamos o trabalho específico da Adjunta, em cada uma dessas fases.

Admitamos, como premissa, que a Adjunta terá muito a dar de si mesma junto às mais novas do que às mais adiantadas e, com mais razão, às do 2º ciclo; que ela deverá dar muito mais num grupo que principia, do que num mais experimentado.

Primeiro a preparação. É claro que a Adjunta dominou todo o Programa, situando-o dentro da realidade da Diocese, do seu Colégio, que sabe exatamente onde se situa esta reunião no plano geral, que conhece não sòmente o conteúdo, mas também as possibilidades de evolução que êle apresenta para tal militante.

Tanto quanto possível a reunião será dirigida por uma militante. No início do ano, com as mais novas, ou numa secção que começa, a Adjunta poderá tomar maior responsabilidade, mas é importante que ela se apresse em partilhá-la com uma militante que, é claro, não terá a maestria de uma adulta. Precisa lembrar-se de que são jovens que fazem a aprendizagem de uma coisa muito difícil : conduzir uma assembléia, num autêntico espírito de equipe. É simplesmente o dinamismo dos grupos que elas experimentam.

A adjunta terá, pois, um encontro particular com... digamos, Regina, que amanhã tomará a responsabilidade da reunião da Equipe. Êste encontro não tem por fim preparar a reunião **de** Regina, mas preparar a reunião **com** Regina, o que é muito diferente.

Não se trata de dizer : «Faça isto... diga aquilo... responde aqueloutro..., mas antes : o que responderá a isto? você pensa que tôdas as moças pensam assim?... será que é cristão agir dêste modo?... o que poderia ser feito nesse ponto?... será que as moças gostarão disto?... e o Cristo que achará disto?...»

Como se vê a entrevista preparatória não é um **ensaio** da assembléia ou reunião que se desenrolará em seguida como um «show». Regina não aprendeu uma lição, mas provocou-se nela uma reflexão sôbre si mesma, sôbre o meio e sôbre o Cristo — reflexão não estéril e deprimente, mas carregada de ação fecunda. Depois deixa-se Regina com sua responsabilidade, embora permanecendo disponível, pois pode acontecer que ela volte «um minuto» antes da aula, ou durante um recreio, para dizer «logo» uma descoberta que acaba de fazer, um plano que vai submeter à equipe na hora da reunião. É preciso saber aceitar o cumprimento «dêste minuto» e a urgência dêste «logo», assim como se deve deixar à equipe a responsabilidade da aceitação ou rejeição de tal **agir** que Regina quer propor. É preciso evitar que tôda a reunião seja uma coisa só da Adjunta e da responsável. Assim a preocupação do meio entra em linha de conta, o senso de responsabilidade se desenvolve e a caridade fraterna encontra proveito. Chegará mesmo um tempo em que se poderá confiar, eventualmente, êste trabalho de preperação a uma militante de experiência em relação com

uma nova. Isto pode pedir uma renúncia à Adjunta, muitas vêzes levada a tudo concentrar em suas mãos, mas a evolução das «duas» militantes pode exigí-la! É a preço de tais experiências que o espírito de equipe e que a verdadeira amizade se estabelecerão no grupo. O valor de formação de um tal modo de agir, aparece claramente e dá-se conta então do quanto é utópico crer que isto se possa efetuar : quando a equipe de militantes compreende vinte e cinco membros! É melhor multiplicar as equipes de seis a oito militantes e dêles fazer células vivas, do que ter reuniões numerosas em que ninguém se compromete, e que todo mundo espera que acabem! A Adjunta está então obrigada a cuidar de uma tal reunião por causa do ambiente pesado que esmaga a militante responsável, a menos que esta não reaja, tornando-se «boss», que se ouve discorrer e que acaba por dar ordens, o que não está no espírito da Ação Católica Especializada.

Desenvolvimento

Depois vem o desenvolvimento da reunião. A Adjunta deve se apresentar disponível e de bom humor : o que pode ser heróico em certos dias; mas essa atitude de alegria terá um efeito contagiante sôbre as militantes e todo o ambiente do encontro se beneficiará dela. Mais ainda, embora não se queira constranger as pessoas, uma certa disciplina se impõe — disciplina encarada e aceita lùcidamente. Uma formação autêntica para a vida pede regularidade, pontualidade : é uma ascese pessoal que faz ganhar muito tempo. As militantes devem se sentir à vontade, sem nenhum formalismo afetado, é claro, mas o desleixo não deve ser aceito e a polidez tem suas exigências. Viver-se-á o verdadeiro respeito das pessoas e dos lugares, tomando-se o cuidado normal das salas e dos objetos postos à nossa disposição, conformando-nos ao horário das pessoas que nos recebem, como é o caso da reunião que se realiza fora da escola. Uma certa indisciplina de trabalho, um desleixo bastante pronunciado no vestuário ou na linguagem, um espírito revolucionário e destruidor de quadros que foram encontrados, em certas equipes, levaram a generalizações indevidas. Descompuzeram o Movimento junto a certas educadoras, até junto a certos pais. A formação feminina autêntica — cristã ousaríamos dizer — não consiste sòmente na iniciativa e na desenvoltura, mas também num certo senso social, numa caridade fraterna vivida, pelos quais as reuniões e atividades do Movimento devem ser marcadas. Um tal espírito não exclui certamente a alegria extravasante, os cantos convidativos, o riso claro e são, que diferem muito daquêle que excita ou que faz mal. Há

todo um estudo psicológico do riso que é muitas vêzes revelador do ambiente de um encontro!

O decorrer da reunião é determinado por um plano que se inspira no Programa Nacional e que — precedida de uma oração — consiste no ato de prudência que exige um **ver**, um **julgar**, um **agir**. Não nos estenderemos longamente sôbre êste plano, cujo valor formativo é evidente e cuja aplicação a movimentos de jovens foi consignada por Pio XII, em sua alocução às Adjuntas religiosas das juventudes femininas da A.C., em 5 de janeiro de 1958.

Fato patente, aliás, é que a maioria das obras de juventude fizeram esforços para integrar em suas atividades esta fórmula de trabalho, que tinha no início provocado uma certa desconfiança. Fica, todavia, a precisar que êste exercício do espírito humano deve ser dominado pela Adjunta e que as militantes devem ser iniciadas e formadas para isto, com muito cuidado. Nós nos contentaremos aqui em notar o que pode servir especìficamente à Adjunta.

Primeiramente a oração! Muitas adjuntas falam, e com razão, de iniciação à meditação. As jovens não são refratárias a êsse exercício, êle corresponde à necessidade de interiorização e nós conhecemos muitas militantes que exprimiram o desejo de experimentar a meditação. Ora, todo o mundo sabe que dois atos precedem o diálogo : o silêncio interior e a atenção à presença de Deus. Então porque a oração de abertura da reunião não seria precedida de 10 minutos de silêncio puro e simples, uma atitude de respeitosa reflexão e isto sem maior aparato, o tempo de tomar sua alma nas mãos, depois de fazer um ato de fé no Cristo presente em nós e ao redor de nós. Nos inicios é preciso que a Adjunta cite a palavra Evangélica : «Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio dêles» (Mat. XVIII, 20). E depois, que a oração não seja demasiado longa, sobretudo que não se perca em comentários infindáveis, que cansam fàcilmente as jovens, sobretudo se elas tomarem um tom moralizador.

Quanto ao conteúdo da reunião, êle é condicionado pelo Programa que está sendo vivido pela JECF, dentro da adaptação feita para a Diocese. Deve-se lembrar que o Programa é um guia, é verdade, que não deve fazer esquecer o meio concreto em que se trabalha, mas também não esquecer que êste mesmo Programa foi elaborado em função de objetivo preciso, que é preciso conhecer profundamente. Escamotear reuniões, ler precipitadamente o «julgar» deixar fàcilmente de lado um «agir», sob o pretexto de

que «isto não se faz aqui», são reações que prejudicam a evolução das militantes, truncando a influência do Programa.

Há semanas em que o programa da escola está sobrecarregado... porque então é a reunião da JECF que deve ser sacrificada? Há uns «julgar» que são compridos e difíceis, porque então não os sintetizar em algumas frases bem dinâmicas? Há uns «agir» que apresentam grandes dificuldades de execução. Porque não procurar algo de similar que, ao menos, seria uma resultante normal do problema estudado? Acrescentemos mesmo alguns planos mais exigentes, dosados segundo o grau de assimilação das militantes. Com elas pode-se procurar as causas de tal comportamento e suas conseqüências, se êle se instalar em nossas vidas... e isso não sòmente no caso de uma situação problemática, mas também no de um ideal a atingir. Não se deve negligenciar o elemento construtivo, que tem muito dinamismo junto aos jovens.

O «julgar» introduz o plano especìficamente espiritual na reunião. A inteligência tem certamente seu papel, mas o espírito de fé tem também o seu. Fala-se muito em «sentire cum Ecclesia» e com razão, certamente. É preciso também «sentire cum Christo» a fim de que o Cristo esteja verdadeiramente presente em sua vida, pois os raciocínios sutis não as comovem. É aí, sobretudo, que a Adjunta e o Assistente podem fornecer uma contribuição apreciável. «O Evangelho diz tal coisa a respeito... tal autor escreveu um livro interessante sôbre esta questão...» e, muito naturalmente, os espíritos ultrapassam os quadros da reunião. Pode-se também fazer notar a razão de ser de tal idéia fôrça, o lugar de tal ponto de uma espiritualidade a ser vivida pela militante, a necessidade de tal ou tal noção. Naturalmente, como que de passagem, são feitas estas referências, e a experiência prova que certas militantes pedem o livro, a que se fêz alusão, vêm conversar mais a fundo sôbre o engajamento espiritual ou ainda propõem, na hora, o encontro especial em que se esclarecerá a questão da história da JEC, onde se estudará a noção precisa sôbre os princípios da Ação Católica Especializada. Tais encontros podem se tornar absolutamente necessários para militantes engajadas no setor das maiores ou do colegial. Opor-se-á, sem dúvida, que é ainda mais tempo tomado! Talvez... mas êstes encontros serão proveitosos, porque desejados pelas militantes e respondem a uma necessidade que jorrou espontâneamente de uma situação. Tais reuniões serão mais curtas para as mais novas. Para as maiores e colegiais, poderiam tomar a forma de retiro ou acampamentos

especializados em que se procuraria levar a uma maior descoberta do Movimento, de seus princípios e de suas exigências.

O «agir» comporta também dificuldades, sobretudo junto às mais jovens, por causa dos quadros mais rígidos que cercam o meio adolescente e também é preciso conhecê-lo por causa da imaturidade com a qual muitas vêzes as militantes reagem. Assim é preciso fazê-las definir bem a ação, mas deixar-lhes a responsabilidade da execução. É tão fácil dizer à militante: «deixe, que eu vou arrumar isso...»! Onde está então a formação pela ação? Se, em certos casos, é preciso evitar-lhes incidentes desagradáveis e nocivos com as autoridades e o meio, não seria bom, em outros casos, deixá-las chegar até o fim de um projeto que lhes é caro, se o sabemos destinado ao fracasso? O insucesso pode ter um valor formativo profundo, pode ser uma iniciação a certos aspectos da vida. Nã será uma experiência verdadeiramente fecunda, senão na medida em que as não deixarmos sòzinhas diante do fato consumado. Precisará então fazer equipe com elas, em seu fracasso. Se não tivermos a generosidade de dizer: «Nós erramos», ao menos poderíamos admitir: «errou-se». Uma procura em comum impõe-se então para achar o que faltou na organização ou na realização. Deixá-las sòzinhas poderia desanimá-las, censurá-las poderia revoltá-las. É exigente, dirá você! A formação de militantes é uma maravilhosa escola de formação das Adjuntas! Humildade, paciência, compreensão, bondade, acham aí seu quinhão.

Além do trabalho pedido pelo Programa, será bom conservar as militantes em contato com a vida da escola e da paróquia a que elas pertencem. Concêrtos, exposições, recepções, devem encontrá-las sempre prontas para servir. Procurar-se-á também interessá-las, sobretudo as maiores, às atividades paroquiais, a fim de que a transição se efetue, naturalmente, no dia em que elas passarem para o mundo do trabalho adulto. Aliás, a Paróquia, a Diocese, são setores da grande Igreja à qual se dedicaram no dia em que aceitaram seu mandato de militantes! Contactos eventuais tornarão possível seu engajamento subseqüente ou continuado na A.C. adulta.

A militante, e mais ainda a dirigente, deverá conhecer pessoalmente e profundamente cada um dos membros de sua equipe, e entreter com êles relações extra-escolares, de modo a situar o trabalho, a vida em equipe, tanto no plano de amizade, como no plano do Movimento. Não se trata, para a dirigente, de dar aulas, menos ainda de legislar ou de se impôr na vida das outras.

Precisará pois fazê-las entender a essência mesma de seu papel junto aos membros de sua equipe: porção do Corpo Místico, que o Cristo lhes confiou, e para isto estudar com ela as qualidades do chefe, seus meios de ação. Com as adolescentes há sempre o perigo que «desenpenhem um papel». Assim o Assistente, a Adjunta e a Conselheira deverão inquirir-se por conversas pessoais, ou pela direção apostólica, do ambiente de amizade e de trabalho que reina no seio da equipe. Não será de admirar se se encontram tentações devidas a pequenos ciúmes ou simplesmente, a mudanças de simpatia. A educação sentimental será favorecida e a evolução psicológica também.

Será necessário, outrossim, fazer com que as equipes não se fechem sôbre si mesmas, mas que se possa verdadeiramente contar com laços muito fortes entre as dirigentes e militantes, para tornar possível, se necessário, uma redistribuição das componentes das diversas equipes, e isto não só para atender ao melhor rendimento das equipes, como para se procurar uma maior homogeneidade dentro do grupo, proporcionando um melhor crescimento «junto». Como se vê, é pedir muito às jovens... mas é a idade das grandes reflexões e decisões, e a generosidade que elas manifestam, em tais circunstâncias, é às vêzes admirável. Quando se sabe apresentá-las, as jovens gostam das coisas difíceis!

Encontros especiais

Além das reuniões próprias para o andamento do movimento e das reuniões ocasionais que foram decididas pela Equipe de direção para responder a uma necessidade, há também os encontros fortuítos como êsses «bom dia» nos corredores, certas perguntas exprimindo mais interêsse do que o inquérito, reflexões breves que fazem pensar, que mantêm uma responsabilidade atenta ou que reanima um entusiasmo que está amolecendo. Se se deseja uma conversa com uma militante, é melhor apontar uma necessidade, abrir uma pista, o que provocará certamente um pedido de sua parte, do que impôr expressamente um encontro que, muitas vêzes, se torna um monólogo para a Adjunta e que acaba por um suspiro de alívio da militante.

De outro lado, a abordagem da jovem não é fácil. As adolescentes atacam raramente um problema de frente. Elas se perdem habitualmente durante 10 ou 15 minutos em preocupações oratórias. É preciso aguentar pacientemente nos começos, se não se quiser que elas se fechem, se afastem, esperando enfrentar diretamente mais tarde, quando tivermos todos os dados do problema ou quando o ambiente tiver sido criado.

Idéias fôrças

A J.E.C. das mais jovens tem uma série de idéias fôrças que exprimem em fórmulas breves e concisas as aspirações profundas de sua vida apostólica. Geralmente o movimento apresenta as principais que poderiam se resumir no têrmo único de «crescer». São : «construir minha vida», «meus talentos a serviço dos outros», «meu grupo de amigas», «uma equipe», unida ao Cristo», «tornar-se uma mulher como Maria». Precisaria saber guardar vivas e vitais estas idéias fôrças no espírito, no coração e na ação das adolescentes. Elas deverão tornar-se verdadeiros «...... «leit-motiv» conhecidos, compreendidos e vividos.

Será pois tarefa da Adjunta fazê-los reviver de tempo em tempo, no setor das jovens, sobretudo. Poderá fazer dêles a resposta muito simples a um problema apresentado ou à procura de uma conduta a adotar. Cartazes no local, ligação com as exigências de tal assembléia, tema que inspirou tal julgar : tantos meios para encontrá-las na vida, tantos meios para assimilá-las verdadeiramente. Elas traduzem, aliás, eloqüentemente as linhas de fôrça do movimento, a espiritualidade de união ao Cristo no dom ao meio através de uma equipe; desenvolvendo a personalidade e os talentos segundo o modêlo de Nossa Senhora. As Adolescentes encontram aí seu ideal e os meios de realizá-lo.

No setor das maiores e no colegial insiste-se mais sôbre certos meios sobrenaturais que asseguram a evolução espiritual daqueles que os aceitam e os vivem. Êstes meios chamados, um pouco arbitràriamente, «os cinco pontos da militante». Não são especialmente reservados às «maiores»; alguns devem mesmo se encontrar no setor das jovens, a julgar pelo enunciado : direção espiritual e apostólica; leitura espiritual e meditação; têrço, confissão e comunhão, missa e ano litúrgico. O valor formador dêstes meios é evidente. Êles não têm certamente uma igual importância, mas êles devem, todos, um dia ou outro penetrar na vida da militante. As publicações mencionam-nos eventualmente como resposta adequada a certos problemas ou como condições essenciais a uma influência apostólica. Ninguém se admirará. As militantes são cristãs e católicas : elas aceitarão redescobrir no quadro da vida ordinária do laicato êstes meios, dos quais ouviram falar nas lições de catecismo, e que são exigências para todos os cristãos que querem viver próximos do Cristo e da Igreja. Mas, contar-se-á sobretudo com o Assistente, com a Adjunta, para fazer integrar vitalmente êsses valores pelas militantes.

A pergunta que volta muitas vêzes a êsse respeito «por qual dêles começar»?... «qual é o mais importante?... A resposta não

é fácil! Uma formação metódica, em série, não se concebe. Aproveita-se dos acontecimentos, procura-se segundo as circunstâncias fazer descobrir o valor de base ou a necessidade de tal ou tal ponto que está mais em correlação com o problema estudado, se fôr em equipe — com o estado de alma da militante, se fôr numa entrevista particular. Como se vê, a «direção espiritual e apostólica» parecem duas avenidas pelas quais os outros poderão penetrar no caso de uma conversa pessoal. O programa, os boletins e a revisão de vida permitirão uma discussão aberta, muitas vêzes salutar, para revelar certos aspectos novos dêstes meios dos quais se afastou por ter ouvido demais falar dêles. Encontram-se almas que guardam, de anos anteriores, ferimentos devidos a pressões indevidas para obter tal ou tal exercício de piedade. É melhor então deixá-las falar, permitir-lhes desabafar para depois reconstruir os valores negados, apresentando desta vez princípios de base, exigências de fé e de amor, uma aceitação do mistério, sem o qual a religião não é transcendente. Uma apresentação do Decálogo como uma necessidade para viver de um modo sadio sua vida e transmití-la do mesmo modo, a dimensão social da Missa e dos Sacramentos, uma espiritualidade de «povo em marcha» que se encaminha para a Parusia e do qual o ano litúrgico faz viver as diferentes etapas. As militantes verão então um modo de vida leiga, pois quando a Adjunta é religiosa muitas adolescentes vêem nessas exigências espirituais «negócios de freira» e temem que se queira fazê-las «entrar no Convento». É preciso que elas sintam em nós um verdadeiro despojamento, uma entrega, entre suas mãos de adolescentes, de todo seu futuro. Que sejam conscientes de sua responsabilidade diante das opções. A experiência mostra que um tal desapêgo tem mais fôrça de convicção, do que qualquer outro discurso.

Êstes pontos da militante apresentam pois o que é verdadeiramente indispensável a tôda vida que quer ser verdadeiramente cristã e, com mais razão, apostólica. As jovens são menos refratárias ao espiritual do que se pensa. E pode-se afirmar que, em certos casos, ela tem uma espécie de nostalgia particular à adolescente, é certo, mas que é preciso saber utilizar.

Algumas reflexões

Vamos acrescentar algumas reflexões que situarão certos pontos nas preocupações da Adjunta.

A **direção espiritual** é uma responsabilidade estritamente sacerdotal e nós não quereríamos nos imiscuir num domínio tão

sagrado. Mas há também a «direção apostólica» que pertence muitas vêzes à Adjunta. Ela é muito importante porque implica num exame pessoal sob o ângulo apostólico e numa revisão da vida do meio. É por ocasião de uma tal direção que será possível — com muita circunspecção — fazer descobrir a uma militante que sua linguagem, seu traje, seus modos de agir prejudicam a influência que poderia exercer em seu meio : assunto muito delicado que não deve nunca ser o objeto de uma advertência em público, menos ainda de uma crítica visando a educação recebida. É considerando um melhor rendimento apostólico que se deve situar nossa simpática alusão. Neste encontro também poderia se colocar uma procura das qualidades necessárias a um líder. Não há certamente inconveniente, mas talvez um valor dinâmico em tornar uma militante consciente de tal ou tal talento, de tal ou tal qualidade que possui, se se sabe bem sublinhar as conseqüências que dêles decorrem : gratidão para com Deus, autor de todos os dons — portanto, humildade filial; responsabilidade diante do meio que dêles deve se beneficiar — portanto dedicação generosa.

Aconselhar uma pequena revisão do dia, a fazer cotidianamente, poderia ajudar a lucidez e habituar a estabelecer um balanço de vida. É preciso entretanto evitar o perigo de uma introspecção estéril que faria da adolescente uma sonhadora ou uma «contadora» mais do que uma militante.

Quanto à **leitura** e à **meditação**, podemos talvez nos perguntar o que lhes oferecem nossas bibliotecas escolares ou de Movimento? Os livros ditos de «espiritualdade» são muitas vêzes pesados ou de sentido único : a vocação, isto é, a vocação religiosa. É a leitura que alimenta a meditação e a meditação precisa de silêncio, de calma, até mesmo de solidão. Nossas militantes grandes têm acesso fácil à Capela? Sabemos fazê-las amar a Igreja paroquial? Proporcionamos-lhes tempo livre para que possam, se tiverem vontade, consagrá-los à leitura? ou à reflexão? Aceitamos partilhar de seu assunto de meditação na reunião... trocar algumas idéias ou expor-lhes clara e brevemente um método de preparação?... e isto sem tomar um tom catedrático, e sem misticismo sentimental. É então aceitar revelar um pouco o íntimo de sua alma, é verdade, mas a maternidade espiritual não deve ir até lá, com o tato e a descrição que se impõem, mas também com uma alegria comunicativa?

O têrço : É às vêzes difícil revalorizá-lo, quando na escola não se soube lhe dar um valor vital. É, pois, no decorrer de um retiro, de uma sessão de estudos ou de um acampamento que se poderá situá-lo em seu quadro : seu valor intrínseco de louvor a

Nossa Senhora, antes de ser um pedido de favor, a resposta a um desejo formulado muitas vêzes pela Virgem, sobretudo em Lourdes e Fátima, um meio de viver 10 minutos em comunhão de alma com Maria, através dos mistérios de seu Rosário.

A penitência, sacramento do perdão e da renovação, para a alma e para todo o Corpo Místico, precisa também ser revalorizado a fim de desprendê-lo dêste ambiente de vergonha e de angústia que implica a confissão e fazer dela um «sinal» da união ou da reunião na amizade do Cristo.

A Eucaristia, tão ìntimamente ligada à Missa, não revela senão lentamente a inefabilidade de seu mistério, do ato augusto que a enquadra. A Missa é a homenagem de todo o cosmos, ao Deus Criador, mas é também a oferenda consciente do homem a Deus, seu Pai, através do sacrifício do Cristo Mediador e Redentor! Não é verdadeiramente completa senão com a descida do próprio Cristo na alma da criatura que se une a seu Criador, do resgatado que se une a seu Redentor : gesto de amor que o Espírito torna possível e que a inteligência humana não pode entender plenamente.

O ano litúrgico, como já o dissemos, faz os «peregrinos do Absoluto» reviverem as diversas etapas de sua marcha para Deus. A Páscoa torna-se o centro de nossas vidas e é, guiadas pelo Cristo vivo e ressuscitado, que empreendemos a última etapa que nos conduzirá à Parusia. Entende-se então a necessidade de interessar as militantes nos ofícios litúrgicos da paróquia e de fazê-las comungar plenamente a vida da Igreja. As paraliturgias não serão verdadeiramente formadoras senão na medida em que permanecerem fora da fantasia e no contexto da Bíblia e da liturgia.

Recolhimentos

São tempos fortes para retomar fôlego na subida. Olhar para frente e olhar para trás, sôbre o meio e sôbre si mesma, tomada de consciência da situação presente, de um modo lúcido e preciso — tudo na luz de um tema escolhido ou de um aspecto da vida do Cristo : eis o que permite saber exatamente onde se está. Os recolhimentos são indispensáveis para a marcha do movimento como para a evolução espiritual das militantes.

É ao Assistente que incumbe o dever de preparar e de dirigir um recolhimento, a menos que êle deseje confiar êste trabalho a um confrade aceite das militantes.

Um tal modo de agir pode ser útil num grupo do secundário e colegial a fim de procurar um intercâmbio com outras pessoas engajadas no apostolado e, quem sabe, facilitar uma certa liberdade de expressão. Num grupo que não tenha Assistente, a Adjunta não deve hesitar em tomar a iniciativa para organizar equipes, procurando então um sacerdote dedicado e disponível que seja simpático às almas. Ela deverá até tomar pessoalmente a responsabilidade, no caso em que não encontrasse ninguém.

É preciso saber excitar nas militantes um gôsto pelo recolhimento, que não deve ser organizado à maneira de um retiro tradicional. As militantes precisam de uma parada, de uma procura espiritual em comum, de debates, de reflexão e de silêncio. É tudo isso que se deverá encontrar no programa de um tal encontro.

Para as jovens, evitar-se-ão as longas exposições doutrinárias. Antes apresentar-se-á um fato, uma parábola que se explorará por meio de questões acertadas, de reflexões breves, de silêncios cheios — cortados de cantos de salmos... de danças folclóricas, se precisar, para suavizar um período longo demais ou muito pesado.

Com as maiores pode-se certamente arriscar uma exposição breve, clara e precisa que alimentará em seguida uma meditação ou uma pesquisa para chegar a um debate. Aqui também não se esquecerá o valor pacificante do canto... e a resistência limitada das estudantes.

Em certos casos, segundo a idade, o grau de engajamento das militantes ou as condições do meio, o recolhimento poderá ultrapassar as duas ou três horas das mais novas, até o dia todo das maiores, para se tornar um estágio de fim de semana. A Adjunta e o Assistente julgarão as necessidades das militantes, sua disponibilidade... e também o programa que lhes podem oferecer.

De todo jeito, o recolhimento é essencial à vida do movimento e ao engajamento autêntico ds indivíduos.

É êle que faz evitar o escolho do ativismo, que une as militantes numa aventura-espiritual em função do meio, que as compromete numa obra de Igreja e que as põe em contato pessoal com o Cristo, estabelecendo assim as bases desta espiritualidade comunitária eclesial e cristocêntrica que é a da J.E.C. Nessa ótica, a missa terá, tanto quanto possível, um lugar privilegiado em tais encontros.

Conclusão

Esta última parte não oferece certamente uma exposição exaustiva do que pode fazer a Adjunta para a formação da mili-

tante. Permaneceu talvez no domínio dos princípios... mas como tentar apresentar e sobretudo descrever as situações tão diferentes que podem se apresentar no meio estudantil, do grande colégio em que a Adjunta apenas vê as militantes, até ao Ginásio do interior onde tudo é tão simplesmente familiar ao redor daquela que é ao mesmo tempo, titular da classe, professôra especializada responsável pelas atividades dirigidas, vigilante do pátio de recreio, que sei mais! De um lado, é a grande organização sistemática e de outro é a sobrecarga. Além disto, há tôda a gama das necessidades e das reações que se elevam da alma das jovens, desde as menores: com alegria barulhenta, oração espontânea e generosidade fácil; até as grandes colegiais mais reservadas em sua alegria, mais racionais em sua oração, mais circunspectas em seu dom, mas não menos generosas e ardentes. E neste amálgama de sons : as notas duras ou sofredoras de uma liberdade que quer se libertar de um constrangimento, de um namôro que reclama encontros sentimentais, de um ideal que esbarra nas misérias da vida, de um entusiasmo que vai de encontro ao ceticismo e à ironia, de uma solidão que procura a compreensão e o amor, de uma alma à procura de Deus.

Estar à escuta das jovens é ouvir tudo isso. E, então, como modificar a posição da educadora que cheia de seu complexo de competência decidiu «moldar» suas militantes à sua imagem e semelhança? Como ajudar a fazer desaparecer a pusilânimes, que tem mêdo dos problemas dos outros porque muitas vêzes ela está fechada nos seus? Como moderar, sem quebrar, aquela, que se dá com alegria e ardor, mas cujo zêlo muitas vêzes intempestivo esquece a hierarquia dos valores e a capacidade de resistência limitada das jovens? Como dar confiança àquela que, talvez incompreendida em seu meio, porque os resultados não são suficientemente aparentes, faz entretanto as almas se desabrocharem na união com o Cristo e Nossa Senhora, na caridade fraterna que se vive através do «ver-julgar-agir» de seu Programa? É muitas vêzes na Adjunta que começa a verdadeira formação da militante».

Ainda é hora de se partir à procura, à reflexão, à experimentação, e à colaboração! A hora é sobretudo para testemunho total de nossa vida de mulheres educadoras, leigas ou religiosas, trabalhando em A.C. especializada que S.S. João XXIII descreveu pelas três palavras : «ajuda, espêlho e sinal». (10 de janeiro de 1960, aos membros da A.C. Italiana).

CONSELHEIRA

Conselheiras são ex-dirigentes jecistas que, tendo saído dos quadros do Curso Secundário, continuam, até quando útil e necessário, a prestar uma ajuda ao Movimento. Cabe à Conselheira colaborar com a Assistente e a Adjunta na formação das militantes e dirigentes, de tal forma que, um dia, umas e outras possam passar sem ela, já substituída por outra, junto a outras militantes e dirigentes.

A Conselheira deve ser, essencialmente, uma **educadora,** e precisa ter no mais alto grau o sentido de doação. Como **educadora,** ela sabe compreender, corrigir, estimular. Como

apóstola, ela se entrega totalmente ao seu trabalho de descobrir, formar e manter a fibra das que vão ser apóstolas no meio estudantil.

Ela sabe que não há apostolado fecundo sem que haja responsáveis que estejam prontas a se **dedicarem totalmente**, a **assumirem** as dificuldades e fraquezas dos outros, a se **comprometerem**, isto é, a aguentarem todos os trabalhos e sacrifícios que o seu cargo exige.

Ela precisa, antes de tudo, **acreditar na JEC**, possuir profundamente sua mística, conhecer largamente sua técnica de trabalho. Ela precisa aceitar o seu cargo como sendo realmente um chamado especial que Deus lhe faz, como um meio providencial que sirva à sua santificação e ao seu aperfeiçoamento humano.

Quem deve ser Conselheira ?

De um modo geral, qualquer boa dirigente pode vir a ser uma boa Conselheira. Nesta escôlha devemos levar ainda em consideração :

- se a ex-dirigente tem vocação para lidar com adolescentes, se é bem aceita pelas secundaristas, tendo facilidade para confraternizar com elas;

- se, apesar de ter mudado de setor, por ter concluído o secundário, ela pode se realizar como Conselheira, sentindo-se capaz de dar alguma coisa ao Movimento.

É bom frisar bem êste ponto a fim de que, ao se fazer a escôlha daquelas que deverão ainda continuar ligadas ao Movimento, leve-se muito em conta a realização pessoal de cada uma, e que esta não seja imposta, mas que seja uma conclusão comunitária dos que atualmente dirigem o Movimento e da própria candidata ao cargo. Êste cuidado é importante, não sòmente para o caso das Conselheiras, mas para qualquer nomeação que tenhamos de fazer em JECF, desde uma simples encarregada de serviços até às dirigentes em plano : diocesano, regional e nacional.

Tendo já saído do Colégio, a Conselheira conta com **a experiência de quem já viveu todo o ciclo** da vida colegial. Tendo feito todos os passos «da matrícula à formatura», tendo experimentado tôdas as dificuldades, está assim em condições de atender bem às dirigentes e militantes que estão vivendo agora situações já vividas por ela mesma, há bem pouco tempo. A Conselheira deve ser

uma ex-jecista. Uma pessoa em outras condições, por ex. uma professora do colégio, poderá dar uma ajuda muito grande a um grupo de JECF, mas então sua atuação se aproximará mais do papel de Adjunta (Adjunta Leiga, ao lado da Religiosa).

O apostolado no meio estudantil pertence — **de direito** e **como condição de eficiência** — à militante secundarista. Ninguém pode substituí-la, ninguém pode fazer o que ela faz. Ninguém mais apto a conhecer o meio, a descobrir as soluções apropriadas para os problemas estudantis e agir «por dentro» para a cristianização das suas colegas e do seu meio.

Mantendo-se no seu posto de «**fazer fazer**», e não de fazer simplesmente, dando uma ajuda em profundidade para a formação da militante, permanecendo no seu lugar específico, em seu trabalho (um tanto ingrato, por ter a sua perfeição no ser executado sem aparecer), ela será preciosa **colaboradora** para que a JECF se afirme numa linha de autenticidade.

Porque uma Conselheira ?

Para responder a esta pergunta temos que lembrar o fim último da JECF, que é a recristianização do meio estudantil, através da formação e da atuação de elementos do próprio meio a ser transformado. Um trabalho de recristianização, ou de cristianização simplesmente, supõe uma mudança profunda de mentalidade. Ora, isto não se faz ràpidamente, é preciso um trabalho constante e profundo, daí a importância que o Movimento dá à formação das militantes e dirigentes.

A JECF forma suas militantes, isto é, proporciona-lhes os meios necessários ao desenvolvimento de suas personalidades, com o auxílio de pessoas capazes de as entender e ajudar em sua educação.

Donde concluir que a ação da JECF não se realiza sòmente pelas campanhas e serviços ou atividades, em si mesmas, mas pelo espírito que orienta e fundamenta tôda ação.

Em vista disto podemos constatar o importante papel da Conselheira dentro do Movimento. As militantes e dirigentes muito se beneficiarão da ajuda da Conselheira, uma vez que se encontram ainda :

- em plena adolescência, quando mais necessitam de uma ajuda, de uma orientação firme e próxima a elas, a fim de poderem vencer mais fàcilmente, esta fase em que tudo se nos apresenta como novidade; quando o desabrochar

de tôda a vitalidade as impulsiona para as grandes realizações e o arroubo do idealismo não tem a devida calma para amadurecer as idéias;

- muito envolvidas pelos problemas do dia a dia do Movimento, desde que são militantes em seu meio — tendo de se inserir perfeitamente dentro do ritmo do trabalho que os estudos de uma escola secundária lhes impõem as dirigentes terão necessidade de uma ajuda para chegar a uma visão geral dos problemas, das particularidades de cada colégio, dos rumos que são dados ao Movimento, em vista de uma educação integral, e não apenas de «fazer movimento».

Conselheira, Adjunta e Assistente

Muitas vêzes surgem dúvidas quanto à necessidade de Conselheiras, quando o Movimento já conta com presença do Assistente e, muitas vêzes, da Adjunta. No entanto cada um tem uma posição bem distinta dentro da JECF.

A Adjunta é uma educadora do Colégio, e que tem a grande missão de pôr a JECF em sintonia com todo o trabalho do educandário, fazendo como verdadeira militância, um trabalho entre os outros educadores. Junto às jecistas desempenha papel importantíssimo, especialmente velando para que se viva a espiritualidade bem unida à ação que o Movimento desenvolve.

O Assistente tem também uma tarefa bem caracterizada a desempenhar : é a presença da Hierarquia junto ao Movimento; é uma presença ministerial, em razão do seu sacerdócio; é um educador de miltantes, levando para o Movimento uma contribuição que lhe é própria.

A Conselheira é uma educadora dentro do Movimento Jecista. A contribuição especial da Conselheira se deve ao fato de estar bem próxima ainda do meio formado pelas jovens em idade de JECF; por estar apenas saindo de uma experiência semelhante, tendo convivido com as militantes que agora assumem responsabilidades que eram suas, até bem pouco tempo; pelo fato de ser leiga, como as jecistas, podendo dar assim um testemunho bem grande de incarnação real dos princípios, num estilo de vida bem próximo das meninas; por continuar, muitas vêzes, ligada ao meio estudantil, (ainda como aluna na Universidade, em cursos especiais, preparando vestibular, etc.; algumas começando também o exercício do magistério primário). Todos juntos — Assistente, Adjunta, Conselheira — influem na formação das militantes, de-

vendo, por conseguinte, haver uma boa compreensão entre êles, a fim de dar lugar a um verdadeiro trabalho de equipe, onde, na diversidade das funções, produzam um todo harmônico e único: a FORMAÇÃO DA MILITANTE.

Formação da Conselheira

Do mesmo modo que há uma preparação para as dirigentes, haverá também uma preparação para as Conselheiras. Não podemos dar uma responsabilidade a alguém, sem que antes tenhamos feito uma preparação para que a responsabilidade seja bem assumida. Cabe portanto ao Assistente, Adjunta e Conselheira do diocesano, velar especialmente pela formação de futuras conselheiras. Para isto pode-se aproveitar tudo que é sugerido para a formação de dirigentes, de um modo mais profundo e adaptado às exigências do novo papel a desempenhar. Aliás o bom desempenho de um cargo de direção da JECF, devidamente assistido por quem sabe ao que quer chegar, poderá ser automàticamente uma boa escola de Conselheiras.

1) A Conselheira não deve:

- apegar-se ao cargo;
- nutrir apreensões (receio constante de tudo, criando casinhos... dificuldades);
- «ruminar» sôbre o que «já sofreu», pois isso **não ajuda as** Dirigentes e Militantes;
- ser inapta a ajustar-se, quando algo a desajusta;
- evitar manhosamente a responsabilidade, achando-se incapaz... sem realmente ser;
- deixar-se levar pelas emoções (ser impulsiva);
- ser o tipo «E-R»... (havendo estímulo... tem-se logo a reação...);
- ser espinhenta, suscetível, sentimental;
- querer receber muito e dar pouco;
- ser demais dependente dos outros, nem... ser de todo independente;
- explicar ou aceitar seus erros ou falhas, por desculpas ou culpando os outros ou os acontecimentos;
- ser inapta para encarar a realidade da vida, mas ter o que os psicólogos chamam: «contextura existencial» (objetiva, otimista, jovial).

2) **A Conselheira deve :**

- aceitar o seu encargo como sendo realmente um «chamado de Deus», um chamado especial que Deus lhe faz, como um meio providencial que sirva à sua santificação e ao seu aperfeiçoamento humano;
- dispor-se a corresponder à graça que recebe e lançar-se à obra da santificação das estudantes;
- ser objetiva, conhecer-se como é, e não como pensa ser ou como deveria ser.
- ser capaz de reconhecer que errou e... recomeçar;
- ter uma filosofia, uma teologia de vida;
- ter uma «Cosmovisão»; ser internacional, sem deixar de ter visão local...
- ser uma pessoa «madura», capacitada a integrar-se num trabalho;
- ser flexível, ampla, aberta, arejada e não de «bitola»;
- ser sensível, voltada para o belo, para o nobre, o ideal, para a arte, para o afeto, a amizade;
- ser desinteressada, nada fazer por recompensa imediata;
- saber encarar as cousas com os olhos de seus interlocutores;
- ser abordável;
- lembrar-se de que : sendo a JECF movimento de adolescentes, é um movimento naturalmente sujeito a altos e baixos, cousa própria à idade;
- que a JECF é um movimento que recomeça sempre, dadas as entradas do pessoal...
- ter em mira que a militante é «uma militante de Ação Católica», e que o setor JECF é setor de passagem. Prepará-la pois para continuar a militar na JIC, JUC, JAC, JOC e nos Movimentos de Adultos de A. C.
- ser discreta, não desejando ser «vedete» (todo mundo atrás, em derredor, é a tal...);
- não temer as críticas, as incompreensões, as deserções, as ingratidões, as «alfinetadas»;
- ter o senso das «oportunidades» : devo continuar, devo sair; devo falar, devo aguardar, calar, etc.
- ter bem presente que, dando, está recebendo. Portanto : nada desperdiçar do que recebe da JECF. Para, no fim de contas, não pensar que a JECF «a consumiu»;

- desenvolver-se em todos os sentidos, e para isso :

  — tem um cuidado especial para aprender;
  — é ela própria uma militante em seu meio de vida, de trabalho, etc.
  — é bem integrada na sua família, em sua profissão, seus estudos;
  — procura um «reabastecimento» freqüente (por uma leitura espiritual feita seriamente, por uma oração mais prolongada, meditação mais cuidada, que manterá o equilíbrio de sua vida espiritual).
  — procura com regularidade receber direção espiritual e apostólica;
  — conhece sempre melhor a JECF (através de leituras sôbre o assunto, reflexão sôbre as suas experiências);
  — procura conhecer cada vez mais, a psicologia das adolescentes (leituras, cursos especializados);
  — faz verdadeira equipe com as outras Conselheiras, sem passar a constituir um «grupo» dentro da JECF; não isolar-se no seu trabalho, saber pedir ajuda;
  — não esquece o seu «crescimento» em tôdas as direções que os seus talentos indicam : literatura, declamação, música, pintura, etc.); «ter tempo» também para isto.
  — procura inteira integração no movimento : mantendo contato regular com a Equipe de Direção da JECF; adapta a orientação recebida, preocupando-se com a sua execução, para que seja sempre fiel aos objetivos; faz equipe com as Adjuntas: informando-as e estudando com elas os problemas e as soluções a se adotar; forma e apoia as Dirigentes; **Prepara com as** dirigentes : os círculos, etc., etc.; faz revisão.
  — conhece as militantes; sabe distribuir encargos, tarefas e não ser absorvente.

- **Ter sempre presente**, que, mesmo sem querer, sem pensar, VAI SE ENCARNANDO EM ALGUÉM... (e, que responsabilidade!). É ainda a Pedagogia, a Filosofia da Educação no seu capítulo : «Todo ser é educável» que assim se exprime : «O instinto de adaptação é a imitação. A criança, o adolescente, têm uma tendência inata de imitar os mais velhos, de se adaptar a êles. Isso não é só em maneiras

externas, mas em opiniões e julgamentos. Vai mais longe essa tendência, e é mais profunda. A criança, o jovem, percebe naturalmente que os mais velhos são mais perfeitos — e uns e outros querem ser mais perfeitos. É a própria fôrça do «descontentamento» com a perfeição possuída, em face da perfeição maior»;

— deve ser uma dirigente qualificada, sob as vistas do Assistente, da Adjunta, estar à altura de ser orientadora das Dirigentes;

— ter no mais alto grau o **sentido de doação**, para ser realmente educadora;

Como educadora: sabe corrigir, estimular, compreender;

Como apóstolo: entrega-se totalmente ao seu trabalho de descobrir, formar e manter a fibra das que vão ser apóstolas no meio estudantil. Sabe que não há apostolado fecundo sem que haja responsáveis que estejam prontas a se **dedicarem** totalmente, a assumirem as dificuldades e fraquezas dos outros, a se comprometerem, isto é: a aguentarem («sustinere», como dizia São Paulo) todos os trabalhos e sacrifícios que o cargo exige.

- **Acreditar na JECF** (ver Boletim n. 45), possuindo profundamente sua mística, sem se esquecer que esta existe como decorrência da mística do apostolado, conhecendo largamente sua técnica de trabalho.

Qualidades da Conselheira:

a) **qualidades humanas** (inatas ou adquiridas)

— entusiasmo, simpatia, jovialidade, alegria, naturalidade;
— simplicidade, firmeza, ser abordável, equilibrada, ter o senso das proporções;
— espírito combativo, empreendedor, entusiasta;
— pontualidade; (também pontualidade em tudo, no sentido de ser primeira... EXEMPLO);

b) **qualidades sobrenaturais**

- — visão sobrenatural de seu trabalho junto às estudantes; espírito de fé a tôda prova;
- — humildade; caridade que não canse, não se irrite, tudo suporte, nunca se acabe;
- — saber e viver a doutrina; ter vida sacramental intensa. Viver a vida de Cristo para fazê-lo viver nos outros.

Aconselhamento de KELLER, após uma sondagem entre futuras orientadoras educacionais :

Keller, pedagogo, psicólogo, sociólogo, apresentou um gráfico, com as qualidades principais, as mais apontadas por professôres, pais, alunos, requeridas numa orientadora educacional; calham bem para a Conselheira :

por **fé** êle compreende : visão sobrenatural, teologia de vida
por **trabalho** : dedicação, apreendimento, iniciativa;
por **recreação** : alegria, jovialidade, otimismo;
tudo estruturado no **amor**, na disponibilidade, no **IDEAL.**

Keller chama ainda a atenção para três pontos, como índice de contra-indicação para aceitar-se alguém como orientador educacional (aplicar ao caso da Conselheira) :

a) Os tipos puramente **aspirativos** (os que vivem idealizando e que pouco ou nada realizam). Aconselha a preferência de tipos auxológicos (os do dever). Sacrificar as aspirações pelo **dever de cada momento.**

b) os tipos **superficiais** (medíocres, desalentados, os que vão na onda...) dando preferência aos que nunca se ocupam ou preocupam com puerilidades (bagatelas, trivialidades).

c) Timidez excessiva, baseada em complexos arraigados, propensos a neuroses, que terminam em psicoses. Preferir os que vivem um ideal, incarnam êsse ideal, sendo capazes de fazer alguém participar do mesmo. Acentua : ser capaz de dedicar-se por afeto...

Técnica e Mística da Conselheira :

a) **Técnica :**

— Mostrar como se faz;
— ensinar a fazer;
— fazer-fazer;
— estimular as qualidades e possibilidades naturais;
— pedir contas das responsabilidades que distribuiu;
— descobrir os valores e formá-los;
— acreditar nas possibilidades dos outros;
— velar para que se valorizem o mais completamente possível (formem-se integralmente);
— **não absorver a JECF**
— ter uma visão de conjunto da JECF.

b) **Mística :**

— ter bem presente a palavra de Cristo : «Eis aí eu vos envio o meu «anjo» que aparelhará o teu caminho diante de ti» (Mat. XI, 10); «Para servir» (Mat. XX, 28);
— ser como a água fertilizante debaixo da terra (opera e não é vista).
— se de todos os Cristãos se exige uma atuação apostólica, decorrente de sua inserção no Corpo Místico, há os que foram chamados especialmente ao apostolado na Ação Católica. Dentro da A. C. há alguns a quem se pede mais, pois a êles foi confiada uma responsabilidade maior. As Conselheiras estão neste caso;
— dizer com São Paulo : «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim». «tudo reputo como de nenhum valor, para ganhar a Cristo».
— depois de tudo ter feito, dizer : «sou servo inútil». «Tudo posso n'Aquele que me conforta».